UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE

Kátia Regina Lima Guedes

ENCANTARIAS DA FLORESTA: Um estudo de narrativas orais, memória e identidade da comunidade Ramal dos Guedes - São Miguel do Guamá

Marabá-PA
2021

Kátia Regina Lima Guedes

ENCANTARIAS DA FLORESTA: Um estudo de narrativas orais, memória e identidade da comunidade Ramal dos Guedes - São Miguel do Guamá

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – POSLET, do Instituto de Linguística, Letras e Artes (ILLA), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), na Área de Concentração: Linguagem e Sociedade e na Linha de Pesquisa Estudos Comparados, Culturais e Interdisciplinares em Literatura como requisito para obtenção do título de mestre em letras.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Penalva

Marabá-PA
2021

Kátia Regina Lima Guedes

ENCANTARIAS DA FLORESTA: Um estudo de narrativas orais, memória e identidade da comunidade Ramal dos Guedes - São Miguel do Guamá

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - POSLET, Área de Concentração: Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa: Estudos Comparados, Culturais e Interdisciplinares em Literatura, do Instituto de Linguística, Letras e Artes (ILLA) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), como requisito para a obtenção do título de mestre.

Aprovado em_____/____/_____

_____

Profº. Dr. Gilson Penalva (Orientador)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA

_____

Profª. Dra. Maysa Teixeira Paulinelli
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA

_____

Profª. Dra. Lorena de Carvalho Penalva
Instituto Federal do Pará- IFPA

Ao meu pai, José Orlando, que contou e me encantou com o mundo mágico das narrativas orais; à minha mãe, Maria das Graças, que sempre me apoiou nessa longa jornada.

Aos meus amigos da turma do POSLET 2019; Ao meu orientador, Prof. Dr. Gilson Penalva.

AGRADECIMENTOS

Feliz é o homem que confia no senhor!

Minha gratidão a Deus, pela saúde, pelo dom da vida, pelo discernimento e sabedoria ao longo desta trajetória;

Aos meus pais e meus irmãos, pelo amor, apoio, compreensão e por acreditarem na minha capacidade;

Às minhas amigas e aos amigos, em especial ao meu amigo Jairo Miranda – *in memoriam* - que desde a primeira etapa da prova do mestrado acreditou em mim e disse que teria uma amiga mestra;

Aos meus tios e tias, por todo carinho;

Aos meus avós, Honorato e Daíca, por todo amor demonstrado a mim;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Gilson Penalva, pela paciência, apoio e compreensão, pessoa a quem serei sempre grata;

A todos os narradores da comunidade Ramal dos Guedes, que dedicaram alguns minutos do seu tempo para narrarem suas histórias pessoais e a história da comunidade, sem a ajuda deles a produção deste trabalho seria impossível;

Ao Joel Castro, que tem me apoiado e me incentivado muito nesta trajetória, muito obrigada pelo amor e carinho;

Aos professores do Programa de Mestrado em Letras;

Aos meus amigos da turma do POSLET 2019, em especial ao Francisco Magalhães, Eva Fernandes, Aline e Suzana Pacheco;

Ao meu amigo da turma de letras UNIFESSPA-2010, Airton Souza, que muito me ajudou e me orientou para o ingresso no mestrado.

Ao Raimundo Santana, discente do curso de história, o qual me relatou sobre as festas tradicionais religiosas da cidade de São Miguel do Guamá.

À CAPES, pelo apoio financeiro, sem o qual a minha continuação neste curso seria difícil.

RESUMO

Os processos de construção de identidades das comunidades amazônicas estão ligados, de modo significativo, histórica, cultural e socialmente ao imaginário popular. Nesse contexto, os encantados fazem parte desse imaginário e do cotidiano das pessoas que vivem nessas regiões, ocupando um lugar importante em suas narrativas de vida, experiências e comportamentos. Essas narrativas seguem os seus caminhos por meio das vozes dos narradores que contam e encantam os seus ouvintes. Porém, algo está mudando a cultura de algumas comunidades da região amazônica na atualidade. Alguns encantados que faziam parte do cotidiano de muitas comunidades estão desaparecendo. Nessa perspectiva, busca-se por meio deste trabalho abordar as narrativas orais que envolvem os encantados da comunidade rural Ramal dos Guedes, localizada no município de São Miguel do Guamá-PA. O objetivo deste trabalho é averiguar porque as narrativas de encantarias estão em declínio na comunidade, já que no passado as histórias eram narradas e ouvidas com mais frequência. Deste modo, intentaremos apresentar os possíveis elementos que desvelem a ida desses seres para outro lugar ou o seu desaparecimento; discutindo, a favor disso, cultura; narrativa oral com ênfase na memória e identidade da comunidade e a relação dessas narrativas com o processo de identificação cultural e memória local. O *corpus* da pesquisa é constituído por análise de documentos e entrevista informal realizada com treze moradores. As análises dos dados coletados indicam que os seres fantásticos eram presentes na vida diária e no imaginário do povo dessa localidade há algum tempo, mas segundo os moradores, com o desmatamento quase todos os encantados foram para a floresta grande, dentre eles destacam-se o *Pretinho do Miritizeiro*, o *Bode da Ladeira* e o *Curupira*. O ser que ainda habita essa região, segundo os narradores, é a *Matinta Perera* e alguns encantados do igarapé do ramal. As *assombrações* são vistas com menos frequência, enquanto os outros permanecem no imaginário da comunidade. Dentre os autores abordados neste estudo nos embasamos em: Pizarro (2012), Maués (2005), Laraia (2001), Cascudo (2006), Bhabha (2013) e Benjamin (1994).

Palavras-Chave: narrativas orais; encantados; narradores; cultura; modernidade; Amazônia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....8

1. DADOS GERAIS DA REGIÃO DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ.....14

1.1. Comunidade Ramal dos Guedes: História, memória e cultura.....19

1.2. Os Encantados da Comunidade.....28

2. A MEMÓRIA COMO RESCONTRUÇÃO DO PASSADO.....35

3. CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL.....41

3.1. Amazônia: Histórias, lutas e culturas.....50

4. LITERATURA ORAL E NARRATIVAS ORAIS.....58

4.1. A Força Humanizadora das Narrativas Orais.....68

4.2. Os Narradores e as Narrativas Orais na Era Moderna.....75

4.2.1. A Modernidade e o Sumiço dos Encantados da Comunidade Ramal dos Guedes.....82

5. HISTÓRIAS DE ONTEM E DE HOJE: OS NARRADORES, A PERFORMANCE E OS ENCANTADOS.....90

5.1. Criando um Perfil: Narradores em cena.....92

5.2. Encantados: Quem são eles?.....96

5.3. O fiiit, fiit, fiut: Encantado ou gente?.....99

5.3.1. Religiosidade e Alteração dos Discursos.....106

5.4. Dentro da Mata: Cadê o caminho de volta para casa?.....109

5.5. No meio do Caminho, na Estrada e nos Igarapés: Outros encantados.....112

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....119

REFERÊNCIAS.....123

ANEXOS.....12

INTRODUÇÃO

Durante a minha infância, o meu pai contava, para mim e para os meus irmãos, histórias populares e de encantarias que, segundo ele, tinha ouvido do seu pai, meu avô, ou vivenciado nas matas da região. Assim como ele, outras pessoas da comunidade Ramal dos Guedes[1], na qual eu fui criada, também narravam as suas histórias. Eram histórias de fantasmas que vagavam pelos caminhos; de um bode encantado que aparecia repentinamente na ladeira, na estrada; dos *Pretinhos do Miritizeiro* que habitavam o igarapé do meu avô e assombravam as crianças que o frequentavam; da *Matinta Perera,* entre outras histórias que eram narradas por pessoas mais velhas. Essas eram contadas especialmente no fim da tarde e/ou à noite ao redor da lamparina ou sob a luz do luar. Era um ritual que nós, os mais novos, aguardávamos ansiosos, pois não existia energia elétrica e a nossa única distração, durante a noite, era ouvir as belas histórias que nos deixavam amedrontados e ao mesmo tempo encantados.

Naquela época tranquila, também nos reuníamos na calçada da escola. Nós éramos pessoas de ambos os sexos e de várias idades, ouvindo e contando narrativas dos seres encantados. Em meio à escuridão da noite, admirávamos as estrelas do céu que iluminavam a reunião. Quando era noite de luar, agradecíamos a luz que vinha para iluminar aquela noite de contação de histórias e refletíamos sobre possíveis eventos sobrenaturais que poderiam acontecer naquele momento, ea tensão tomava conta dos mais novos.

Os mais velhos começavam a contar as suas experiências de vida, dos bailes de antigamente, da tradicional festa de São João, dos seus casamentos, das fugas da casa dos seus pais para a casa do futuro marido, entre outros fatos curiosos. E assim, por horas incontáveis, as narrativas seguiam nas bocas dessas pessoas vividas. De repente, das suas narrativas de vida passavam a contar histórias de encantarias: da *Matinta Perera*; das *assombrações* vistas no meio do caminho, nas matas; do bode que passava na estrada, que no ritmo que corria também crescia. Com “calafrios”, ouvíamos atentos essas narrativas.

Eu, ingênua, encantada e extasiada, imaginava na mente o cenário e o

[1] Ramal dos Guedes é uma comunidade rural, localizada a uma distância de 25 km² da cidade de SãoMiguel do Guamá, região nordeste do Pará.

momento de terror que os narradores-personagens vivenciaram no encontro com os encantados, pois quando ouvíamos as histórias entrávamos em estado de devaneio. Bedran (2012) descreve que o ouvinte, ao escutar histórias, entra no estado de devaneio e em sua imaginação gera um mundo sonhado no qual dialoga eo liberta do real. E isso era o que ocorria conosco, como se fôssemos transportados para um mundo encantado, proporcionado pela mediação de quem contava as histórias.

Nesse momento sublime de escuta das narrativas, o temor também tomava conta de nós, porém, não queríamos parar de ouvir aquelas belas histórias. E quanto mais ouvíamos, mais mergulhávamos nesse universo encantado. Mas, de repente, alguém falava: E*stá na hora de parar.* Era uma frase proferida devido ao medo que crescia cada vez mais. E a qualquer barulho diferente, o coração acelerava: O*lha... é a visagem, é a Matinta*, sussurravam algumas pessoas. As horas iam passando e ficávamos na calçada da escola com medo de ir para casa, mas o medo não era dos ladrões que poderiam passar e fazer alguma maldade para nós, era dos seres encantados que poderíamos encontrar pelo caminho de volta. Então, esperávamos resquícios de coragem surgirem para irmos todos juntos.

Na caminhada de volta, na escuridão da noite ou sob a luz do luar, o coração batia em ritmos mais acelerados, a sensação era que a qualquer momento iríamos nos deparar com os encantados. Era uma sensação de pavor total, pois eles faziam parte da nossa realidade. Em casa, sob a luz da lamparina ou das velas, após o jantar, deitávamos e apagávamos as luzes que clareavam o quarto e a casa, e algumas vezes ouvíamos um *fit, fit, fiiit.* Ficávamos caladinhos, quietos em nossas camas ou na rede, escondidos embaixo do cobertor, com as unhas cobertas, porque já sabíamos que era a *Matinta Perera*. No outro dia pela manhã, a pergunta que se ouvia na redondeza era: Vocês ouviram o assobio do *Matin*[2]?

Porém, alguns seres encantados já não são mais vistos e nem ouvidos por lá. Algo aconteceu para que fossem embora dali. Talvez a tecnologia tenha contribuído para o sumiço do *Bode da Ladeira* e de outros seres encantados. Por isso, este trabalho tenta fazer um estudo sobre essas histórias orais contadas na comunidade Ramal dos Guedes, localizada no município de São Miguel do Guamá, região nordeste do Pará. É um trabalho de campo, com a abordagem de pesquisa-ação:

[2] É o outro nome para a *Matinta Perera.* Uns dizem que pode ser este ser na versão masculina.

> A pesquisa ação é um tipo de pesquisa social, com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p.20).

A escolha dessa comunidade se deu pelo fato de lá existirem muitas histórias sobre os encantados, os quais conviviam e amedrontavam o povo desse lugar. Nela, existe uma diversidade de histórias orais que fazem parte da cultura dos moradores. Porém, com a chegada da modernização, algumas mudanças vêm acontecendo por lá. Essas histórias já não são mais contadas e ouvidas como eram há alguns anos. Os discursos sobre os encantados não são mais proferidos como antigamente, especialmente pelos jovens dessa comunidade, que não mostram mais interesse em ouvi-los. Alguma coisa está acontecendo na atualidade e mudando o cotidiano dessas pessoas do Ramal dos Guedes. Será que essas pessoas deixaram de acreditar nesses seres? Ou foi a modernidade e o desmatamento que expulsaram os encantados para longe desse lugar?

Devido a esses questionamentos, os objetivos específicos desta pesquisa são: discutir cultura e literatura oral, com ênfase na memória e identidade da comunidade Ramal dos Guedes, para assim tentarmos conhecer um pouco mais sobre ela e suas histórias; coletar narrativas orais de encantarias desta comunidade e transcrevê-las; associar a relação dessas narrativas com o processo de identificação cultural e memória local; compreender os processos de modernização e as alterações culturais sofridas nesse lugar. Assim, buscaremos por meio deste trabalho abordar as narrativas orais que envolvem os seres encantados do Ramal dos Guedes e averiguar porque esses seres estão em declínio nas narrativas do povo dessa localidade.

Para a realização deste trabalho, tivemos como sujeitos os moradores da comunidade, especialmente os que falaram ter sido assombrados, acompanhados ou maltratados por algum encantado; a primeira professora da comunidade e o secretário adjunto da cidade de São Miguel do Guamá, pois precisaríamos conhecer e escrever sobre a história e a cultura do município em que a comunidade pesquisada está inserida. A partir desta pesquisa com o secretário, tivemos acesso a um documento do município que permitiu termos esses conhecimentos históricos.

Também tivemos acesso a um documento antigo do terreno que hoje vive a comunidade: o “Livro-Ata”, no qual eram registradas as reuniões coletivas, com

informações cuja memória dos moradores não poderia armazenar por completo. Mas, infelizmente este foi devorado quase que completamente pelas traças, não sendo possível tirarmos qualquer informação dele. Eis aí a importância maior das memórias e das narrativas dos sujeitos locais.

A princípio, os sujeitos com os quais iríamos dialogar seriam apenas as pessoas mais velhas da comunidade, porque além de saberem narrar histórias, também saberiam contar a história da fundação da comunidade e como esta vivia no passado. Mas, ao longo da pesquisa, percebemos que algumas pessoas com menos de 50 anos de idade também falavam que viveram experiências com os encantados. Por isso, conversamos também com eles e gravamos as histórias que contaram.

Assim sendo, a entrevista informal foi realizada com 13 moradores, 6 deles com idades acima de 50 anos e 7 mais novos, com idade de 34 a 46 anos. Durante a entrevista, usamos gravadores, assim poderíamos gravar as narrativas e depois transcrevê-las. Essas conversas foram realizadas no mês de fevereiro e outubro do ano de 2019 e novembro de 2020.

Nos finais das tardes, após as vindas do roçado ou da fabricação da farinha de mandioca, se deu o momento de encontro com os narradores: dona Maria Luiza, seu Heitor, seu Bené e seu Abelardo. Esses receptivos moradores mais velhos contaram com muito entusiasmo a história da comunidade, do seu povo, como viviam antigamente e como foi a chegada do progresso à comunidade. Faziam isso como se estivessem sedentos por narrar histórias para ouvidos atentos.

Os encontros ocorreram nas casas de alguns moradores entrevistados, outros encontrei após o jogo de futebol, que também é distração cultural na comunidade. No primeiro momento, expliquei a eles sobre a pesquisa e a importância que ela teria para a comunidade. Então, pedi permissão para gravar, o que foi concedido. Para início de conversa, perguntei como era a comunidade no passado, ou seja, como as pessoas dali viviam, se existiam muitos moradores, como foram chegando, por que saíam. Com essas e outras indagações, os moradores começavam a buscar em suas memórias as lembranças do passado e contavam sobre a fundação da comunidade, das festas, da fartura da caça, da abertura da estrada e outros fatos históricos ocorridos na comunidade.

Em alguns momentos, eram feitas as intervenções com outras perguntas mais diretas: E os seres encantados? O que você sabe sobre as assombrações ou as visagens? Você acredita na existência deles? Já viu ou foi assombrado por

algum? Por que você acha que alguns seres sumiram daqui? E o *Matin*, é gente ou encantado? Com essas perguntas, os narradores iniciavam as histórias das encantarias do Ramal, momento de muito envolvimento entre mim e o narrador.

Essa conversa remetia à minha infância, por isso em alguns momentos eu ficava extasiada com as narrativas, e outras interrogações surgiam. Eram nítidos a harmonia e o envolvimento entre nós, entre o "eu-pesquisadora e filha da comunidade" e "os contadores das histórias que me assombravam e me encantavam". Devido a essas narrações históricas, no tópico referente à comunidade Ramal dos Guedes, optamos por transcrever algumas falas dos entrevistados, tentando manter a forma exata como foram faladas. Em algumas podemos perceber, ao lê-las, os gestos e o entusiasmo dos narradores ao relembrarem o que viveram no passado. As narrativas também foram transcritas tentando manter algumas características da oralidade dos contadores.

Para tanto, este trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo contém uma descrição do histórico geral da cidade de São Miguel do Guamá-PA, seus aspectos históricos, culturais, populacional e geográfico, fundamentado na conversa que tivemos com o secretário do município e na leitura do documento municipal. Também discorremos neste capítulo sobre a história da comunidade Ramal dos Guedes, embasada nas informações coletadas e nas entrevistas informais com os moradores, buscando saber um pouco mais sobre a fonte de renda, números de habitantes, elementos que marcam a cultura e identidade da comunidade, festa cultural tradicional, religião e outros. Será contada, ainda neste tópico, a história da comunidade, apresentando algumas falas dos entrevistados. Falaremos também das alterações que a comunidade passou e que vem passando com os processos de modernização.

O segundo capítulo é uma discussão sobre a memória como reconstrução do passado. Nele, falaremos da importância da memória para a sociedade e para a história da humanidade. Também delinearemos sobre o conceito de memória coletiva à luz de Halbwachs (2006). No terceiro capítulo, falaremos sobre cultura e identidade cultural, abordando os traços culturais e identitários que marcam nossa região. Discutiremos cultura e hibridismo cultural com os autores Bhabha (2013), Hall (2011), Laraia (2001) e Eagleton (2011). Falaremos da Amazônia, das lutas e dos preconceitos com a nossa cultura e com o povo que aqui vive. Discorreremos sobre o olhar do outro, do colonizador, sobre os habitantes e os costumes desta

região e do respeito que se deve ter pela nossa cultura, embasando-nos em Moema Veloso (2018).

No quarto capítulo, trataremos do conceito de literatura oral e de narrativas orais, falaremos sobre mitos e lendas, e sobre a importância que a literatura oral popular tem para a sociedade em geral. Discutiremos a importância dessas narrativas para a sociedade, em especial para as comunidades amazônicas. Abordaremos a força humanizadora que as narrativas orais exercem na humanidade; discutiremos sobre os narradores e as narrativas orais na era moderna, questionando o seguinte: onde estão os contadores de histórias orais nesta era? Será que ainda existe o espírito fantástico das narrativas orais na vida da maioria dos homens modernos? Havelock (1996), Cascudo (2006), Pizarro (2012), Benjamin (1994), Bosi (1994) e Barbosa (2012) são os principais teóricos abordados neste capítulo.

O quinto capítulo tem como título *Histórias de Ontem e de Hoje*: os narradores, a performance e os encantados. Nesse capítulo, apresentaremos as histórias contadas pelos narradores nas entrevistas. Discutiremos sobre a performance dos narradores, a relação destes com as histórias e com as experiências vividas por cada um. Alisaremos as narrativas e o tempo em que elas acontecem, se de dia ou de noite. Averiguaremos quem são os encantados, o que eles fazem para as pessoas que se deparam com eles, se são seres do dia ou da noite, da água ou da mata.

Ainda neste capítulo, desenvolveremos um tópico específico sobre a *Matinta Perera*, falando da sua origem, explicando quem são as *Matintas* na concepção do povo da comunidade e de outras comunidades amazônicas das quais já foram feitas pesquisas dessa natureza, tentando saber se ela é pássaro ou gente (a metamorfose desse ser). Também apresentaremos um tópico falando das alterações culturais sofridas na comunidade após a chegada da renovação carismática, ou seja, do catolicismo. Desenvolveremos outros tópicos com as narrativas do *Curupira,* do *Bode da Ladeira* e de outras *assombrações*, fazendo também as análises dessas narrativas. Enfim, neste capítulo discutiremos também sobre a importância dessas histórias juntamente com os seus personagens para a comunidade e para a cultura desse lugar. Para seu desenvolvimento nos embasaremos nos estudos de Maués (2005), Zumthor (2018), Fares (2015) e Silva Junior (2014).

1. DADOS GERAIS DA REGIÃO DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ

Foto 1- Orla Rio Guamá

Imagem retirada do site: pt.foursquare.com

São Miguel do Guamá é um pequeno município pertencente ao estado do Pará, está inserido na microrregião Guamá, que compõe a mesorregião nordeste paraense. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), o município possui uma população de aproximadamente 58.986 habitantes, sendo que 60% da população reside em área urbana e 40% em área rural, distribuídas em vilas, povoados, à margem do rio Guamá e nas propriedades rurais. O município está situado à margem direita do rio Guamá, e fica a uma distância rodoviária de aproximadamente 150 km da capital do estado, Belém, ocupando uma área de 1.110,175km². A cidade pode ser acessada através do rio Guamá ou das rodovias BR-316 (Pará/Maranhão) e BR-010 (Belém/Brasília).

De acordo com a SEMAD (2016), a colonização das terras guamaenses é datada das primeiras incursões realizadas pelos colonos portugueses no território paraense, através das navegações do rio Guamá no século XVIII. Naquela época, a cidade era apenas um pequeno lugarejo à margem direita deste rio, possuindo poucos habitantes, os quais recebiam frequentes visitas eclesiásticas, entre as quais, a visita pastoral realizada pelo Frei Miguel de Bulhões, no ano de 1758, que ao passar pela fazenda de Agostinho Domingos de Siqueira foi convencido a instituir uma Freguesia de 60 braços de terras, sendo efetivada sob a invocação de São Miguel. No local, foi construída a Igreja matriz de São Miguel e para esta foi

designado um vigário, que trabalharia em sua condução.

"Em decorrência dessa construção, o desenvolvimento do povoado foi impulsionado, possibilitando, dessa forma, a organização do espaço sóciogeográfico, delineando a formação do município a partir de 1833" (SEMAD, 2016, p. 12). Mas somente em 31 de outubro do ano de 1873, em decorrência da lei n°633, o lugarejo foi elevado à categoria de município de fato. Já em 30 de maio de 1891, através do Decreto Estadual de n°344, São Miguel foi elevado à categoria de cidade[3]. E somente em 30 de dezembro de 1943, a partir do Decreto Estadual de n°4.505, passou a chamar-se São Miguel do Guamá. A denominação "Guamá", de origem indígena Tupiniquim, significa "rio que chove" e "São Miguel", o padroeiro da cidade.

De acordo com a SEMAD (2016), a economia de São Miguel do Guamá é fundamentada na fabricação de tijolos e telhas. Na cidade, há cerca de 50 indústrias que produzem os respectivos produtos. A agricultura também representa significativa parcela na economia guamaense, com o cultivo da mandioca para a fabricação de farinha, pimenta-do-reino, frutas, verduras e cultivo de açaí. Ainda é mantida a coleta de frutos nativos, como a Castanha do Pará, mas em menor escala, assim como o plantio de árvores de reflorestamento. Todavia, a base da economia ainda é a agropecuária e o comércio, dentre outras atividades de menor volume produtivo que sustentam a população.

Em relação às terras indígenas, segundo a SEMAD (2016), atualmente não existe nenhuma em território guamaense, seja oficializada ou não. Segundo relatos históricos, os índios que viviam no território de São Miguel se dirigiram e se estabeleceram em uma área que originou posteriormente uma reserva criada no alto rio Guamá, mas fora do território da cidade. "Quanto às comunidades quilombolas, estão registradas até o ano de 2015 um total de 282 famílias, distribuídas pelas comunidades da zona rural" (SEMAD, 2016, p. 40):

> A cultura guamaense, nasceu em meio aos eventos e manifestações que originaram a cultura amazônica. De um modo geral, comparando a outras regiões do território nacional, teve seu início no encontro da cultura portuguesa com a negra e indígena, que ao se miscigenarem produziram gostos, modos, ritmos, crenças e sabores único (SEMAD, 2016, p.55).

[3] Município e cidade são conceitos distintos para um mesmo território. Sendo que cidade representa a sua área total, incluindo zona rural e urbana.

A religiosidade foi o primeiro traço marcante na comunidade, tanto que a primeira paróquia nasceu da visita do Bispo Frei Miguel de Bulhões, sob a invocação de São Miguel Arcanjo, que é considerado o padroeiro da cidade. Todos os anos, no dia 29 de setembro, é celebrada a festa religiosa em homenagem ao santo. A sua imagem fica na igreja matriz, construída na beira do rio Guamá.

A festividade começa no mês de agosto com a imagem peregrina de São Miguel Arcanjo fazendo as evangelizações nas comunidades. As visitas do santo são acompanhadas pelas "guardas" de São Miguel Arcanjo, que são membros da igreja, responsáveis por fazer acontecer e manter em ordem os eventos religiosos. No período que antecede a festa, acontecem, além das novenas, as noitadas de apresentações culturais e jantares típicos. No dia 29 de setembro é realizada a procissão pelas ruas da cidade.

Foto 2- Grupo das guardas do santo carregando o mastro

(Foto retirada do site: www.arielmcastro.blogspot.com)

O início da procissão se dá com a saída do mastro santo[4] de uma residência, que é sorteada anualmente. Em seguida ele sai pelas ruas da cidade em procissão, com as guardas carregando-o, acompanhadas por uma banda de músicos. Ao final da procissão, o mastro é colocado ao lado da igreja matriz como significado de uma bandeira patronal, representando a própria torre da igreja, farta de colheitas. É uma maneira que o povo de São Miguel usa tradicionalmente para agradecer pela colheita anual.

[4] O mastro santo é um pedaço de madeira envolvido com folhas e frutos. Essa tradição vem de uma cultura antiga, as pessoas faziam as suas colheitas e iam ofertar ao santo, independentemente de serem boas ou não, as frutas presentes no mastro representam o agradecimento por tudo o que as pessoas conquistaram, plantaram e colheram ao longo do ano.

Foto 3- Mastro colocado ao lado da igreja

(Foto retirada do site: www.ograndenews.com.br)

Após o mastro ser erguido ao lado da igreja, como uma oferenda ao santo, é feita a cerimônia de sua derrubada: toca-se algumas músicas, as pessoas dançam ao redor dele por alguns minutos, em seguida ele é retirado e as pessoas seguem com ele novamente em procissão, para jogá-lo no rio que fica em frente à igreja, o qual adquire caráter sagrado com este ritual. As águas levam as oferendas para, em troca, ofertarem mais um ano de fartura e boa colheita ao povo local.

Outro aspecto cultural da cidade são os hábitos alimentares e os ritmos musicais. O gosto e a valorização dos derivados da mandioca, das frutas regionais, como o açaí e o consumo regular de pescados é o que vemos no cotidiano do povo guamaense. Os ritmos musicais mais tocados e ouvidos são bem típicos da região, como o “carimbó”, que ainda tem seu valor na comunidade, e o “brega” e seus resultantes, como o “melody” e o “tecnobrega”, que são os mais dançados nas frequentes festas de aparelhagens[5] que ocorrem na cidade. Além de todas essas coisas, ainda há muitas outras tradições que formam o celeiro cultural de São Miguel do Guamá.

Também é realizado na cidade, nos meses de novembro, o círio de Nossa Senhora de Nazaré. Essa festa religiosa atrai muitos devotos e turistas. No período que antecede o círio, são realizadas as novenas nas famílias com a imagem

[5] Festas de aparelhagens são aquelas em que se apresentam dj’s comandando gigantescos e padronizados aparelhos sonoros, compostos por iluminação de led e efeitos especiais. Nessas festas, os dj’s interagem diretamente com o público que o prestigia.

peregrina da santa. Na sexta-feira, antes do domingo do círio, a imagem sai da cidade em procissão e percorre as estradas do interior, passando por algumas comunidades e recebendo as homenagens de cada uma. No final dessa peregrinação, a imagem fica na igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizada às margens do rio Guamá, na comunidade Acari. Na manhã do sábado, a imagem peregrina sai em procissão pelo rio Guamá, acompanhada de devotos e fiéis: é o círio fluvial.

O término desta festa religiosa é realizado no domingo, com a grande procissão pelas ruas da cidade. Ao final, as famílias se reúnem para o tradicional almoço do círio,que é acompanhado de comidas típicas paraenses: maniçoba, pato no tucupi, vatapá, dentre outras, e de bebidas alcoólicas e músicas “profanas”, as quais não são tidas como religiosas. Tais músicas são tocadas para o divertimento do público, que dança animado ao som de vários ritmos diferentes.

Segundo a SEMAD (2016), é possível observar que São Miguel passou pelo processo de massificação de uma cultura mais nacional em detrimento da local, sofrendo grandes abalos principalmente nas rotinas dos moradores, nos tradicionais grupos de carimbó e nos festivais deste gênero musical, que quase desapareceram por completo do município. Hoje, há uma tentativa de retomar os grupos de carimbó e os seus festivais, assim como as inúmeras bandas escolares que se apresentavam no dia 07 de setembro; as quadrilhas juninas que disputavam acirradamente os concursos de junho; o consumo de comidas mais típicas. Isto, para tentar salvar o que pouco a pouco se perde.

Até mesmo o tradicional círio de *Nossa Senhora de Nazaré* vem sofrendo algumas modificações, mas já há a preocupação e a ação para contornar as novas características da população e os movimentos internos da Igreja Católica. Afinal, as culturas não são fixas, estão sempre sofrendo alterações para atenderem às necessidades da humanidade. No entanto, não é por isso que elas devam perder o seu aspecto histórico e cultural.

1.1. Comunidade Ramal dos Guedes: História, memória e cultura

Foto 4- Comunidade Ramal dos Guedes

(Foto do arquivo pessoal de Kátia Guedes)

Ramal dos Guedes é uma comunidade rural que pertence ao município de São Miguel do Guamá. Nela, residem 26 famílias, totalizando 95 habitantes. A comunidade está situada no distrito *Urucuri*, a uma distância de 25 km² da cidade de São Miguel do Guamá e ocupa uma área total de 331,4 km². O acesso a essa comunidade pode ser feito através das estradas ou pelo rio Guamá, que fica a uma distância de aproximadamente 4 km² do local. Na comunidade, existe um campo de futebol, igarapés, uma escola que se encontra desativada, uma creche que também está desativada, oito casas de fabricação de farinha de mandioca, sendo sete particulares e uma pública. A maioria da população que nela reside é negra ou descendente de negros, porém não é considerada uma comunidade quilombola.

Os registros que temos sobre os primeiros habitantes dessa terra são do ano de 1950, a partir de um documento de transferência de posse dessas terras. O documento diz que o terreno pertencia a Francisco Guedes de Azevedo, o qual passou a posse para sua filha América Pinto Guedes. Após a morte desta herdeira, foi realizada a partilha de bens e transferências legais dessa área territorial entre dois familiares: Rafael Guedes de Azevedo e João Guedes de Azevedo, ambos filhos de Francisco e irmãos de América Guedes. Em registros documentais posteriores, podemos constatar as compras que João Guedes fez da parte de dois herdeiros. No ano de 1953, todo o território já pertencia a João Guedes de Azevedo.

João Guedes de Azevedo, juntamente com a sua esposa, foram os principais responsáveis pela formação da população que reside hoje na comunidade Ramal dos Guedes. Eles tiveram sete filhos, cinco homens e duas mulheres, estes foram formando as suas famílias, que se expandiram para outras localidades. Hoje, na comunidade Ramal dos Guedes, residem apenas o número de pessoas citado no primeiro parágrafo deste tópico, mas a família Guedes formada por João Guedes de Azevedo é imensa.

A maioria dos jovens da comunidade, ao terminarem o ensino médio ou a faculdade, se desloca para as cidades à procura de empregos, pois não querem continuar trabalhando na lavoura como os seus pais, já que a comunidade não oferece outros subsídios para sustentá-los. Eles saem da comunidade em busca de melhoria de vida, mas esta realidade é encontrada em outras comunidades amazônicas. Dos sete filhos de João Guedes, apenas um ainda está vivo, Abelardo Guedes de Azevedo, com 81 anos.

A comunidade tem o nome Ramal dos Guedes porque nela habitava apenas a família Guedes, hoje há exceção de duas famílias. Os primeiros casamentos foram realizados entre os parentes, primos de primeiro e segundo grau, devido à distância da comunidade das demais cidades, o que era comum para a época e para comunidades isoladas. Há um tempo, existia na comunidade apenas uma população familiar pequena residindo em meio a uma vasta floresta. Não existia a estrada que liga a comunidade a outras comunidades e às cidades de São Miguel do Guamá, Castanhal e Belém. Só havia os caminhos pelos quais os moradores trafegavam. De acordo com os mais velhos, eles viviam basicamente isolados, não tinham transportes, meios de comunicações, energia elétrica, nem água encanada:

> Não tinha nada, a gente andava tudo andando, tudo a pé né? Não tinha estrada né? Só tinha mesmo garapé pra gente tomar banho, não tinha moto, nem bicicleta a gente via, a gente andava (Dona Maria Luísa, fevereiro de 2019).

> Eram poucos moradores, não chegava a ter 5 moradores no tempo do meu pai, da minha mãe. Era muito mato, capoeira grossa (Seu Abelardo Guedes, fevereiro de 2019).

> Olha... eu sei que o povo aqui vivia totalmente assim, totalmente quase preso por falta da... da condução, né? Quando eu me entendi, aqui era muito difícil pra gente sair, aí chegou o negócio da modernidade, as coisas melhorou muito numa parte, mas na outra não [...] (Seu Heitor Guedes, fevereiro de 2019).

Segundo os moradores que conversamos, eles passaram por algumas dificuldades, moravam em casa feita de pau-a-pique, coberta de palha: E*u morei na casa de barro, de palha, cercada de acha*[6]*, disso nós fomo pelejando, fomo pa de baixo do cavaco; do cavaco, fomo pa de baixo da telha, né? E agora nós temo uma casa de alvenaria*, segredou dona Maria Luísa (2019). Sobreviviam de caça e pesca, já que, segundo eles, existia muita fartura, mas apesar disso também realizavam compras de outros produtos alimentícios na cidade; colhiam arroz, milho e fabricavam a farinha de mandioca, assim como ainda fabricam. À noite, usavam a lamparina para clarear dentro de suas casas, mas tinha o tempo de apagá-la para que ela não consumisse todo o óleo ou querosene.

Os principais meios de transporte utilizados pelos moradores eram o cavalo e o barco. Para fazerem as compras de alimentos na cidade, eles viajavam de barco, tanto para São Miguel quanto para Belém; as viagens eram realizadas pelo rio Guamá. Para chegar ao rio e viajar de barco, iam a pé ou a cavalo pelos caminhos, depois chegavam a uma estrada que já existia, a 2 km quilômetros da comunidade, chamada de Principal:

> Isso aqui era tudo caminho, chamado come gente, pra viajar pra cidade, bota caminhá. Naquele tempo era tão assim... difícil as coisas, que a gente ia com a lamparina, não tinha nada dessas coisas de celular, não existia celular, a gente pegava esse caminho aqui aí pra varar naquela estrada ali da serraria, tanto é que chamavam de Principal ali, né? Aí a gente ia pra pegar o motô pra ir pra São Miguel com muita dificuldade, po rio. Chegava lá, olha eu acho, não sei nem contar quantas vezes eu fiquei olhando lá espuma de motô, que motô já tinha passado, saía daqui uma hora da madrugada, né? Aí chegava lá e o motô já tinha ido, a gente voltava pra trás (Seu Bené Guedes, outubro de 2019).

No relato do seu Bené, percebemos a dificuldade que eles tinham para viajarem. O principal trajeto para chegar à cidade era o rio, através do barco, o qual ele chamado de “motô”. Acordavam durante a madrugada, caminhavam pelas trilhas à luz da lamparina e ao chegarem ao rio, algumas vezes, o barco já tinha passado. A única solução era voltar para casa e esperar o outro dia ou a outra noite para viajarem, pois se perdessem o horário do barco ficariam novamente “*olhando lá espuma de motô”.*

Para as crianças e adolescentes da comunidade terem acesso, mais tarde, à

[6] Acha é um tipo de madeira cortada em pequenos pedaços; como não existia o motosserra era cortada com o facão e usado para cercar as casas antigamente.

escola, caminhavam pelas trilhas na mata, a uma distância de aproximadamente 4 km, pois a escola ficava localizada na comunidade Serraria Boa Vista, próximo ao Rio Guamá. Depois de alguns anos, eles já caminhavam 3 km e ainda atravessavam uma área de igapó e o igarapé Urucurí, para isso usavam a canoa. Elas faziam esse último trajeto porque a outra escola ficava localizada na comunidade Santana do Urucurí. Devido à grande área de igapó e igarapé, a estrada para ter acesso a essa escola ainda não tinha sido construída, por isso as crianças e adolescentes precisavam fazer todo esse esforço para estudar, pois precisavam aprender.

No entanto, segundo a professora Maria Goreth, no ano de 1977 os estudantes não precisaram mais fazer esse trajeto para chegar à escola, pois as aulas começaram a funcionar na comunidade Ramal dos Guedes no dia 01 de março de 1977. Eram ofertadas aulas de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental (multisseriado) com ela: professora Maria Goreth Gomes de Azevedo. As aulas funcionavam na casa de um morador que havia cedido o espaço. Somente no ano de 1981, o prefeito José Veríssimo de Brito Fonteles construiu a escola *João Guedes de Azevedo*. Também no ano de 1983 foi construída na comunidade uma creche, na administração do prefeito Guilherme Antônio da Costa. As aulas eram ministradas nesta creche pela professora Marcilene Guedes de Azevedo.

A professora Maria Goreth tinha apenas a 5ª série do ensino fundamental quando começou a trabalhar, depois aperfeiçoou os seus estudos para concluir o magistério. Já a professora Marcilene tinha somente a 4° série do ensino fundamental, que, infelizmente, por não ter continuado os estudos, teve que deixar a sala de aula. Apesar do pouco estudo, tanto a professora Maria Goreth[7] como a professora Marcilene ensinavam todas as crianças a ler e escrever com maestria.

A escola e a creche funcionaram durante muitos anos. Todavia, devido o número de crianças que foi diminuindo na comunidade, a creche infelizmente fechou. A escola João Guedes de Azevedo funcionou até o ano de 2009. E com a construção do polo escolar na comunidade *Santana do Urucurí*, ela foi desativada e os estudantes da comunidade passaram a estudar nesse polo escolar, que recebe alunos de várias comunidades. No ano de 2015 a escola João Guedes foi reformada e funcionava nos turnos da manhã e tarde com o 4° e 5° ano do ensino fundamental, mas em 2017 foi desativada novamente, e não funcionou mais.

[7] A professora Maria Goreth trabalhou de 1977 até o ano 2007.

O polo escolar funciona nos três turnos: manhã, tarde e noite. À noite somente a Educação de jovens e Adultos – EJA; nos demais turnos com a educação infantil, 1º ao 9º ano do ensino fundamental, 1º e 2º ano do ensino médio com o projeto Sistema Educacional Interativo – SEI. Para chegar à escola, os estudantes, graças à construção da estrada, já não fazem mais os trajetos que faziam os alunos no passado. Atualmente utiliza-se o transporte escolar disponibilizado pela prefeitura da cidade. Os demais estudantes do ensino médio estudam na cidade de São Miguel do Guamá e também usam o transporte escolar para chegar até lá.

A finalização/ligação da estrada até a comunidade *Santana do Urucurí* foi realizada no ano de 1988, pelo prefeito Guilherme Costa que, com a ajuda do vereador Rafael Guedes Filho (o *Sanduca*, parente das pessoas da comunidade), dos moradores e maquinários, aterrou a área de igapó e construiu a ponte sob o igarapé Urucurí. Nesse ano, já existia uma estrada que dava acesso ao rio Guamá e a outras comunidades do interior, porém a estrada finalizava na comunidade Ramal dos Guedes, já que ela está localizada à margem direita do igarapé Urucurí e ficava isolada pelo igarapé e pela grande área de igapó, por isso o acesso à cidade era difícil para os moradores da comunidade Ramal dos Guedes.

Para a realização desse grande projeto, o vereador Rafael Guedes filho, com a parceria do prefeito Guilherme Costa, convocou os moradores da comunidade para uma reunião. Nesta, o projeto foi vibrado e aprovado por todos, pois eles queriam ver o progresso da comunidade e, enfim, saírem do isolamento. Assim sendo, foi realizada a ligação da estrada que hoje é considerada a principal porque é por ela que as pessoas trafegam para a cidade de São Miguel do Guamá e demais cidades próximas. Para eles, a finalização/ligação da estrada foi uma grande alegria. Não poderíamos deixar de mostrar o relato de um dos moradores que acompanhou esse momento especial, seu Bené Guedes conta como tudo aconteceu:

> Quando foi pra imendar essa estrada aqui até na Santana, aqui era, era fim de linha, aí eu me lembro parece que foi hoje quando tio Sanduca foi eleito vereador, Guilherme prefeito. Ele pegou e lançou o projeto pa fazer essa imenda aqui, aí eu me lembro benzinho ele fez reunião com nós. Mundiquinho era um cara interado mermo, fizeram uma reunião e bem nesse grupo, eu já morava aí, finado Avino era vivo. Rapá! ... eu me lembro assim que quando nós fizemo essa reunião, aí todo mundo se reuniu lá, e tio Sanduca disse:
> - Como é que a gente vai fazer? Nós vamo varar essa estrada aqui.Era tudo mato, fim de linha aqui. Aí tio Sanduca disse:
> - Mano, será possível da gente fazer isso por aqui?
> - Era pra fazer ali pelo Arnaldo. Finado Avino como era o mais velho, aí

> disse:
> - Rapá, vamo tirar ela aqui ó!
> - Aonde é agora né? Aí fizemo, mas eu me lembro dessa vez sabe que... condo foi... aí fizemo o pico. Home daqui mermo, se reunimo, tio Sanduca, nun foi Heitor? Tu ti lembra disso? Fizemo esse pico direto, minha filha, mas foi muito lindo, condo nós chegamo ali aonde Rossi mora agora eu digo rapaz é inacreditável isso aqui, era só capo e pauzão enorme. Olha isso foi, digamos assim, na inchada e machado, derrubando com machado, não tinha nem motosserra naquela época, levemo muitos dias e fizemo esse negócio dessa imenda aí. E quando foi notra reunião que a gente tivemo com tio Sanduca, Guilherme Costa já veio por aí, aí ele disse assim: eu me lembro parece que foi hoje, aí ele disse:
> - Vou fazer essa imenda aqui!
> Aí cumpadre Zitinho disse assim:
> - Só se eu ver né? Aí ele disse:
> - Olha eu tô acostumado a comer toicinho com mais cabelo, vou mostrar que eu vou fazer essa imenda aqui, essa travessia!
> E fez né? Pa ti ver... Aí veio máquina pra fazer o trabalho [...] Quando foi a inauguração da ponte e da estrada, uma coisa mais beleza do mundo, lindo, churrasco a doidado.

As lembranças desse dia vêm à memória do narrador e faz com que ele volte ao tempo, o passado se faz presente no momento da narração. No seu relato repete a frase “eu me lembro como se fosse hoje*”,* a lembrança de um sonho realizado, de momentos de felicidades do narrador e dos moradores, que não acreditavam que seria possível construir uma estrada aonde existiam apenas igapó e igarapé. A memória, portanto, é um dom divino, um dom da natureza que nos faz trazer para o presente o passado já vivido ou presenciado, nos faz abraçar o momento presente com mais força e assim contemplar o nosso futuro com mais vitalidade.

O papel da memória “não é apenas guardar informações, mas em maior suporte, o da reconstrução de experiências passadas, uma vez que é esta uma forma encontrada pela sociedade para pensar a si próprio e a sua relação com o passado” (BARBOSA, 2011, p. 62). Por isso, ela tem um papel fundamental na sociedade, assim como nas comunidades amazônicas rurais e ribeirinhas nas quais a escrita não era e/ou não é usada para fazer os registros, eles ficam apenas na memória das pessoas e se não forem escritos, para serem repassados, morrerão com elas. O autor Le Goff (2013, p. 410) descreve que “a memória tinha um papel considerável no mundo social, no mundo cultural e no mundo escolástico e, bem entendido, nas formas elementares da historiografia. A idade média venerava os velhos, sobretudo porque via neles homens-memória, prestigiosos e úteis”.

Assim como no mundo escolástico, a memória tem um papel considerável

para a comunidade Ramal dos Guedes. Os homens e mulheres mais velhos da comunidade são homens-memórias, muito úteis para a comunidade, para a preservação de sua história, por isso devem ser ouvidos e prestigiados, pois guardam consigo a história da comunidade, desde a sua formação. Como vimos no relato de seu Bené, ele guarda na sua memória um momento histórico e vitorioso, muito importante para a vida das pessoas da comunidade, além disso, guarda também outras histórias que fizeram parte do seu passado e do passado de seu povo.

Com a finalização da estrada, os moradores ficaram extasiados, pois já podiam transitar por um só caminho para outras localidades. Podemos perceber esse comportamento na fala do narrador, com o entusiasmo da admiração de tudo que aconteceu e estava acontecendo naquele momento sublime da vida dos moradores da comunidade, “uma coisa mais beleza do mundo, lindo*”,* complementou seu Bené. Segundo ele, era o início do progresso chegando à comunidade, o início da mudança. Nos dias atuais, muita coisa mudou na vida das pessoas que vivem na comunidade, tem energia elétrica, água encanada, celulares, acesso à internet, todas as famílias têm moto, a maioria vive em casa de alvenaria, alguns possuem carros, existem ônibus coletivos que levam as pessoas para a cidade às 05h30 e às 11h30. Essas transformações melhoraram a vida das pessoas que habitam nesse lugar, porém, segundo o relato dos entrevistados, como o seu Heitor:

> As coisas melhorou muito numa parte né? Na outra não. Melhorou sobre a escoação do produto da gente. A gente quer ir na rua, a facilidade tá grande, mas o que piorou é que a gente não pode viver em paz mais né? Por conta da bandidagem, o cara nem dormir mais tranquilo dorme, assim como a gente dormia né? Dormia até se quisesse de porta aberta, a gente dormia. Hoje em dia tá muito difícil.

Com a abertura das estradas, outras pessoas começaram a frequentar ou trafegar pela comunidade, tirando o sossego dos habitantes, cometendo furtos e roubos. O medo que muitos têm não é mais dos encantados, mas dos bandidos, como relatou seu Heitor. Pessoas de outras localidades se deslocam para a comunidade com o intuito de cometer crimes, roubando e furtando os moradores. O temor agora já não é dos seres encantados, mas sim do próprio ser humano.

Quanto à economia da comunidade Ramal dos Guedes, esta é baseada na fabricação da farinha de mandioca, principal fonte de renda dos moradores.

Também é realizada a criação de suínos por algumas famílias, são cultivados o açaí e o abacaxi para a venda. Em algumas épocas do ano são plantados e colhidos o milho e a melancia para ajudar na renda familiar. Mas, existem outras fontes que são do consumo doméstico, como a caça, a pesca, a criação de galinha caipira, as frutas regionais, entre outros produtos naturais que são produzidos e consumidos pelos moradores.

A religião seguida pela comunidade é a católica, trazida pelos colonizadores; a igreja fica localizada em outra comunidade (Serraria Boa Vista), a uma distância de aproximadamente 2 km da comunidade Ramal dos Guedes. Essa igreja foi construída, segundo relatos, na época das navegações portuguesas. Ela faz parte do patrimônio histórico e cultural da cidade de São Miguel do Guamá, ficou desativa há alguns anos, por ordem do padre vigário, mas agora está em pleno funcionamento. A maioria dos moradores da comunidade passaram a frequentar essa igreja há seis anos.

A cultura da comunidade Ramal dos Guedes diferencia-se em poucos aspectos de outras comunidades amazônicas. Nos hábitos alimentares predominam as iguarias paraenses, o consumo do açaí juntamente com a farinha; peixe ou camarão; carnes bovinas e suínas, principalmente no jantar. Os derivados da farinha de mandioca, como a tapioca, o tucupi e o beiju também são comidas tradicionais na comunidade. Há um forte gosto pelo ritmo tecnobrega, devido à proximidade com a capital Belém e outras cidades onde o estilo musical é bastante apreciado, mas há também a apreciação de outros estilos nacionais. Outras celebrações culturais na comunidade são as famosas celebrações de dia dos pais, dia das mães e das crianças, nas quais são realizados almoços comunitários entre os moradores.

A única festa cultural tradicional que existe na comunidade é o *Arraial de São João,* tradição que vem de antigamente. Todos os anos era realizada a festa de São João, a escolha para homenagear esse santo foi aleatória. Era uma festa bastante religiosa e profana ao mesmo tempo. Na noite anterior à grande festa, acontecia o arraial com vendas de comidas, leilões e bebidas alcoólicas, no outro dia a celebração religiosa para o santo e depois a grande festa, com apresentações culturais, boi-bumbá e quadrilhas juninas. Fazia-se fogueira e ao redor da fogueira ‘ganhava-se’ afilhados, madrinhas, compadres e comadres. Era uma tradição na qual duas pessoas ficavam ao redor da fogueira e recitavam a poesia popular: “Santo Antônio disse e São Pedro confirmou para sermos comadre ou compadre

(padrinho, madrinha ou afilhado (a), Jesus Cristo Mandou". Após a festa de São João, todos saíam felizes para suas casas, quem não era padrinho ganhava um afilhado de fogueira e assim sucessivamente.

Porém, segundo os moradores, com a chegada da renovação carismática católica na comunidade essa festa acabou, porque os moradores precisaram seguir as ordens do padre que estava no comando, e eram normas baseadas apenas nos preceitos religiosos, que para alguns é o certo a ser feito, mas para outros é um modo de tirar a alegria do povo. Por isso, eles nunca esqueceram da grande festa:

> Tinha o festejo né? O arraial que no outro dia já virava o tedel, na outra noite já era o tedel. O que era o tedel? Era uma festa né? Uma festa dançante, tinha o arraial, tinha a missa, depois da missa, na noite, já virava o tedel que era a festa dançante. Até na época que começamos a festejar São João, a gente gostava de brincar assim, né? Com música e dança sempre trazia aquele boi-bumbá, quer dizer que era uma tradição que a gente vivia. Hoje já com a religião melhorou muito, foi tirado um bocado disso, com a chegada da renovação carismática foi tirado, porque tinha que viver aquilo que a comunidade pregava (Seu Heitor Guedes, fevereiro de 2019).

Todos os anos, no mês de junho, são celebradas as missas especiais para homenagear o santo, e na noite de São João a comunidade se reunia para fazer a fogueira e o mingau de milho. Todos ficavam ao redor da fogueira saboreando o mingau e conversando, os mais velhos ensinavam aos jovens e adolescentes como era que se "passava fogueira" e relatavam como as antigas festas de São João eram realizadas. Alguns jovens da comunidade aprenderam como se "passa fogueira" e ainda hoje realizam a tradição.

Os jovens e crianças ouviam com atenção os seus pais e avós relatarem sobre a festa de São João, e de tanto ouvirem os relatos, resolveram formar uma quadrilha junina, no ano de 2013, para se apresentarem na noite do santo. A quadrilha ganhou o nome de *Tradição de São João*. No ano de 2014, os comunitários se reuniram e realizaram vendas de comida típicas no mês de junho e assim o *Arraial de São João* ressurgiu, não como antigamente, pois a comunidade ainda segue as normas da religião católica. A missa continua sendo celebrada, e após a missa a comunidade se reúne para o almoço com o padre.

A quadrilha junina *Tradição de São João* é uma quadrilha moderna que se apresenta no festival de concurso da cidade de São Miguel do Guamá, no *Guamá Junino*. É a atual tetracampeã do grupo B de quadrilhas juninas do município. O *Arraial de São João* geralmente é realizado no primeiro sábado de julho, pois em

junho existem as festividades religiosas das comunidades vizinhas. No arraial se apresentam grupos de carimbó e quadrilhas juninas. São realizadas vendas de lanches e algumas comidas típicas. Apesar de não venderem bebidas alcoólicas, o arraial ainda é uma festa profana, pois há muita música e danças, mas é a parte que diverte o povo.

Ramal dos Guedes, comunidade amazônica, também carrega consigo outros traços culturais importantes: a crença nos encantados, que será o foco da nossa pesquisa. Sabemos que a Amazônia é rica em narrativas orais populares, elas fazem parte da tradição cultural dessa região, em especial das comunidades rurais, indígenas e ribeirinhas. As narrativas são componentes da memória coletiva e são muito importantes para o processo cultural das comunidades, pois por acreditarem nos encantados as pessoas que nela vivem têm ou tinham respeito à natureza, aos lugares que eles habitam e aprendem traços importantes de sobrevivência no ato da caça e da pesca.

1.2. Os Encantados da Comunidade

Na comunidade Ramal dos Guedes, assim como em outras comunidades amazônicas, existe uma diversidade de histórias orais que fazem parte do desenvolvimento cultural dos moradores. Seus personagens principais são: o *Curupira*, a *Mantinta Perera*, as *assombrações*, o *Pretinho do Miritizeiro* e o *Bode da Ladeira.* Sabemos que*:*

> os habitantes do interior, os ribeirinhos, os quilombolas, habitantes das comunidades indígenas, seringueiros, os setores populares urbanos em geral, mas também os setores urbanos, todos vivem mergulhados num universo mitológico em que a realidade e aficção não têm fronteiras (PIZARRO, 2012. p.189).

Dessa forma, os habitantes da comunidade vivem cercados nesse universo, no qual a ficção e a realidade não têm fronteiras. As pessoas da comunidade Ramal dos Guedes têm o seu modo de ver o mundo, de observar a natureza e de dar explicações para alguns acontecimentos que são diferentes de outros povos, são produtos de uma herança cultural que eles receberam de seus antepassados, uma vez que a maneira como nos comportamos ou no que acreditamos está relacionado à nossa cultura. “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e

valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura" (LARAIA, 2001, p. 36).

Assim sendo, as heranças culturais que recebemos são transmitidas para outras gerações. Na comunidade Ramal dos Guedes faz parte da cultura e da crença dos habitantes não levar as crianças que não são batizadas aos igarapés, pois quando isso acontece, segundo os moradores, as crianças são assombradas[8] pelos encantados que habitam esses lugares naturais. Assim, passam a noite chorando, sem dormir, assustadas com alguma coisa. Essas sensações só passam depois que são levadas aos benzedores, que tiram o encantamento ou assombro. Vejamos um trecho da narrativa do João Azevedo, que nasceu na comunidade Ramal dos Guedes, porém reside em Belém e não acreditava na existência dos encantados dos igarapés e nem nas penalidades que eles podem submeter às crianças que não são batizadas. Ele e sua esposa levaram seu filho de apenas 3 meses ao igarapé:

> Bom, o João Guilherme tinha por volta de 2 pra 3 meses, aí nós resolvemos ir pra São Miguel (comunidade Ramal dos Guedes) e resolvemos levar ele pra tomar o primeiro banho de igarapé, a gente levou ele, tomou banho, tudo normal, aí retornamos pra casa (casa dos pais que estavam passando o fim de semana) quando foi no início da noite ele não quis mamar, ele começou a chorar, não quis dormir e percebemos que a temperatura dele já começou aumentar. A Rose colocou o termômetro nele e verificou que ele já estava febril. [...] Nessa situação a gente passou a noite toda sem ele dormir, ele cochilando de tanto sono que ele tinha, já pela madrugada que ele ia cochilando se espantava e começa a gritar, aí isso nós passamos a noite toda nessa situação. Já quando amanheceu o dia a gente também ressacado de sono, resolvemos levar ele lá no Celedino. (Benzedor residente em outra comunidade)... Quando chegou lá, ele veio, conversou comigo e quando ele se aproximou do Guilherme, ele já foi falando:
> - Nooossaa porque que vocês fizeram isso com ele levar o menino, bicho maltratou dele, nooossaa ele tá muito debilitado essa criança, tá sofrendo muito, mas eu vou ver o que eu posso fazer aqui....
> Aí ele esculhambou com a gente né, não façam isso com a criança que ainda não foi batizada, levar em qualquer garapé, tudo mais.

João Azevedo é um membro da comunidade com 38 anos de idade e por não ouvir o que os mais velhos relatavam sobre os encantados do igarapé, fez seu

[8] Isso quer dizer que elas ficam em estado de choque ou de pânico, vindo a manifestar os sintomas assim que a noite chegue, assustando-se com facilidade, chorando ao olharem para as paredes e não conseguindo dormir por isso.

filho sofrer o “mau olhado” dos seres, ficando com febre, chorando a noite toda, vindo a melhorar apenas depois de uma consulta ao benzedor, que só de olhar para a criança sabia o que tinha acontecido, sabia que se tratava de “assombro”. Segundo João, nessa consulta o benzedor relatou que:

> O que faz essa fúria do bicho lá do igarapé fazer isso com as crianças é quando vai mulher menstruada pro igarapé, aí eles ficam revoltados e descontam toda raiva deles na criança, isso que ele explicou pra gente. Ele disse, provavelmente alguma mulher menstruada foi lá no igarapé antes de vocês e aí eles ficaram furiosos e descontaram toda a raiva deles em uma criança que não era batizada.

De acordo com os moradores, quando não batizadas, as crianças de 0 a 1 ano de idade que vão ao igarapé devem ter alho passado nas mãos e nos pés, em forma de cruz, para que sejam protegidas dos “olhares” dos encantados. Essas tradições realizadas ainda hoje nos mostram que, apesar das transformações que a modernização está levando à comunidade, ainda é possível observar que muito ainda se cultua, que ainda há resquícios de um passado que muito nos ensinou e que está presente em muitas memórias. Porém, alguns discursos proferidos sobre os encantados não são mais como antigamente. A sociedade dessa época vivia de maneira diferente, não tinha energia elétrica, celular, internet como hoje. A floresta era vasta, eles tinham um contato maior com a natureza, por isso se deparavam mais com os encantados, já que a natureza é a morada deles.

As crianças, os adolescentes e os jovens de antigamente ouviam com mais frequência as vozes dos narradores, das pessoas mais velhas e, através de suas narrativas nas rodas de conversas, ensinamentos, valores e conhecimentos eram repassados. Os discursos sobre os encantados da floresta eram enunciados pelos moradores ao fim do dia e/ou início da noite e todos acreditavam na existência deles: filhos, pais e avós. Ninguém poderia insultá-los, pois sofreria penalidade.

Ao ouvir o assovio da *Matinta Perera*, deveriam esconder as unhas: “eu, sempre condo começava a assubiá, eu escondia minha unha. Disque que ele ver a gente pela unha, não sei” (Dona Maria Luiza). Caso contrário, ela poderia encontrar as pessoas através das unhas. Segundo os mais velhos, ela enxergava as unhas brilhantes e ninguém poderia desafiá-la no momento em que ela assoviava porque poderia sofrer cruéis tormentos. Eram outros tempos, mas essas mudanças ocorridas na comunidade acontecem porque a cultura não é estável, ela está

sempre em processo de construção e assim como a natureza se transforma, a sociedade e suas culturas também se transformam. E a natureza do Ramal dos Guedes mudou e vem mudando a partir da construção da ponte.

Esses enunciados discursivos que eram proferidos nessa comunidade a respeito dos encantados faziam sentido para todas as pessoas dessa localidade há um tempo atrás. Todos ouviam e compreendiam que não poderiam ultrapassar aquilo que as vozes da experiência relatavam, pois eles conheciam o significado de todas as manifestações invisíveis daquele local. Segundo Orlandi (2012), a linguagem só faz sentido porque se registra na história e o homem tem essa capacidade de dar sentido e significado para a língua no mundo. Por isso, os discursos são validados dentro de uma determinada formação discursiva:

> De acordo com a análise do discurso, o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. [...] A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada (isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica) determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 2008, p.58).

Portanto, somos sujeitos ideológicos, o que falamos está marcado pela nossa ideologia. Além disso, somos sujeitos assujeitados, pois somos condicionados historicamente, deixamo-nos levar pela formação discursiva, o que falamos é determinado por ela, por isso os discursos ganham seus sentidos. Assim como os discursos proferidos pelos antigos moradores que tanto faziam sentido para todos no Ramal dos Guedes. Sendo assim, os discursos que construímos fazem sentido no momento histórico e numa determinada sociedade na qual nos encontramos, podendo perder seu sentido em outros momentos.

Essa comunidade passou por várias transformações; o processo de modernização culminou com a devastação da floresta e a transformação dos costumes dos seus habitantes. Com a chegada da energia elétrica, da tecnologia e das redes sociais, as pessoas pararam de se reunir à noite para ouvir as vozes dos narradores; se reúnem, agora, para assistir televisão, acessar as redes sociais, dentre outras ocupações tecnológicas. As conversas ou reuniões para trocar experiências são realizadas com menos frequência no fim do dia, e por poucas pessoas. Por isso, os discursos sobre os encantados proferidos pelos jovens e crianças não são mais como os de antigamente, que não apenas ganhavam sentido

como também ganhavam vida na imaginação de quem os ouvia.

Entretanto, apesar dessas transformações que estão sendo ocasionadas pela modernidade, a crença nos seres encantados ainda permanece, não por todos, mas especialmente pelos mais velhos que são símbolos de resistência. Sobre acreditar nesses seres eles discorrem:

> Eu acredito porque visage eu cheguei a ver, curupira eu nunca vi, mas já fui traçado pela curupira que me fez de besta com minha mãe no mato. Quanto mais a gente andava, mais a gente se chegava daquele lugar, sei lá, rodava no mato, quando dava fé tava lá de novo (Seu Abelardo Guedes, fevereiro de 2019).

> De existir existe, inclusive eu apreciei né? Não vi, mas as marmotas essas coisas tudo eu vi bastante (Seu Heitor Guedes, fevereiro de 2019).

Os encantados para os mais velhos da comunidade não são seres mitológicos, como a comunidade acadêmica considera. Para eles são reais, porque eles têm o prazer de dizer: *eu cheguei a ver*, *eu apreciei, meu pai viu muito.* E quando estão narrando as experiências que, segundo eles, tiveram com os seres, têm o prazer de dizer: "*Isso aconteceu comigo!* ". Os encantados representam algumas formas que essas pessoas encontram para compreender a natureza e ter respeito por ela. Obedecendo às regras da floresta, os homens não sofrerão as penalidades, não serão assombrados pelos protetores da natureza. Nessa relação entre a mata e os seres, os seres protegem a floresta e a floresta protege quem nela habita. Dona Maria Luísa relata sobre a protetora da floresta:

> A mãe do mato, porque tudo tem mãe, tudo tem o limite da gente lidar, né? Sempre eu não gosto de ir todo dia pro mato porque as vez é... acontece muitas coisas de negócio de visão. Ele diz que não acredita, eu disse: mas tu te lembra da vez que tu... que tu foste caçar, que nós já tava tudinho, já ia te procurar, nós gritava e tu não ouvia e tu já tava lá pro rumo da Serraria com os cachorros sozinho de noite? Eu não gosto, isso é o bicho que eu digo que a é mãe do mato com certeza que protege.

Percebemos que as vozes dos mais velhos do Ramal dos Guedes são sinônimas de sabedoria, de experiência vivida, de crenças, e vão além das crenças que lhe são impostas pela religião. Dona Maria Luísa, nesse relato, fala-nos sobre a protetora da floresta, a "Mãe-natureza", e que devemos ter cuidado, pois ela protege os animais, e quem não obedecer pode sofrer, como ficar vagueando pela mata sem achar o caminho de volta, até que tenha aprendido alição.

Os sinais vividos e sentidos pelos povos amazônicos, que têm contato direto com a floresta, são fenômenos que ensinam e explicam como os homens devem se envolver com a mata sem avançar os limites que a Mãe-natureza impõe. Nesse relato, Maria Luísa fala e aponta para seu filho que não acredita na existência dos encantados, mas certo dia ao caçar, este perdeu-se na floresta e ela o faz lembrar que foi a *Mãe do mato* quem o repreendeu. Esse modo de relação entre o homem e a natureza pluraliza as nossas visões do mundo e nos fazem observar a importância dos encantados para as pessoas das comunidades amazônicas, principalmente para as mais velhas, que tiveram mais contato com a natureza intocada.

O que percebermos é que os discursos criados pelos mais velhos sobre os seres encantados são feitos a partir de suas formações ideológicas e culturais. Portanto, dizer a eles que isso é mentira, bobagem ou que esses seres não existem seria contrariá-los e desrespeitar a sua cultura, as suas crenças, a sua identidade. Nas suas idas aos igarapés, ao roçado, à floresta e até mesmo em suas casas, eles dizem que tiveram experiências com os encantados, além de que cresceram ouvindo seus pais e avós falarem sobre eles. Esse encantamento ou magia faz parte da vida desse povo e é importante para o desenvolvimento cultural e para a formação sociocultural da comunidade e acima de tudo para a preservação de suas memórias.

Nos últimos anos, como já mencionamos, a comunidade vem passando por um processo de transformação. Os homens criam novos meios de sobrevivência, novas tecnologias, e a sociedade vai se adequando à modernização, às novas maneiras de viver. Somos sujeitos em constantes construções, por isso as culturas estão sempre em movimento, não são estáveis, “O “balde da cultura” está sempre cheio, e seu conteúdo simplesmente muda com o passar do tempo” (KINDLLER, 1997, p.24). E mudam-se os costumes no Ramal dos Guedes.

Nessa comunidade, algumas mudanças foram importantes para o desenvolvimento cultural e para a melhoria de vida dos habitantes da comunidade. A chegada da energia elétrica, por exemplo, levou muitos benefícios para a comunidade; nas produções agrícolas levou água encanada; eletrodomésticos facilitaram a vida doméstica; eletroeletrônicos proporcionaram novas formas de ver e ouvir o mundo fora da comunidade. Tais benefícios ajudaram na alimentação e na qualidade de vida desses moradores e vêm transformando a sua cultura também, já que eles passaram a conhecer outras culturas diferentes e assim atrelaram à sua

cultura traços de outras, não tão próximas fisicamente, mas perto o suficiente por meio da tecnologia.

As heranças culturais que recebemos são reelaboradas, subvertidas e reinventadas constantemente, mas isso é o que mantém as tradições e as culturas vivas por gerações, apesar de sofrerem alterações. Isto quer dizer que as culturas não morrem facilmente, algumas são silenciadas e ressurgem de outras maneiras, pois como supracitado as culturas estão em constante processo de transformação.

2. A MEMÓRIA COMO RECONSTRUÇÃO DO PASSADO

A memória é um elemento essencial para a história da humanidade e um artefato muito importante para a construção de identidades, seja esta individual ou coletiva, pois a memória é construída de experiências e lembranças vividas ao longo dos anos. Segundo o dicionário Houaiss (2009, p. 45), a memória é "relato que alguém faz na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular; memorial".

Esse conceito apresentado pelo dicionário condiz com o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que ele apresenta relatos a partir de acontecimentos vividos pelos moradores da comunidade Ramal dos Guedes no passado; a memória é construção discursiva sobre o passado. Os relatos coletados na comunidade são os acontecimentos históricos dos quais os moradores participaram ou ouviram os seus pais narrarem, além disso, narram acontecimentos que fazem parte da literatura oral amazônica, isto é, de uma coletividade que representa uma comunidade bem maior do que a analisada aqui. A memória nesta pesquisa é um elo entre literatura oral e a história da comunidade Ramal dos Guedes. A memória desempenha funções primordiais na sociedade; alguns estudiosos da memória descrevem sua função:

> Qual a função da memória? Não reconstrói o tempo, não o anula tampouco. Ao fazer cair à barreira que separa o presente do passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol. Realiza uma evocação: o apelo dos vivos, a vinda à luz do dia por um momento, de um defunto. É também a viagem que o oráculo pode fazer, descendo, ser vivo ao país dos mortos para aprender a ver o que quer saber. Hoje a função da memória é o reconhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente (BOSI, 1994, p. 89).

Para a autora Maria Sandoval (1993, p. 294), a memória é "a guardiã dos objetos culturais que atravessam os tempos e que, então, podem vir a se constituir em fontes para a pesquisa histórica". Penalva (2002, p. 124) relata que "pela memória construímos nosso passado: reconfortamos episódios e distinguimos o ontem do hoje".

O passado é um tempo que se faz presente em alguns momentos de nossas vidas, as lembranças do que vivemos vem à tona no presente, sejam elas boas ou más, são parte de nossa existência e da nossa história. Através da memória

reconstruímos nosso passado, não exatamente do jeito que foi, mas é através dela que podemos conhecer a história e cultura de um povo, de uma comunidade, de um líder. Os mais velhos das comunidades são os homens-memórias, como descreve Le Goff (2013), pois devido à idade, os anos que já viveram guardam em sua memória o que vivenciaram no passado, eles estão ali, prontos para serem ouvidos, contar suas histórias e a história de seu povo, basta que alguém os ouça.

Foi através da memória, das lembranças de um tempo passado que este trabalho se concretizou; ao ouvir os mais velhos da comunidade Ramal dos Guedes, escrevemos a história e a cultura de um povo rural que pertence à região amazônica. Foram dias ouvindo os anciãos, foram momentos de reconstrução de um passado vivido, cheio de sofrimentos, alegrias e esperanças. Alguns acontecimentos estão gravados na mente de cada morador da comunidade. As histórias gravadas na mente são reconstruídas por eles quando pensam e narram o passado.

É dessa forma que a história da comunidade Ramal dos Guedes é conhecida pelos demais moradores, em especial pelos mais novos, e também por outras pessoas que não pertencem à comunidade: os mais velhos relatam os acontecimentos passados, a cultura, a paisagem, os fatos históricos, as narrativas orais que também fazem parte da história de vida da comunidade. Essas lembranças são gravadas na memória dos ouvintes que também repassarão para outras pessoas:

> Pode-se pensar, então, que a memória atua como um gerenciador do passado, vez que não traz à mente do sujeito uma cópia fiel dos acontecimentos vivenciados, não encena exatamente o que o sujeito viveu. A memória recupera o passado, mas o adapta ao presente para fazê-lo atuar neste momento (SOUZA, 2014 p.106).

O estudioso Halbwachs (2006) criou a categoria de memória coletiva, ele defende que as lembranças do passado não podem ser efetivamente analisadas se não forem levados em consideração os contextos sociais, pois eles são a base para o trabalho de reconstrução da memória. O homem não é um ser individual, ele convive com a sociedade e os acontecimentos sociais fazem parte de sua vida, por isso quando nos lembramos de algo que aconteceu no passado, mesmo que seja individual, estamos envolvidos no contexto social, que é a memória coletiva. Segundo Tognoli:

> Não haveria passado se não houvesse memória e, consequentemente, não existiria a história. A memória representa o ponto de interseção entre a iden-

> tidade do indivíduo e a história de vida que a moldou, assim como é da memória coletiva que se origina a identidade de um povo e sua história. Não haveria forma de reconstruir o passado, se não houvesse registros preservados na memória do indivíduo, ou na memória do grupo social a que pertence (TOGNOLI, 2009, p. 125).

A história e o passado existem por causa dos fatos gravados na memória, estes são contados e compartilhados. Como a autora enfatiza, não haveria forma de reconstruir o passado se não houvesse os registros preservados na memória de cada ser humano. Eis a importância da memória para o tempo presente e para a humanidade. Como já relatamos anteriormente, sem a memória, sem as lembranças dos moradores da comunidade Ramal dos Guedes, a construção deste estudo seria impossível. O narrador Raimundo Guedes, em nossa entrevista informal, discorreu sobre este fato:

> As coisas vão sumindo porque a turma nova não liga mais pra conversar,pra debater, conversar do passado, porque é muito importante a gente lem- brar do passado né? A gente não vai só ligar pro passado, a gente tem que viver o que temos no passado e no futuro mais pra frente, mas é bom a gen- te lembrar um pouco do passado né? Porque é muito bonito a gente lembrar do que vivemos antes, para pensar no presente e viver o nosso futuro.

Nesse relato, Raimundo Guedes destaca a importância de compartilhar a linguagem, as lembranças do que se vive para as pessoas mais novas. Mas segundo ele, a turma nova não dá mais importância para os velhos, para ouvir as suas histórias e por isso muitas coisas estão sumindo. Ele ressalta a importância de lembrar o passado, pois é através das lembranças do passado e das conversas com os mais velhos que podemos conhecer as histórias. Ele sente falta de compartilhar o que viveu com a "turma nova", de repassar suas referências familiares e culturais:

> Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (BOSI, 1994, p. 60).

Os idosos, por já terem vividos várias experiências e acompanhado alguns

fatos sociais, guardam em suas memórias episódios importantes da sociedade. Nos estudos e entrevistas desenvolvidas com eles conhecemos muitos acontecimentos e ocorrências formidáveis para a história da sociedade, relatos que os livros de História não registram. Segundo Tognoli (2009), em Roma, a memória era vista como essencial, imprescindível, valorizava-se a memória enquanto meio de conservar informações. E constatamos que as informações sobre a cultura e história da comunidade Ramal dos Guedes está preservada na memória dos mais velhos, e foi através dela que escrevemos a história da comunidade, pois:

> Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. (BOSI, 1994, p.82)

Algumas memórias pesquisadas já estão falhando, empecilho que não deixou alguns moradores entrevistados lembrarem-se de alguns acontecimentos passados, eis aí mais uma razão para que essas lembranças sejam repassadas a outros e preservadas de algum modo. Seu Abelardo discorre sobre isso: “Minha memória está falha, não lembro mais de muitas coisas que vivemos”. Isto pode ocorrer:

> Pelo fato de, na idade adulta, não se poder manter o mesmo sistema de representações, hábitos e relações sociais da infância, torna-se praticamente impossível conservar totalmente a lembrança do passado. Convém lembrar, além disso, que as mudanças de ambiente atingem a qualidade íntima da memória, o que provoca a ligação da memória individual à memória do grupo e desta à memória coletiva de cada sociedade (TOGNOLI, 2009, p. 130).

A autora relata que “torna-se impossível conservar totalmente a lembrança do passado”, por conta disso nem todas as lembranças passadas da comunidade em análise foram lembradas pelos moradores da comunidade Ramal dos Guedes, porém, esse fato não alterou a produção deste estudo, já que Halbawchs (2006) teoriza que a memória não é individual e sim coletiva porque as lembranças remetem a um contexto de interação com o exterior, com o social, por isso alguns fatos que ocorreram na comunidade foram vivenciados e ouvidos por vários moradores. O que se apagou da memória de seu Abelardo, por exemplo, outros moradores lembraram e narraram, porém nem todos os fatos foram lembrados em

detalhes como já mencionamos.

Cada indivíduo guarda em sua memória os fatos ocorridos e cada um tem o seu ponto de vista sobre aquilo que viveu ou viu. O sociólogo Halbwachs (2006) descreve que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista muda conforme o lugar que cada indivíduo ocupa na sociedade e este lugar muda segundo as relações que cada um mantém com outros meios.

Seu Heitor, seu Bené, seu Raimundo, dona Maria Luiza, e seu Abelardo, mantêm vivos em suas memórias os acontecimentos importantes da comunidade, como a crença da comunidade que foi alterada pela chegada da religião católica; o início do progresso, como a abertura da estrada; a chegada da energia elétrica; da água encanada; a lembrança da floresta vasta, como a maioria deles relata em seus discursos: “Isso aqui tudo era capoeirão, era muito bonito, cheio de árvores altas”; a fartura da caça e de peixe. Enfim, eles compartilharam conhecimentos comuns e importantes para a comunidade e procuram manter esses fatos vivos em suas memórias. Por mais que “a turma nova” não os ouça, essas histórias ficarão registradas neste estudo.

Penalva (2002, p. 127) ressalta que, “nesse movimento do presente e passado, o relato de vida é sempre uma interpretação atual dos fatos passados. Memória e imaginação fundem-se nessa atividade de interpretação”. Na conversa com seu Bené, no momento em que ele narrava os episódios ocorridos na comunidade, seu Heitor se aproximou. E para afirmar o seu discurso, seu Bené em alguns momento falava: “não foi Heitor? Tu te lembra? Né verdade?” Nesse momento, os dois reconstruíam o passado em suas memórias e narravam lembranças coletivas, faziam o movimento entre o presente e o passado, pois “pela memória constituímos nosso passado: reconfirmamos episódios e distinguimos o ontem do hoje” (*Op. cit.,* p. 124).

Nessa conversa com seu Bené, pude perceber o olhar de cada um para o horizonte, um olhar de lembranças e de saudosismo. Os mais velhos da comunidade Ramal dos Guedes reconstruíram e reconstroem no presente as experiências passadas a cada momento que narram a história da comunidade. As suas narrativas reconstroem o passado no tempo presente. A memória consiste em trabalho, não é apenas um imaginário, um sonho, pois lembrar não seria reviver, mas sim reconstruir, na atualidade, as experiências do passado. É muito mais do que

recuperar o passado, pois busca os fatos estando-se no presente (TOGNOLI, 2009, p. 128).

Com as lembranças vividas, a memória traz para o presente o passado, as histórias de um povo, e é por esse caminho que contruímos nossas identidades, pois quando nos lembramos da nossa história e a repassamos para outrem estamos falando quem somos e de onde viemos, estamos falando da nossa identidade:

> A memória, traz para o momento presente as experiências passadas, gerando a sensação ilusória de que é possivel reavivar o que passou, tornando o passado uma presença acessível. Essa é a impressão transmitida pela lembrança e a partir disso, a memória atua como fonte de referências identitárias (SOUZA, 2014, p. 104).

Essa sensação ilusória faz o ser humano reviver as suas histórias e repassar para os seus semelhantes as experiências vividas, assim as heranças culturais e as referências identitárias são revigoradas e reafirmadas. A “memória, por outro lado, é a lembrança que se renova em uma história que foi vivida, mas que continuará sempre viva” (TOGNOLI, 2009, p. 129). A cada momento que os moradores da comunidade Ramal dos Guedes narram suas histórias e as da comunidade, suas lembranças são renovadas a cada novo contar, pois a cada momento eles se lembrarão de novos fatos e esquecerão outros e os estados de espírito deles também não serão mais os mesmos. Mas, por mais que faleçam, as suas histórias ficarão gravadas na memória de quem as ouviu, por isso as histórias continuam e continuarão vivas:

> A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta a dialética de lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente (NORA, 1993, p.9).

Ouvir os mais velhos da comunidade Ramal dos Guedes nos fez conhecer a história e a cultura desse povo. As narrativas orais que permaneciam apenas na memória do povo da comunidade serão escritas e outras pessoas as conhecerão. Os encantados encantarão outras memórias ao lerem este texto, e narrarão para outros e assim a história desta pequena comunidade percorrerá várias memórias.

3. CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL

O ser humano, diferentemente de outros animais, se adapta ao ambiente que vive, adquire os hábitos do lugar, da família pela qual é criado e na medida em que o tempo se transforma, o homem também acompanha essas mudanças. Cada pessoa, dependendo do lugar que ela habita, aprende, com seus semelhantes, os costumes desse lugar. Essas ações praticadas individual ou coletivamente pelo ser humano está relacionada à cultura. A cultura não é herdada biologicamente, ela é desenvolvida no meio social ao qual um determinado indivíduo é criado, segundo Laraia (2001, p. 49), "a cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações". Por isso, os habitantes da comunidade Ramal dos Guedes comportam-se de maneira diferente dos de outras comunidades. Eles têm a crença nos encantados, o cuidado de não levarem as crianças que não são batizadas ao igarapé para não serem assombradas pelos seres. A cultura dessa comunidade é que determina esses comportamentos e justifica essas realizações.

Mas como conceituar a palavra cultura, uma palavra tão complexa de se definir? Conceituar cultura não é uma tarefa fácil, pois cada indivíduo apresenta características diferentes do seu semelhante. Porém, podemos inferir que ela é quem delibera a conduta do ser humano em convivência com a sociedade. O contato que temos com os nossos semelhantes, com o lugar que vivemos faz com que sejamos diferentes de outros seres e agirmos diferentes de outros humanos. Dessa forma, cultura é aquilo que aprendemos e desenvolvemos no nosso dia-a-dia.

Segundo Laraia, o primeiro a definir o conceito antropológico da palavra cultura foi o antropólogo Edward Tylor. Para este estudioso, o termo cultura, "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" (TYLOR 1871, p.1 *apud* LARAIA, 2001, p. 14). Desse modo, cada um de nós tem uma maneira específica de viver e ver as coisas que existem no mundo, temos nossos costumes, crendices, alimentação, nós somos sujeitos ideológicos, somos formados a partir de uma formação ideológica discursiva, desenvolvida dentro de um grupo, de uma comunidade ou da cidade que habitamos. "O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e as experiências adquiridas pelas

numerosas gerações que o antecederam" (LARAIA, 2001, p. 46).

As pessoas que vivem nas comunidades amazônicas têm as suas crenças, sua maneira particular de ler e observar a natureza, seus hábitos alimentares, como "o peixe comido com açaí e farinha de mandioca", refeição muito apreciada pelos habitantes da comunidade Ramal dos Guedes e de outras comunidades amazônicas paraenses, que se diferenciam de outras regiões brasileiras, onde o açaí é consumido com outros ingredientes diferentes, como banana, leite, granola. Considerando a cultura da comunidade, essas misturas no açaí, na visão cultural deles, fazem mal e por isso não ousariam consumi-lo dessa maneira e muito menos após comerem alguma fruta ácida.

Assim como o açaí, os encantados da floresta, como já mencionamos, fazem parte da cultura da comunidade e junto com eles surgem as "armas" usadas para distrai-los, que também é algo cultural da comunidade. A que mais se destaca é a usada para distrair o encantado *Curupira*:

> Nós fomo pro capal apanhar açaí. Nesse tempo a gente ia com o panero na costa, se atolava, aí nós se perdemo. Mas o papai sempre dizia assim: Minha filha, quando a gente ver que a gente tá perdido no mato, a gente senta e faz aquela rodinha de cipó, né? [...] (Dona Maria Luísa, fevereiro de 2019).

A "rodinha de cipó", mencionada pela narradora era ou é usada para distrair o *Curupira*, que segundo os moradores da comunidade, quando eles vão às matas e não conseguem achar o caminho de volta para casa, estão sendo "castigados" por esse ser encantado. Para serem libertos e retornarem as suas casas, fazem essa "arma":

> Na mata, quando eu ia caçar, também a Curupira batia muito pra gente, batia no tronco da árvore, assobiava, né? A gente... quando ela seguia a gente, a gente fazia um cigarro... acendia e deixava em cima da raiz pra ela se entreter. Ela vinha e enquanto ela ficava intertida ali, a gente caçava nosso rumo e aí também quando ela pertuba a gente, a gente faz uma roda de cipó, de cipó e... esconde as pontinhas. Enquanto ela fica intertida ali, ver como é que foi feito aquilo, pra ver... achar a ponta, a gente já tá bastante longe, e aí ela esquece a gente também (Seu Heitor Guedes, fevereiro de 2019).

As estratégias realizadas para distrair o *Curupira* fazem parte da cultura desse lugar e, para alguns funcionam perfeitamente. Elas foram aprendidas com seus antepassados, praticadas e repassadas para outras gerações. Como podemos observar nas narrativas, elas têm um significado importante na cultura desse povo.

Os objetos usados para tal fim são desconhecidos por esse ser e, enquanto ele fica distraído olhando o que é e como se faz para desmanchar a “rodinha de cipó”, ele se esquece das pessoas, então elas conseguem escapar de sua vista e encontrar o caminho de volta para casa.

Dessa forma, podemos inferir que cultura é o modo de vida que cada pessoa consegue desenvolver no meio social ou individualmente. Essas comunidades amazônicas têm as suas especificidades as quais estão relacionadas com o desenvolvimento cultural do povo que habita nessas regiões:

> A palavra “cultura”, que se supõe designar um tipo de sociedade, é de fato uma forma normativa de imaginar essa sociedade. Ela também pode ser uma forma de alguém imaginar suas próprias condições sociais usando como modelo as de outras pessoas, quer no passado, na selva, ou no futuro político (EAGLETON, 2011, p. 41).

Não existe sociedade sem cultura, somos seres culturais e através disso construímos a nossa história, a história do mundo, de cada sociedade, todas com o seu jeito especial de viver, sendo representada pelas gerações. Quando formos a algum lugar e ouvirmos falar do *Curupira*, sempre teremos algo cultural para falar, que vai representar o povo do Ramal dos Guedes do “jeitinho” que vivem e que contam a sua história, as quais merecem ser transmitidas. À vista disso, a cultura pode ser expressada por outros aspectos como o parentesco, o casamento, o afeto emocional, que podem variar de uma sociedade para outra. Na comunidade Ramal do Guedes, por exemplo, todas as pessoas mais novas devem pedir a benção aos mais velhos da comunidade. “A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é em grande medida aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último” (EAGLETON, 2011, p. 184).

A crença das pessoas é um aspecto cultural bastante relevante que também queremos destacar neste capítulo. Através da credibilidade que depositamos, seja ela num remédio, num Deus ou até mesmo nos encantados, podemos obter grandes realizações materiais ou espirituais. “A cultura também é capaz de provocar curas de doenças, reais ou imaginárias. Estas curas ocorrem quando existe a fé do doente na eficácia do remédio ou no poder dos agentes culturais” (LARAIA, 2001, p. 79-80).

Podemos perceber isso na maior festa religiosa do Pará: o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, realizado na capital paraense. Muitos fiéis acompanham a

procissão pedindo e agradecendo as graças alcançadas através da santa. A própria corda do círio é muito disputada pelos fiéis, que acreditam receber a cura de enfermidades, proteção e a benção de Nossa Senhora de Nazaré através daquele pedaço de corda que conseguem pegar após a procissão.

As ervas amazônicas, assim como as folhas e as cascas de algumas árvores, também são bastantes utilizadas pelos habitantes das comunidades amazônicas nas produções de chás para cura de doenças. E como vimos no capítulo anterior, os habitantes da comunidade Ramal dos Guedes passam alho nas crianças que vão ao igarapé, acreditando que através dele as crianças são protegidas dos maus olhares dos encantados. Outro fato cultural que queremos destacar é o uso da água benta, assim como outros católicos, os moradores da comunidade também usam essa água benzida pelos padres ou bispos para ungirem a casa, a cabeça e outras partes do corpo quando estão enfermas. A fé é algo essencial na eficácia do alho, da água benta e no poder dos benzedores. Isso também é cultura.

Segundo Eagleton (2011), nós não nascemos como seres culturais, mas a cultura é uma necessidade para nossa sobrevivência. Ao nascermos, temos que conviver em sociedade e para isso é necessário aprender as práticas sociais. Nosso primeiro contato cultural é em casa, com os nossos pais, com a nossa família, depois com as pessoas do lugar que habitamos e, assim, aprendemos com eles a maneira de falar, de comer, de vestir, a religião a seguir e as crendices praticadas. Porém, ao mantermos contato com outras pessoas de diversas culturas adquirimos para a nossa própria traços alheios, porque todas as culturas estão envolvidas uma com as outras, são hibridas. O indiano Homi K. Bhabha (2013) trabalha com o conceito de hibridismo, ou seja, para ele nenhuma cultura é homogênea, nem a do colonizador nem a do colonizado, toda cultura é hibrida, pois carrega traços próprios e alheios:

> Para Bhabha, no projeto pós-colonial, em oposição ao conceito dominante de cultura como algo estático, substantivo e essencialista, a cultura passa a ser vista como algo híbrido, produtivo, dinâmico, aberto, em constante transformação; não mais um substantivo, mas um verbo, “uma estratégia de sobrevivência” (SOUZA, 2004, p.125).

Deste modo, o homem é o resultado do meio cultural em que vive e em que socializa, como descreve Laraia (2001). Esse conhecimento que ele adquire ao longo dos anos em contato com diferentes pessoas se entrelaça e se transforma ao

decorrer dos anos porque a cultura não é estável, é dinâmica. Ela está sempre aberta para as mudanças, por isso não podemos falar que em uma comunidade a cultura é homogênea, pois temos várias identidades e a partir delas surgem várias culturas, dessa forma acontece o hibridismo cultural: o branco em contato com a cultura do negro, do indígena; o colonizador com a do colonizado e assim sucessivamente. As misturas que existem dialogam na cultura pós-moderna, por isso as diferenças devem ser respeitadas:

> O hibridismo é a reavaliação do pressuposto da identidade colonial pela repetição de efeitos de identidade discriminatórios. Ele expõe a deformação e o deslocamento inerentes a todos os espaços de discriminação e dominação. Ele desestabiliza as demandas miméticas ou narcísicas do poder colonial, mas confere novas implicações e suas identidades em estratégias de subversão que fazem o olhar do discriminado voltar-se para o olho do poder (BHABHA, 2013, p. 185-186).

O hibridismo chega para “quebrar” com o conceito de pureza cultural, ele desestabiliza o colonizador que ver a sua cultura como a melhor e a mais completa, a qual os colonizados devem seguir e aderir. O hibridismo nos ensina que não há uma cultura melhor ou pior que a outra e que nenhuma é pura, pois existe diálogo entre as culturas. E nessa dinamização da cultura, a sociedade vai adaptando seu modo de vida conforme as necessidades de seu povo e cada um atrela para si o que achar melhor para o seu desenvolvimento cultural.

A hibridização cultural na comunidade Ramal dos Guedes intensificou-se quando os moradores dessa localidade começaram a ter contato com as culturas de outras localidades. Isso ocorreu com a abertura da estrada, que possibilitou a eles o contado com a cultura urbana; com a chegada da energia elétrica, a qual ocasionou o uso de televisores; logo após o aparelho celular juntamente com a internet e as redes sociais. Tudo isso ajudou e tem ajudado os moradores a terem acesso a outras culturas e levarem para a comunidade outros traços culturais, intensificando cada vez mais a mistura cultural na comunidade.

Através dos meios de comunicação avançados, as pessoas da comunidade Ramal dos Guedes aprendem outras manei-ras de viver, alterando dessa forma a sua cultura, por meio de contatos com vários estilos musicais, diversos tipos de comidas, diferentes maneiras de vestimentas e até mesmo de palavras e jargões, entre outros caracteres culturais de comunidades afins. Então, podemos estimar que a cultura da comunidade Ramal dos Guedes não está ameaçada pela modernização

o que está acontecendo na comunidade é:

> Um processo intenso de mesclagens culturais decorrentes das transferências interculturais em que se combinam elementos, os mais tradicionais e arcaicos com os mais modernos produtos da tecnologia, a comunicação oral e primária com as técnicas dos meios eletrônicos e massivos de comunicação, o rural e urbano (MARQUES, 2000, p.133).

O urbano e o rural estão sempre em contato, pois o fluxo de pessoas entre os dois meios é constante, especialmente do rural para o urbano. Dessa forma, no espaço urbano, assim como no rural, arquiteta-se relações de heterogeneidade cultural, isto é, o entrelaçamento entre as culturas, porque os sujeitos interagem uns comos outros. E é através desse fluxo e das mídias eletrônicas que as culturas se misturam e acontece o cruzamento sociocultural. Esse processo é contínuo, pois como descreve Hall, nunca se completa, permanece sempre na indecisão, afinal somos sujeitos com identidades múltiplas, além disso, sempre vamos manter contato com variadas culturas, o diálogo cultural sempre vai existir:

> O hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os "tradicionais" e "modernos" como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradição cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecibilidade (HALL, 2013 p. 82).

Segundo Canclini (1997), a expansão urbana intensificou a hibridização cultural e cidade e campo se articulam através da mídia eletrônica: "sem dúvida, a expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridação cultural" (CANCLINI, 1997, p. 285). Assim como em outras comunidades rurais, o fluxo entre a vida rural e urbana na comunidade Ramal dos Guedes também é grande, todos os dias as pessoas vão para a cidade e retornam para a comunidade, algumas saem da comunidade para morar em outras cidades e estados e depois retornam, isso também ocasiona o diálogo entre as culturas e através dessas interações, e então a cultura da comunidade sofre alterações, como já descrevemos.

De acordo com Roque Laraia (2001), o tempo constitui um elemento muito importante na análise de uma cultura, assim como ele passa, as culturas também se transformam. Essas modificações acontecem até mesmo nas culturas dos povos que vivem isolados porque os mais novos, por exemplo, por mais que aprendam o que os seus antepassados realizaram, não irão desenvolver do mesmo jeito. Isso ocasiona um choque cultural entre os mais idosos e os mais jovens de uma comuni-

dade, porque os mais velhos querem ver os jovens praticando as ações com as mesmas habilidades que praticavam. São essas aparentemente pequenas mudanças que, segundo Laraia (2001, p. 102), cavam o fosso entre as gerações, que faz com que os pais não se reconheçam nos filhos e estes se surpreendam com a “caretice” de seus progenitores, incapazes de reconhecer que as culturas estão sempre mudando.

Destarte, o lugar que as pessoas da comunidade Ramal dos Guedes vivem hoje não é mais aquele lugar que os mais velhos narram, onde passaram a infância; é um lugar que sofreu várias alterações ao longo do tempo, um lugar que se reformulou e vem se reformulando a cada dia, porém lembrado com saudosismo, entusiasmo e emoção. Para os mais velhos, o passado da comunidade é um tempo mítico,idealizado, guardado com saudosismo:

> “Daí, pode-se dizer que a memória trabalha sobre o tempo, não um tempo qualquer, mas aquele experienciado pela cultura. Na rememoração, recostura-se, tece-se o passado no presente, compondo tramas e entrelaçam-se novas experiências existenciais” (BARBOSA, 2011, p. 62).

As lembranças narradas por eles são reelaboradas com a noção que se tem do tempo presente. É inevitável narrar o passado sem a noção do presente, “nessa direção, o presente colonizaria o passado, organizando-o sob suas concepções e emoções. Assim, um olhar ao passado não poderia pressupor-se livre do presente” (GUIMARÃES, 2007, p.167). Dessa forma, os fatos narrados pelos mais velhos são filtrados e alterados com a noção do que se têm do momento presente: as experiências e os dados. As lembranças do Ramal são reconstruídas numa dimensão de presente.

As transformações culturais podem ocorrer de duas maneiras: “Podemos agora afirmar que existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com o outro” (LARAIA, 2001, p.100). As mudanças internas, em alguns casos, são mais difíceis de perceber, já as externas são mais perceptíveis. O sistema cultural é amplo e dinâmico e assim como o tempo, o ambiente físico também condiciona as transformações e as diversidades culturais. E nessa dinamização cultural, o erudito e o popular compartilham de vários aspectos:

> As culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis e, portanto, desa-

> parece a possibilidade de ser culto conhecendo o repertório das "grandes obras", ou ser popular porque se domina o sentido dos objetos e mensagens produzidos por uma comunidade mais ou menos fechada (uma etnia, um bairro, uma classe). Agora essas coleções renovam sua composição e sua hierarquia com as modas, entrecruzam-se o tempo todo [...] (CANCLINI, 1997, p. 304).

As culturas não são homogêneas e não estão fechadas para as mudanças, estão sempre nesse processo de cruzamento cultural, tanto a cultura popular quanto a erudita estarão no processo contínuo de transformações. E dentro do sistema cultural popular podemos encontrar traços da cultura erudita. Mas no processo de hierarquização cultural, a cultura erudita se impõe como modelo, e muitas vezes rejeita aquilo que não faz parte de sua composição cultural. A partir dessa rejeição acontece o preconceito cultural. Porém, a cultura popular vem resistindo a cada dia, é uma luta contínua de resistência, “a cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência” (HALL, 2013, p.291). Os povos que pertencem à cultura erudita tentam impor as suas regras nos praticantes da cultura popular, querendo muitas vezes modificá-la, há uma luta cultural contínua entre essas duas modalidades culturais:

> Creio que há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular; para cerca-la e confinar suas definições e formas dentro de uma gama mais abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é continua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas (HALL, 2013, p. 282).

As lutas culturais irão continuar e sempre haverá a imposição da cultura erudita sobre a popular, por encontramos traços da primeira na segunda, mas acreditamos que a cultura popular permanecerá pertencente às minorias, e continuará resistindo, principalmente contra a discriminação. Porém, as duas modalidades culturais são importantes para o desenvolvimento sociocultural, já que o sistema cultura é essencial para nós vivermos em sociedade e compreendermos as diferenças. Eagleton (2011) nos ensina que a cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para assumirmos a nossa cidadania e como cidadãos culturais desenvolvemos aquilo que aprendemos ao longo dos tempos,

assumindo, dessa forma, nossas identidades culturais. Assim sendo, “a cultura é esse padrão de organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas como reveladoras entre si mesmas” (HALL, 2013, p. 149).

As culturas se diversificam, mas “o fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e mais natural” (LARAIA, 2001, p.75), porém as diversidades culturais devem ser respeitadas, não podemos dizer que uma cultura é melhor do que outras, pois todas trazem consigo as suas particularidades e são importantes para o desenvolvimento social.

Mas não devemos esquecer que os habitantes das florestas sofrem preconceitos por suas crenças e seu modo de viver e ver o mundo. São criticados pelos seus costumes; suas crenças são desconsideradas por algumas pessoas. Esse olhar sobre o povo amazônico é o olhar do colonizador que considera a sua cultura superior. Os colonizadores, ao chegarem à nossa região amazônica, já olharam para os povos que aqui viviam com um olhar diferenciando, rejeitando aquilo que era praticado por eles, o modo de se vestirem, as crenças, as comidas, dentre outras práticas. Rejeitaram a cultura dos nativos e começaram a impor a sua cultura. Assim como ainda existe a superioridade de um povo sobre outro, existe também a superioridade cultural:

> Desde os primeiros contatos dos europeus (portugueses, espanhóis, holandeses, ingleses e franceses) com a Amazônia, a partir do século XVI, vemos a construção de discursos sobre a identidade cultural da “nova” terra, a partir de parâmetros homogêneos do colonizador. Estes discursos, construídos na interação do novo ocupante com o meio deram origem a textos que produziram preconceitos que sustentam pontos de vista excludentes, responsáveis pela produção de processos de hierarquia cultural na região ao longo dos séculos (PENALVA, 2012, p. 24).

Esses discursos preponderam até os dias atuais, já que a Amazônia ainda é vista por muitos, inclusive por alguns brasileiros que residem em outras regiões, como um lugar exuberante, no qual as pessoas vivem somente no meio da floresta, sem cultura, convivendo com animais selvagens (cobras, jacarés e onças). Precisamos desconstruir esses discursos produzidos sobre a identidade cultural da Amazônia. Aqui se produz ciência, tecnologia e as pessoas que habitam essa região são produtores culturais, e tudo o que desenvolvemos aqui está relacionado à nossa cultura ainda desconhecida, por isso não existe sociedade sem cultura.

3.1. Amazônia: Histórias, lutas e culturas

Neste tópico, queremos traçar algumas discussões sobre alguns aspectos culturais, geográficos e sociais da Amazônia brasileira, tendo em vista que a comunidade a qual realizamos esta pesquisa está localizada na região amazônica, por isso achamos importante discutir sobre essa região tão vasta e complexa que não iremos conseguir descrever todas as suas exterioridades, mesmo porque o objetivo desta pesquisa não é este, então faremos apenas uma breve discussão a seu respeito. Segundo Marcio Souza:

> Localizada ao norte da América do sul, a Amazônia compreende toda a Bacia Amazônica, formada pelos seguintes países: Brasil, Bolívia, Colômbia, Peru, Guiana, Venezuela, Suriname, Equador, e França. A porcentagem da Amazônia em cada país está distribuída da seguinte forma: o Brasil tem 68%; Peru tem 10%; a Bolívia tem 10% a Colômbia 8%; o Equador 2%; a Venezuela 1% e as Guianas 1% (SOUZA, 2009, p. 21).

Ainda segundo esse autor, a localização da Amazônia no Brasil está dividida da seguinte forma: “Amazônia legal, integrando os Estados do Pará, Amazonas, Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, oeste do Maranhão, Mato Grosso e Tocantins, representando 59% do território brasileiro e 65% da Amazônia como um todo” (SOUZA, 2009, p. 22). Como podemos perceber, é no território brasileiro que se concentra a maior parte da Amazônia. Antes da chegada dos europeus na região, os nativos que aqui viviam já realizavam suas técnicas de sobrevivência para compreenderem os fenômenos naturais e cultivar as plantações, sabiam quando chegaria o período chuvoso e faziam os procedimentos necessários para garantir a sua sobrevivência. Pesquisas realizadas em sítios arqueológicos mostram-nos algumas habilidades que esses nativos ancestrais usavam para sobreviverem e conviverem com a natureza sem agredi-la:

> Foi em 1977 que o geógrafo e paleontólogo Alceu Ranzi revelou, ao público e ao mundo acadêmico, os monumentais sítios arqueológicos que denominou geoglifos. Esses sítios, construídos pelos indígenas que ali viveram há cerca de 2000 anos, e reconstruídos por mais de 1000 anos, são testemunhos do conhecimento e da grande habilidade daqueles verdadeiros engenheiros. Na região de Xapuri, ao sul do Acre, estão alguns desses sítios ainda antigos, entre 300 e 1200 AP (VELOSO, 2018, p. 49).

Essas habilidades realizadas por eles mostram-nos a sabedoria que os nativos tinham, não eram toscos e nem burros como disseram os colonizadores,

eram habilidosos. Mas quando os colonizadores chegaram à Amazônia os jugaram como povos incivilizados, rudes, brutos, que precisavam ser educados. Os europeus chegaram impondo as suas regras, seu modo de vida, a sua língua e sua religião, desmerecendo a cultura dos nativos, não levaram em consideração os saberes e nem as habilidades desenvolvidas por eles:

> Geralmente os povos que já habitavam a Amazônia foram definidos e nomeados por esses colonizadores como rudes, toscos e esquisitos, aparentemente necessitando, que alguém falasse por eles ou em defesa deles, mas nunca diretamente com eles o que resultou na apresentação dos mesmos como sujeitos sem enunciação e sem nenhuma noção de civilidade (PENALVA, 2012, p. 25).

Por causa do olhar do colonizador, os habitantes da região amazônica, ainda nos dias atuais, são classificados como pessoas sem cultura e sem noção de civilidade. Mas sabemos que a Amazônia é um espaço vasto com suas ricas culturas que precisam ser reconhecidas e respeitadas. Elas foram e são constituídas a partir dos saberes indígenas, dos ribeirinhos e dos caboclos em contado com outras etnias. É preciso reformular esse conceito dos povos amazônicos e valorizar nossas diferenças culturais. As sociedades amazônidas, “longe de serem culturalmente atrasadas, desenvolveram a tecnologia lítica e a arte rupestre, inovaram na cerâmica, conheciam importantes práticas de manejo e seleção de plantas úteis muito antes daascensão da sociedade agricultora” (VELOSO, 2018, p.38).

As sociedades que habitavam essa região, segundo Moema Veloso, souberam viver de forma harmônica com a natureza, em perfeito equilíbrio, deixando para nós o exemplo adaptativo. Elas utilizavam diferentes estratégias de adaptação e diversificação, domesticaram animais, aprenderam sobre uso das plantas e suas propriedades. Mas, devido aos estereótipos criados sobre o povo amazônico, todos esses saberes não são levados em consideração. Os europeus já chegaram à região com desejo de explorar a floresta e seus habitantes.

Os nativos amazônicos lutaram por seus direitos, traçaram guerras contra os colonizadores, contra as regras que foram impostas sobre eles. *A Revolução Cabana* é um grande exemplo de luta contra os colonizadores, é a revolução popular mais importante da Amazônia. Os revolucionários eram os moradores desfavorecidos da região, juntamente com alguns comerciantes, fazendeiros e latifundiários. Eles formaram um grupo de revolucionários heterogêneos que não

queria mais ser governado pelos europeus:

> Vale lembrar que a província do Grão-Pará, desde o período colonial, era governada diretamente de Lisboa, portanto, estava mais ligada a Portugal que ao governador central, à época, no Rio de Janeiro. Mesmo após a adesão a Independência a situação na província pouco se alterara. Eram os Portugueses que ainda detinham o controle da economia regional e os melhores cargos administrativos e políticos (VELOSO, 2018, p. 144).

E por esse motivo, os cabanos lutaram, não queriam mais viver submissos ao governo europeu. A batalha foi grande e árdua, muito sangue foi jorrado, muitas pessoas foram mortas para que a independência da Amazônia brasileira fosse conquistada. Foi uma luta traçada pelo reconhecimento do povo que aqui vivia, de sua cultura, de seus direitos e de sua liberdade:

> Na Cabanagem, a luta envolvia índios, negros, e brancos unidos por um ideal comum: a independência, cujo significado não era comum. Para os nativos e seus descendentes, era o resgaste de seus direitos por meio da superação da dependência econômica e política imposta a eles desde os primeiros tempos coloniais; era o seu reconhecimento e seu valor. Para os negros e seus descendentes, a independência significava liberdade: liberdade de viver sua cultura e tradições ancestrais mesmo na terra para onde vieram como escravos (VELOSO, 2018, p. 173,174).

Essa luta foi um marco muito importante para a Amazônia, alguns direitos foram conquistados, porém alguns são negados até hoje. O olhar do colonizador ainda prevalece sobre os povos que aqui habitam e a cultura dos habitantes ainda é desvalorizada, isso acontece porque “na verdade cada qual considera bárbaro o que não se pratica na sua terra” (LARAIA, 2001, p. 13). No entanto, não podemos desvalorizar o que não praticamos no meio em que vivemos.

As comunidades da região amazônica desenvolvem suas técnicas de sobrevivência, como a de cultuar os seus deuses, desenvolvendo narrativas orais nas quais as personagens são os encantados com poderes divinos, habitantes das águas e das matas. A Amazônia é uma região na qual existe uma diversidade cultural extraordinária, onde os habitantes continuam lutando por seus direitos, mas é uma luta diária contra o preconceito e os olhares estereotipados. Cada comunidade tem seu hábito que se diferencia de outras comunidades amazônicas.

Os hábitos da comunidade Ramal dos Guedes apresenta diferenças dos hábitos de outras comunidades amazônicas, todavia têm suas semelhanças.A crença nos encantados, por exemplo, é encontrada em várias comunidades, mas as

narrativas são contadas com algumas variações, como no caso da narrativa da *Matinta Perera*, que pode ocorrer nas variações das dádivas oferecidas para conhecê-la ou do objeto usado para prendê-la.

Entretanto, são histórias pouco difundidas, já que a Amazônia sempre foi vista pelo colonizador como objeto de exploração devido suas riquezas naturais, enquanto que seu povo e suas histórias são invisibilizados, deixados para o segundo plano. Faltam investimentos na região, enquanto suas riquezas são exploradas diariamente e em grande escala pelos estrangeiros. Seus próprios habitantes não são beneficiados por elas, o que é dado a eles é a destruição de suas terras, dos rios, as doenças trazidas pelos colonizadores e as causadas pela destruição do meio ambiente.

Vemos nos últimos tempos uma grande preocupação internacional com a Amazônia, um desejo de ajudar a preservá-la. Mas será que essa preocupação divulgada pela mídia é realmente um desejo de preservá-la para o bem comum ou é um interesse de explorá-la futuramente? Discursos internacionais sobre a internacionalização da Amazônia são traçados, mas não sabemos quais são os interesses por trás disso? A Amazônia é vista como patrimônio da humanidade, existindo uma preocupação mundial por ela, e “nesse jogo de interesse sobre a Amazônia, é difícil saber as reais intenções de muitas políticas” (VELOSO, 2018, p. 316).

Pelo que vemos, o interesse pela região é sempre voltado às suas riquezas naturais, logo seus sujeitos são esquecidos. Como se aqui não se produzisse literatura, ciência e não existisse gente com cultura e com saberes. Escritores, diversos críticos e pesquisadores têm mostrado que aqui se produz o que a sociedade pede, porém é difícil mostrar a rica variedade cultural da Amazônia quando os olhos dos outros estão voltados apenas para o capitalismo. Esta também é a contribuição desde trabalho: tentar mostrar as variedades culturais e a literatura oral de uma comunidade amazônica:

> Quem diz Amazônia enuncia incríveis padrões de riqueza, mas também o local de inacreditável concentração de miséria humana e social, penúria e mais penúria de uma gente de cor predominantemente amarronzada, a fisionomia de índio, índio com traços de branco, índio com traços de negro, memória viva da ação do colonizador europeu que aportou nesses plainos e foi logo tratando de apagar o que pudesse da vida indígena para pôr a prosperar o império lusitano (TUPIASSÚ, 2005, p. 7).

A preocupação que se tem é apenas pela Amazônia floresta. As pessoas que nela habitam, em especial os ribeirinhos, os caboclos e as comunidades menos desfavorecidas não têm voz, poucos projetos são feitos para melhorar as condições de vida dessas pessoas. A autora Moema Veloso nos fala que:

> A Amazônia não é só floresta, volto a afirmar, e, talvez, até hoje, não se tenha uma ideia precisa de sua diversidade. Não é o "inferno verde", não pode ser o "celeiro do mundo" e nem tampouco o almoxarifado infindável de onde se retiram os produtos sem que nada, ou pouco, seja feito para o bem do povo que habita e para o progresso da região (VELOSO, 2018, p. 437).

Mas é essa Amazônia: só floresta, "inferno verde", "celeiro do mundo" e almoxarifado infindável que muitas pessoas, inclusive políticos, enxergam. Os seus recursos naturais é o que interessa para eles, por isso que ela deve ser preservada, porque é uma fonte lucrativa. Esse olhar sobre a Amazônia precisa ser moldado, é preciso olhar mais para os seus habitantes e desenvolver projetos que os contemplem e os respeitem, sem vê-los como mão-de-obra, e sim como filhos da terra:

> Os projetos de desenvolvimento para a Amazônia têm que ser realinhados tendo **o ser humano como protagonista principal**, projetos centrados para atender suas demandas de mais educação, saúde, transportes, saneamento básico, produção e comercialização, fixando o homem em seu meio. Repito, só assim ela **sobreviverá brasileira** (Grifos da autora) (VELOSO, 2018, p. 314).

O olhar que esperamos não é somente para a floresta com suas riquezas e exuberâncias, mas um olhar para o povo com seu modo de vida, que sabe desvendar os segredos da mãe-terra, um olhar para um povo que necessita ser compreendido, valorizado, respeitado e não rejeitado. É preciso reescrever a história do amazônida para que os estereótipos criados sejam banidos, é preciso olhar para a Amazônia como um espaço plural e heterogêneo e pensar nesta floresta habiatada como um espaço cultural que se diversifica e que se hibridiza:

> O estereótipo é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo, exigindo não apenas que ampliemos nossos objetivos críticos e políticos, mas que mudemos o próprio objeto de análise (BHABHA, 2013, p. 123).

A teoria desenvolvida por Bhabha, no livro "O Local da Cultura", e por Stuart

Hall, no livro “Da diáspora: identidade e mediações culturais”, delineia o que estamos buscando desenvolver neste tópico sobre a cultura, sobre a diferença cultural e sobre o hibridismo. Essa teoria contribui para mudar o olhar sobre a cultura do outro. Bhabha (2013) propõe uma nova forma de pensar a nação, assim como nós pretendemos uma nova forma de pensar a Amazônia, seus habitantes, suas histórias, suas lutas e seu desenvolvimento cultural.

Com os discursos de exaltação que são propagados de um determinado povo ou de uma raça, valores são repassados, contudo o que não está nos padrões estabelecidos passa a ser rejeitado, desvalorizado e mal visto. A partir daí, temos a criação dos estereótipos que acabam fixando uma ideia negativa a respeito do outro, do seu modo de vida e de suas tradições. Esse é o olhar diferenciado lançado sobre a cultura dos amazônidas, o qual parte da hierarquização cultural descrita no tópico anterior. Sobre isso, Bhabha descreve que:

> Tampouco seria possível, sem a atribuição de ambivalência às relações de poder/saber, calcular o impacto traumático do retorno do oprimido – aqueles aterrorizantes estereótipos de selvageria, canibalismo, luxúria e anarquia que são os indicadores de identificação e alienação, cenas de medo e desejos nos textos coloniais (BHABHA, 2013, p. 127).

Foi o que aconteceu com a chegada dos europeus na nossa região, eles chegaram com um padrão de vida diferenciado do povo que aqui habitava, escreveram sobre nós com o olhar deles, sob o padrão de vida que eles viviam. Nessa comparação, o modo de vida dos amazônidas foi repudiado e desvalorizado pelos europeus e a partir disso estereótipos foram criados: povo selvagem, sem cultura, sem deus. Algumas ideias negativas sobre os habitantes da floresta ainda se propagam até os dias atuais, como já mencionamos. Esse discurso de inferiorizarão sobre os habitantes da Amazônia é uma estratégia de dominação. Segundo a autora Ana Pizarro:

> Essa alteridade foi sempre funcional aos interesses europeus coloniais, à sua necessidade de poder e político, civil ou eclesiástico, de riqueza, de autoafirmação, de luta pelos mercados. A Amazônia é, tal como hoje a percebemos desde seu descobrimento pelos olhos do homem ocidental, a história dos discursos que a construíram, em diferentes momentos históricos e dos quais recebemos uma informação parcial, que permite fundamentalmente identificar o discurso dos europeus sobre ela (PIZARRO, 2012, p. 33).

Por conta de tudo isso, a história da Amazônia precisa ser reescrita numa

visão pós-colonial, discutindo sua identidade cultural com o olhar de hibridação e heterogeneidade porque a Amazônia é o entre-lugar da diversidade cultural; seus habitantes compartilham de culturas diversas: dos povos africanos, portugueses, chineses, japoneses, indianos e eles também compartilham da cultura dos amazônidas. É necessário ainda pesquisar e preservar o imaginário do povo da Amazônia. Segundo Veloso, a população que vive na Amazônia é parte integrante da natureza, os habitantes aprenderam a utilizar os recursos naturais para o seu sustento e tratamento, “a ouvir os ruídos dos animais e da floresta, a respeitar a natureza e a ela se adaptar. Aprenderam a “viver” a Amazônia contribuindo para a riqueza ambiental” (VELOSO, 2018, p. 19).

Os habitantes da comunidade Ramal dos Guedes apresentam algumas dessas características descritas por Moema Veloso: aprenderam a utilizar os recursos naturais da floresta tanto para o seu sustento quanto para o tratamento, aprenderam a ouvir os ruídos dos animais e da floresta e a ela se adaptar, mas o respeito à natureza não é mais como antes, visto que a comunidade, assim como a cultura, vivem num processo contínuo de mudanças, e, além disso, o número de famílias que vive hoje na comunidade aumentou, e para elas sobreviverem acabam agredindo a floresta, com as derrubadas de algumas áreas da mata, com as queimadas para as plantações, mas essas ações também acontecem pela lógica do capital. Apesar disso, algumas áreas da floresta ainda são preservadas em especial as que estão localizadas perto das nascentes.

Observando os mais velhos dessa comunidade, nas entrevistas informais, percebemos que o cantar dos pássaros, o coaxar dos sapos, o soprar do vento e até mesmo as estrelas do céu e alguns sinais na lua (como ouvir alguns deles falando que quando aparece uma nuvem avermelhada ao redor da lua é sinal que vai ter sol nas próximas semanas), representam algo, seja a chegada do inverno ou do verão amazônico ou até mesmo um sinal que não se deve mexer naquela área da floresta. Algumas ervas também foram desvendadas pelos moradores da comunidade, as quais servem de remédio para a cura de muitas doenças, seja em forma de chá, ou banhos. As cascas de algumas árvores, assim como o leite delas também são usados para a cura de algumas enfermidades.

Esses homens e mulheres aprenderam todos esses aspectos na vivência, na observação, nas práticas cotidianas e com os seus antepassados. Tudo isso tem um valor para eles, e com toda essa sabedoria, raramente precisam ir à farmácia

comprar remédios ou assistir um jornal para ver a previsão do tempo ou as mudanças das estações, basta observarem os sinais da natureza e colherem as plantas medicinais. Esses são alguns exemplos dos saberes adquiridos pelos habitantes da comunidade, eles fazem parte da cultura do ramal e são muito importantes para a preservação da memória. Todavia, são saberes que precisam ser falados, escritos e repassados para outras gerações e para que esses conhecimentos não se percam.

Os sujeitos amazônidas guardam e repassam muitos saberes que carregam consigo, alguns já contribuíram muito para a medicina brasileira e mundial. Por isso voltamos a repetir: na Amazônia vivem muitas pessoas que carregam consigo muitas habilidades, não são selvagens, não são brutais, não são toscas, têm a sua maneira específica de viver e ver a vida, de conviver com a natureza e dela sobreviver. São pessoas que apesar das dificuldades, das desigualdades sociais e dos preconceitos que enfrentam, vêm resistindo e lutando pelo seu espaço e pela sua cultura, pedindo apenas a compreensão de quem chega de fora, de quem olha com um olhar estereotipado e preconceituoso. Compreender como se desenvolve a cultura das sociedades é muito importante para que haja o respeito entre um sistema cultural e outro, para que cada indivíduo saiba respeitar a cultura do outro e valorizar a sua:

> Concluindo, cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes. É necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir (LARAIRA, 2001, p. 105).

É preciso entender a dinâmica cultural e suas diferenças, mudando o olhar estereotipado sobre os habitantes da região amazônica e compreender que toda cultura é hibrida, elas se alteram, vivem num processo contínuo de hibridação e, além disso, não se perdem com o passar dos tempos, e sim se transformam para atender as necessidades da sociedade, pois ela também se transforma. A compreensão social sobre essas dinâmicas culturais é importante para que o respeito sobre o modo de vida do outro prevaleça, e, como relatou Laraia, é importante que o comportamento preconceituoso seja evitado.

4. LITERATURA ORAL E NARRATIVAS ORAIS

O ser humano sempre teve a necessidade de se comunicar com outrem, narrar para estes os acontecimentos que se sucederam no seu dia-a-dia. Os homens das cavernas, por exemplo, se comunicavam através dos desenhos nas rochas, eles registravam sobre suas caçadas e outros acontecimentos que foram grafados através de imagens. Com o tempo, essas imagens foram descobertas e desvendadas por outras gerações. Acreditamos que com a chegada da oralidade esses acontecimentos puderam ser transmitidos com mais detalhes e mais ênfase. Nas reuniões ao redor da fogueira ou não, narradores e ouvintes se deleitavam com as narrativas contadas pelos grandes aventureiros de outrora.

Desde as sociedades antigas até os dias atuais usamos a oralidade para nos comunicarmos, através dela os ensinamentos são repassados aos outros, de geração a geração. Dessa forma, as tradições eram preservadas, pois todos guardavam na memória os ensinamentos e, assim, as sociedades antigas sobreviviam sem a escrita. A sociedade grega no tempo de Homero, por exemplo, era uma sociedade oral; os gregos do período clássico armazenavam as informações na memória para preservar a tradição. “Homero gravava e preservava os meios para manter a continuidade cultural, registrando as convenções sociais da cultura [...] a sociedade grega no tempo de Homero fora, na verdade, totalmente oral” (HAVELOCK 1996, p. 42). Essas informações eram armazenadas como um modo de sobrevivência dessa sociedade, “a linguagem de Homero é uma linguagem armazenada, inventada oralmente com a finalidade de sobrevivência” (HAVELOCK, 1996, p. 76):

> Uma tal linguagem tem de ser memorizada. Não há outro modo de garantir a sua sobrevivência. A ritualização torna-se o meio da memorização. As memórias são pessoais, pertencendo a qualquer homem, mulher e criança da comunidade; contudo, o seu conteúdo, a língua preservada, é comum, algo partilhado pela comunidade enquanto exprime a sua tradição e sua identidade histórica (HAVELOCK, 1996, p. 89).

Por isso, é importante a memorização da linguagem, das tradições, mesmo nas sociedades marcadas pela literatura, porque através da memória as informações serão repassadas para as gerações futuras de modo mais prazeroso: através da contação de histórias. Assim como na sociedade grega, outras sociedades e comunidades também usavam e ainda usam a oralidade como

questão de sobrevivência, de preservação das identidades e transmissão de sabedoria às novas gerações. Tomemos como exemplos as comunidades amazônicas: as indígenas, mestiças, rurais, quilombolas e caboclas, essas comunidades, através da oralidade, também repassam os ensinamentos de geração para geração.

A comunidade Ramal dos Guedes, apesar da palavra escrita fazer parte da vida dos moradores, podemos dizer que ainda é uma comunidade oral. A história deste lugar era e é repassada para os mais novos através da oralidade: os costumes do povo, os segredos da floresta, as histórias de encantarias. Os mais velhos da comunidade guardam em suas memórias os acontecimentos importantes do lugar, e como nos descreve Havelock (1996), não existe outro modo de garantir a sua sobrevivência se não memorizá-la, é por isso que uma parte da história e da linguagem da comunidade sobrevive na memória dos guardiões, que são os mais velhos. Porém, algumas coisas que fizeram parte da história e da origem desse povo se perderam, já que muitos ancestrais morreram e os que ainda estão vivos não lembram mais.

Lembrando que, este trabalho se concretiza por meio da memorização dos fatos, guardada pelas pessoas mais velhas da comunidade e pela preocupação da pesquisadora, filha da terra, com a chegada da modernização, uma vez que as rodas de conversas que aconteciam frequentemente, nas quais as narrativas de encantarias, assim como muitas histórias dos antepassados eram contadas, já não são mais praticadas como antes. Os mais velhos da comunidade preservam suas memórias, mas poucas pessoas querem ouvi-los, e para que elas não se percam precisam ser transcritas, uma vez que os fatos históricos do Ramal e as histórias das encantarias são pouco compartilhadas nos dias atuais. E foi transcrevendo algumas histórias amazônicas que elas ficaram conhecidas por pessoas de diferentes nacionalidades.

Com a difusão da escrita, muitas histórias que eram contadas oralmente puderam ser transcritas e conhecidas por pessoas de países diversos, como por exemplo, as histórias dos irmãos Grimm e Charles Perrault. Foi através deles que conhecemos as histórias da *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *A gata Borralheira* e outras.

Assim como eles, escritores de diversas regiões registraram várias histórias populares que eram repassadas entre as gerações. Na Amazônia paraense,

tomemos como exemplo o escritor Walcyr Monteiro. Ele transcreveu algumas narrativas orais de encantados e assombrações da capital paraense. Assim como ele, existem muitos pesquisadores da Amazônia paraense que também já registraram várias histórias de encantarias da região, como a professora Socorro Simões, com o projeto *Imaginário nas Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense* (IFNOPAP), a qual transcreveu diversas narrativas do imaginário Amazônico. Essas pesquisas e transcrições de narrativas têm ajudado a preservar e arquivar a memória de muitos caboclos amazônicos, levando-as para outras civilizações.

O imaginário amazônico é manifestado pela oralidade. Indivíduos que vivem em comunidades ribeirinhas ou rurais guardam em suas memórias e compartilham oralmente diversas histórias de encantarias, alguns dizem sobre as experiências com os encantados, outros narram o que ouviram dos seus pais, e dessa forma as histórias se espalham, de boca em boca. Elas fazem parte da identidade cultural dos amazônidas e apesar das transformações que vem ocorrendo na região, elas têm resistido. A própria literatura que temos hoje surgiu, antes, na oralidade, por isso era popular. Essa arte popular ainda tem grande relevância para as pessoas que as praticam, pois desde a antiguidade até os dias atuais trazem ensinamentos e repassam conhecimentos:

> Nos gêneros orais, como provérbios, cantigas, orações e histórias, a voz é o presente, é uma criação momentânea que está carregada de transmitir valores de geração para geração. Ela representa uma tradição, e como tal, preserva traços específicos próprios desta mesma tradição. Na literatura oral, portanto, a voz, além de transmitir sentimentos, ideias e emoções, pode apresentar características do estilo literário e também transmitir saber (BARBOSA 2011, p.19).

As histórias orais viajam por diferentes lugares, ensinando, distraindo, instruindo, emocionando e divertindo muitas pessoas, sejam elas letradas ou iletradas, todas que compartilham desse gênero se deixam embebedar por ele porque ele é encantador. Quando ouvimos as vozes dos narradores e observamos a sua performance, deixamo-nos extasiar por eles. Porém, esse gênero literário que é manifestado de boca a boca, o qual pertence ao povo, principalmente os que vivem nas regiões rurais, carrega consigo uma exclusão, se formos levar em consideração o significado da palavra literatura. A Teoria Literária apresenta o seguinte conceito: “O lexema complexo *literatura*, deriva do radical *littera* – letra, carácter alfabético -,

significa saber relativo à arte de escrever e ler, gramática, instrução, erudição" (AGUIAR E SILVA, 1992, p. 2).

Talvez seja por causa desse conceito de literatura apresentado pela Teoria Literária que, nas universidades, mais exatamente nos cursos de letras, existem poucas disciplinas que exploram o gênero falado, a cultura verbalizada. A literatura transmitida pela boca do povo também é encantadora, ela educa e ensina, assim como a literatura clássica, como a literatura escrita. Porém, como provém do povo, é excluída pela Teoria Literária.

É necessário valorizar essa arte popular, ela precisa ser mais explorada nas escolas e nas universidades. Mas, a exclusão desse gênero literário começa, muitas vezes, no lugar que ele deveria ser exaltado: sua própria comunidade, para depois ser explorado e expandindo nas instituições supracitadas. Se formos perguntar para um estudante da educação básica ou até mesmo do nível superior o que é literatura, ou pedir exemplos de textos literários, dificilmente ele vai falar da literatura oral, pois a valorização no ensino está nos grandes clássicos. Entretanto, todas as manifestações literárias deveriam ser exploradas e reconhecidas por essas instituições educacionais, haja visto que elas são meios eficazes de exploração e valorização cultural.

Contudo, a literatura oral vem conquistando pouco a pouco o seu espaço e por mais que vivamos num mundo globalizado, ela tem resistido e resistirá, visto que, "as culturas orais produzem realizações verbais impressionantes, de alto valor artístico e humano, que já não são sequer possíveis quando a escrita se apodera da psique" (ONG, 1998, p.23). Narrativas orais são documentários, são histórias que fazem parte do imaginário popular, que surgem da convivência do homem com a mata, do homem com os seus antepassados, saem da boca de homens e mulheres simples, encantam, trazem ensinamento, ajudam a preservar a cultura e a história do povo:

> Na literatura oral, esse passado, como via de mão dupla, está sempre presente. Por isso, talvez, nela se concentre a maior força expressiva da cultura popular. A literatura oral, que deve assim se apropriar do passado, recompondo-o e tornando-o presente, pode ser pensada como um grande texto, que implica textos múltiplos e vários públicos. Ela nos apresenta um espaço desconhecido, feito de miudezas e pequenas personagens, feito de pequenas trocas simbólicas, que não se configura como o dos grandes fatos históricos, mas igualmente um espaço pleno para a produção de um texto rico por suas características, valores, atitudes e uma maneira de interpretar o mundo peculiarmente nacionais. (ANTUNES, 1998, p. 195)

Essa manifestação literária está sempre viva na memória, faz parte do passado e do presente de muitas pessoas e a cada dia se renova, revigora a alma de quem ouve e de quem conta. A literatura oral compõe e enriquece a cultura popular. Ela surgiu das margens, do povão, de pessoas que às vezes mesmo não sabendo ler nem escrever usaram as palavras faladas para compor poesias e prosas, que contam, cantam e encantam quem as ouvem. São poetas e narradores que aprenderam com a sabedoria divina, com o mundo e com seu povo. Com todo esse aprendizado recebido socialmente, eles seguem tecendo o fio da palavra verbalizada, constroem teias poéticas e saem lançando-as a seus ouvintes. As pessoas que são laçadas por essas teias jamais irão esquecer de todo o encantamento vivido com esses artistas que são os narradores, isto porque:

> Ouvinte e narrador se fundem, tornam-se artesões tecendo um mesmo tecido: enquanto um usa as mãos o outro vê; enquanto um fala, o outro imagina, se distancia e sonha, voltando à fruição do momento imprimindo ao tecido da narrativa outras linhas e cores trazidas do seu inconsciente (BEDRAN, 2012, p. 88).

Ouvinte e narrador compartilham desse mundo imaginário da literatura, um mundo cheio de aventuras e fantasias no qual cada um vai se deliciando, tecendo o mesmo tecido porque compartilham da mesma história, apesar das linhas que tecem diferenciarem-se, pois no inconsciente de cada um o cenário que vai se construindo ao longo da narração é distinto. Essa manifestação literária, que não é conceituada pela Teoria Literária, é valorizada e conceituada por muitos escritores. Para Barbosa, Literatura oral é:

> O que se chama de literatura popular oral tem fundamento na oralidade; na voz dos poetas, dos contadores. Em algumas das formas populares como o cordel, por exemplo, o fundamento principal é a voz, embora sejam cultivadas através da escrita vem a voz. A Literatura escrita nada mais é do que a concretização gráfica da voz (BARBOSA, 2011, p.20).

Esses gêneros orais fizeram parte da infância de muitos moradores antigos da comunidade Ramal dos Guedes. Em diálogos com alguns deles e na convivência diária, ouvimos em seus relatos as lembranças da infância, as recitações de provérbios, as histórias das encantarias, as quadras que eles chamam de versinhos, as anedotas e as cantigas de rodas, algumas dessas canções eram cantadas à noite ao redor da lamparina, antes de dormir. Sem a presença da televisão, as crianças se reuniam na casa dos vizinhos com a lamparina acesa, cantarolavam, brincavam, se

divertiam, se deleitavam no universo imaginário que era ensinado pelos seus pais. As crianças se divertiam com a vida simples que o campo lhes proporcionava, aprendiam com seus semelhantes a literatura oral que precisavam para compor a sua infância, para aprender os segredos da *Mãe-Natureza*, para respeitar os mais velhos e a cultura do seu povo. Luís da Câmara Cascudo discorre que:

> Essa literatura, que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações, cantos, ampliou-se alcançando horizontes maiores. Sua característica é a persistência pela oralidade. A fé é pelo ouvir, ensinava São Paulo.
> Duas fontes contínuas mantêm viva a corrente. Uma exclusivamente oral, resume-se na estória, no canto popular e tradicional, nas danças de roda, danças cantadas de divertimento coletivo, ronda e jogos infantis, cantigas de embalar (acalantos), nas estrofes das velhas xácaras e romances portugueses com solfas, nas músicas anônimas, nos aboios, anedotas, adivinhações, lendas, etc. (CASCUDO, 2006, p. 21-22).

A literatura oral, portanto, faz parte da vida de muitas pessoas que moram em comunidades rurais, isto é, nas margens. É nesse universo que elas têm o seu primeiro contato com a literatura, só depois que entram na escola é que conhecem a literatura erudita, os ditos “clássicos literários”. Com o intuito de reviver a história, as narrativas orais vêm quebrando barreiras e ganhando seu espaço no universo artístico, resistindo mesmo com a autonomia da literatura clássica escrita. Da boca ao ouvido, de boca a boca as vozes literárias viajam, levando ensinamentos e imaginação aos homens, mulheres e crianças.

O mito é um gênero oral que também foi repassado de geração para geração, servindo para dar explicações aos acontecimentos cotidianos de alguns povos e comunidades. Na Amazônia paraense, temos o exemplo das narrativas do *Boto*, que segundo Barbosa (2011), são contadas no Baixo Amazonas para explicar a gravidez de alguma moça, quando esta engravida de maneira inesperada, sem ter um companheiro. Os moradores da comunidade dizem que a moça engravidou do *Boto*:

> Engravidar do boto é comum nas regiões onde o povo tem forte ligação com as crendices populares. O olhar do boto tem o poder de engravidar a mulher. O que é incoerente para a ciência, o caboclo vê como justificativa para evitar qualquer constrangimento ao vizinho-pai-boto e assim manter a boa convivência na comunidade (BARBOSA, 2011, p. 28).

Muitas narrativas que são contadas nas comunidades amazônicas são classificadas como mito devido apresentarem o caráter explicativo de algum fato que

acontece. Os mitos, além de apresentarem esse caráter explicativo sobre a vida, sobre o mundo e sobre os acontecimentos, também ensinam muito sobre a vida. Bussatto (2012) enfatiza que o mito é capaz de restabelecer este caminho rumo à inteireza do ser humano e conectar-nos com o sagrado em nós. Para Fares:

> Os mitos expressam e explicam certos dados do contexto em que habitam, por isso tem-se os tambatajás e as mandiocas como corpos humanos encarnados em vegetais e, ainda, matintas pereiras como uma revelação das almas caboclas nos pássaros e em outros seres animais (FARES, 2015, p. 181).

Outro gênero que faz parte da literatura oral é a lenda. Ela também é contada de boca a boca, de geração para geração, mas ao contrário do mito que pode explicar fatos nacionais ou universais, a lenda apresenta acontecimentos locais, assim são as narrativas de encantarias, que por esse caráter são classificadas como lendas. Isto quer dizer que as lendas são:

> Episódios conservados na tradição popular de fato que poderiam ter acontecido, ou que aconteceram muito próximo do narrador, também eles mantidos inicialmente pela oralidade, e que explicam coisas que racionalmente não podem ser explicadas. As lendas e histórias fantásticas que nada têm a ver com a realidade também são construídas em torno de personagens históricos e religiosos. É na categoria de lenda que se encontram os tantos contos que falam de casos corriqueiros do dia a dia de um povo (BUSATTO, 2012, p. 36).

Tanto o mito quanto a lenda servem para explicar algo, seja o surgimento de um alimento, a criação do universo, a dificuldade de encontrar o caminho de volta para casa quando se está perdido na floresta, um costume, enfim, os mitos e lendas são histórias que foram ou são narradas oralmente, sobrevivendo há séculos; eram repassadas através da contação e hoje já podemos ler muitas em livros, mas sempre apreciadas por muitas pessoas em diversos lugares do universo:

> O mito acusa-se pela função. A lenda explica qualquer origem e forma local, indicando a razão de um hábito coletivo, superstição, costume, transfigurado em ato religioso pela interdependência divina. O mito age vive, milenar e atual. Disfarçado noutros mitos, envoltos em crendices, escondido em medos, em pavores cujas raízes vêm longe, através do passado escuro e terrível.
> A lenda é um ponto imóvel de referência. O mito é uma explicação imediata. (CASCUDO, 2006, p. 112)

No meio do povo, a literatura oral vai ganhando forma e linguagens, uma vez que cada pessoa a adequa ao seu modo de viver. Quem conta vai ajustando à sua

maneira de pensar, de ouvir, de ver o mundo e de acordo com a cultura a qual está inserida. Trata-se de uma linguagem simples, pois brota de maneira espontânea. Não segue as regras da gramática, mas é bem compreendida. O autor desse gênero geralmente é anônimo devido à decorrência do tempo. Segundo Câmara Cascudo, a literatura oral brasileira foi composta pelos povos que aqui habitavam e por dois que aqui chegaram. A junção dessas três culturas formou o repertório de literatura oral no nosso país:

> A literatura Oral brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual. Indígenas, portugueses, e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças, guerreiras, mitos, cantos de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar (CASCUDO, 2006, p. 27).

Essas três etnias espalharam no nosso país as suas composições orais e assim caminharam e ainda caminham pelo nosso país, levando alegria, fantasia e dúvidas para quem aprecia esse tipo de arte. Isto ocorre porque, segundo Cascudo, (2006, p. 52), “canto, dança, mito, fábula, tradição, conto, independem de uma localização no espaço. Vivem numa região, emigram, viajam, presentes e ondulantes na imaginação coletiva”

As narrativas orais da comunidade Ramal dos Guedes pertence a um povo que vive há quilômetros de distância da cidade, que aprendeu a interpretar os sinais da floresta com suas sabedorias e com seus antepassados, que não se formou na universidade e que não aprendeu a narrar histórias com os livros, mas com seu contato direto com a mata e com os encantados. Por isto, este estudo se volta para as narrativas que permanecem vivas na memória desse povo, que mesmo sem serem formalmente alfabetizados, sabem narrar com virtualidade sem se ater às regras impostas pela literatura escrita. São narradores sábios das histórias e das experiências individuais e coletivas com os seres encantados.

Dona Maria Luiza é uma narradora nata, uma grande contadora de histórias que não sabe ler as palavras escritas, mas sabe decifrar o mundo à sua volta, fazendo uma rica leitura da natureza. Seu encantamento pelas narrativas orais e sua habilidade na arte de contar e encantar os seus ouvintes, sua voz, trejeitos, sua performance no momento que está narrando são admiráveis. No entanto, nas transcrições de suas narrativas não temos como demostrar todos esses aspectos.

As narrativas e relatos da comunidade sempre fizeram parte de sua cultura.

De acordo com Antunes (1998, p. 190), “em todos os tempos e em todos os povos, sempre existiram os seus relatos orais, que são considerados o fundamento da cultura”. Para essa estudiosa, as manifestações literárias são lugares de expressões dos fatos culturais, onde é possível escrever, interpretar e produzir sentido. Vemos nos relatos dos narradores do Ramal dos Guedes a manifestação cultural do povo ancestral. Nas histórias sobre os encantados, eles interpretam os sinais, a natureza e entendem quando os seres devem se manifestar, por onde e como escapar de suas astúcias.

Assim como na comunidade Ramal do Guedes, outras comunidades amazônicas compartilham da mesma realidade, nas suas caminhadas pela mata, igarapés, caminhos e até mesmo nas suas casas dizem que viveram alguma experiência com os encantados, ouviram alguns sinais ou viram eles se manifestarem. Essas experiências sempre são compartilhadas, narradas para outras pessoas. Foi dessa forma, de boca a boca, de geração para geração que essas histórias se espalharam, sendo chamadas de narrativas orais.

Muitos escritores, preocupados em valorizar a cultura nacional local relataram sobre os mitos e os costumes de nossa região, ressaltando essa realidade que se faz presente até hoje, “que é a lei do imaginário amazônico, expresso num universo oral de enorme vitalidade” (PIZZARO, 2012, p. 176). Através dos livros e das tradições orais são apresentados um universo imaginário que se faz presente muitas vezes na mata, nos rios e igarapés e até mesmo dentro das residências (é o caso da *Matinta Perera*).

São em lugares remotos que alguns homens e mulheres se deparam com os encantados. Essas experiências vividas por eles são repassadas para outras pessoas e, no ato de contar, nas rodas, ao redor da fogueira, vários conhecimentos e experiências são compartilhados, tendo em vista que “a passagem de algo dito para outras gerações constitui a tradição e, consequentemente, constitui o homem, enquanto saber cumulativo que o grupo, como grupo, tem de si mesmo” (FARES, 2015, p. 87). Para muitos caboclos amazônicos os mitos e lendas não se diferenciam da realidade, para eles essas histórias não são apenas fantasia, são como histórias reais. Vejamos dois relatos dos narradores da comunidade Ramal dos Guedes sobre isto:

A gente via sempre negócio de visagem, Matim sempre existia, até hoje

> ainda tem, e aí depois foi acabando a gente não viu negócio de visagem mais, inclusive acolá a última vez que eu vi foi bem ali mesmo pertinho do grupo, eu vi, aparecia visagem de tudo jeito, tipo fogo. Agora acabou. E eu acredito porque visagem eu cheguei a ver, Curupira eu nunca vi, mas já fui traçado pela Curupira que me fez de besta com mamãe no mato (Seu Abelardo Guedes, fevereiro de 2019).
>
> Uma vez eu vi uma visagem aí, aí no caminho que vai pro Cunduru (Seu Bené Guedes, outubro de 2019).

No momento em que os narradores estão contando essas histórias, percebemos na sua voz e na sua performance a veracidade de suas palavras: “eu acredito porque eu cheguei a ver”, “eu vi uma visagem aí”. Quando as histórias são narradas não são somente informações que estão sendo compartilhadas, mas a vida dos narradores, suas experiências dentro das matas e nos igarapés. Nessa comunidade, os narradores contam histórias de *assombrações*, da *Matinta Perera*, do *Bote da Ladeira*, do *Pretinho do Miritizeiro* e outras histórias orais que eram contadas pelos seus pais ou avós. Essas narrativas que surgiram da boca de pessoas simples são, como nos descreve Walter Benjamim:

> Num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” das coisas narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, com uma descrição das circunstâncias em que foram informadas dos fatos que vão contar a seguir (BENJAMIM, 1994, p.10).

Cada narrador tem o seu jeito especial de contar uma história, atrelando em suas narrativas traços específicos. Nas histórias da *Matinta*, os narradores do ramal não informam apenas o que aconteceu no caminho de volta para casa, eles narram com muita sabedoria o que viram e sentiram ao se deparar com este ser. Na arte de contar histórias esses artistas das palavras tecem os fios que estão na sua mente, contagiam e ao mesmo tempo amedrontam seus ouvintes, enchendo o ambiente de magia, encantamento e ensinamento.

Segundo Barbosa (2011), as narrativas orais são narrativas da vida, são tesouros que são semeados na mente de quem as ouve, elas não começam e nem terminam com as frases dos contos de fada: “Numa terra distante...”, “Era uma vez...”, “E foram felizes para sempre...”, porque são histórias cujas personagens são os próprios contadores ou algum parente destes, são histórias que aconteceram com eles ou com os seus. Por conta disso, a arte de narrar histórias de origem

popular, que surgem do meio da floresta ou em ambientes remotos faz narradores e ouvintes viajarem no tempo e trazerem as lembranças do passado para o presente, revigorando a alma.

Bedran (2012, p. 153), assevera que a “arte de contar histórias é uma transmissão que contagia por ser imanente à capacidade do homem de intercambiar experiências e produzir sentido para a vida”:

> O ato de contar histórias nos dá amor e coragem para encarar a vida e concede um estímulo sábio ás outras pessoas para que conquistem a autonomia de seguir seus próprios caminhos. Ouvir e contar histórias é uma experiência que se traduz numa integração de sentidos capaz de recuperar os significados que nos tornam mais sensíveis e instaura, em pleno século XXI (BEDRAN, 2012, p. 27).

No final do dia, após um dia duro de trabalho no roçado ou na fabricação da farinha de mandioca, era o momento que os moradores se reuniam para compartilhar as suas experiências diárias, nesse compartilhamento da linguagem as narrati- vas orais surgiam. Entre uma história e outra, os risos, a emoção, o encantamento e até mesmo o medo contagiava a todos que compartilhavam dessa ação sublime. O pôr-do-sol e a chegada da noite contribuíam para aperfeiçoar esse momento. Na volta para casa todos saíam mais aliviados, o cansaço físico era substituído pela magia das narrativas orais. E assim todos eram contagiados e enchiam-se de cora- gem para encarar o próximo dia.

O ato de compartilhar a linguagem, de ouvir e contar narrativas orais é muito importante ainda hoje para a comunidade, para as transmissões de suas heranças culturais, além disso, as narrativas também têm o poder de humanizar o ser humano, principalmente em tempos modernos.

4.1. A Força Humanizadora das Narrativas Orais

Narrar histórias, transcendeu-se no tempo e no espaço e como já mencionamos desde os primórdios essa arte vem sendo exercida pela humanidade, desempenhando diferentes funções. Talvez os narradores não percebam o poder que elas cumprem, tanto na vida deles quanto na vida de quem os ouvem, mas no encontro entre narrador e ouvinte a magia surge e espalha-se, tocando o coração, a mente e a alma de todos que se fazem presente. Podemos conferir que contar é sinônimo de encantar, ensinar e humanizar.

Esse encantamento milenar nascido no meio do povo ainda é praticado por muitas comunidades amazônicas, nas reuniões para contar os fatos vividos, seja este uma história de encantaria ou como se sucedeu o trabalho do dia. O que sabemos é que no meio dessas rodas de conversas nasceram as narrativas orais, que assim como a literatura escrita exerce um grande poder na vida da humanidade. Na sociedade grega, no tempo de Homero a literatura oral tinha como função, preservar a tradição. A literatura grega tinha sido poética porque a poesia tinha desempenhado uma função social, a de preservar a tradição segundo a qual os Gregos viviam. Isto só podia significar uma tradição ensinada oralmente (HAVE-LOCK, 1996, p.18).

Através desse ato poético-narrativo, as pessoas aprendem um com o outro o valor da vida, do ser humano, da sua cultura e preservam na memória essas heranças que são essenciais para a humanidade. Assim como na sociedade grega, a literatura oral também tem desempenhado a função social de preservar a tradição em várias comunidades amazônicas. Os amazônidas, quando se reúnem para ouvir os mais velhos da comunidade, aprendem com eles como agir diante das situações cotidianas, aprendem a observar os sinais da natureza como já relatamos. Os aprendizados que recebem dos mais velhos nas rodas de conversas são passados para outras pessoas e é dessa forma que as tradições amazônicas são preservadas, oralmente.

Esses aprendizados devem continuar sendo conservados e repassados, assim como as tradições precisam ser preservadas, pois isso é importante para manter viva a história da comunidade, preservar o que somos, nossas características, nossa identidade e a memória do povo. Dessa forma, estaremos valorizando a identidade cultural. A tradição precisa ser preservada como forma de demarcação identitária e cultural.

Na comunidade Ramal dos Guedes, nas conversas que tivemos com os mais velhos, percebemos que eles mencionaram o pai ou o avô e avó; “meu pai dizia que...”, no tempo do meu avô ele falava que...”. Relataram o que os pais e os avós faziam, as histórias que narravam, a maneira que trabalhavam, como pescavam ou caçavam, como criaram os seus filhos, o que faziam para afastar os encantados, quais remédios feitos de ervas ou cascas de paus eram usados para cura de doenças e até mesmo os alimentos que faziam, a maneira como cozinhavam e preparavam as refeições. Tudo isso faz parte da tradição de um

povo, e na comunidade Ramal dos Guedes, assim como na sociedade grega, essas tradições foram e são passadas oralmente como forma de manutenção identitária e cultural.

Nas reuniões para contar histórias ocorre uma magia, o compartilhamento da linguagem acontece em forma de ensinamento das tradições, encantamento dos ouvintes e a humanização dos presentes porque as narrativas orais também exercem uma função ética. A arte de narrar é encantadora, carrega consigo o deleite do ouvinte e do narrador, que juntos compartilham desse poder que só a literatura tem. Em sua obra *Literatura e Sociedade*, Antônio Candido nos conta como esse ato era praticado e a função que ele exercia na sociedade grega:

> Assim, os episódios da Odisséia, cantados nas festas gregas, reforçavam a consciência dos valores sociais, sublinhavam a unidade fundamental do mundo helênico e a sua oposição ao universo de outras culturas, marcavam as prerrogativas, a etiqueta, os deveres das classes, estabeleciam entre os ouvintes uma comunhão de sentimentos que fortalecia a sua solidariedade, preservavam e transmitiam crenças e fatos que compunham a tradição da cultura. Na literatura dos grupos iletrados, talvez esta função prepondere, pesando mais do que na literatura erudita dos nossos dias, feita para a leitura individual e voltada antes para a singularidade diferenciadora dos indivíduos, do que para o patrimônio comum dos grupos (CANDIDO, 2000, p. 41).

Essa era e continua sendo a função e a importância da literatura oral. A oralidade usada em forma de narrativas literárias exerce um papel humanizante na sociedade porque faz os homens compreenderem o sentido da vida, da sua cultura, faz com que as pessoas entendam os processos naturais, a terem respeito com a natureza e com os mais velhos, ela ajuda o ser humano a ser mais humano.

Ouvir narrativas orais faz com que sejamos levados a um mundo fantástico, no qual imaginamos e criamos um universo diferente do mundo real, é como se nos “teletransportássemos” para um mundo cheio de magia. O narrador, algumas vezes, revive as aventuras que teve com os encantados e o ouvinte cria na sua mente o espaço da narrativa e do mundo imaginário. Assim, embriaga-se de fantasia e aventura. Nesse universo imaginário, nesse novo mundo, esquecemo-nos de todos os problemas vividos no nosso mundo real, pois as narrativas orais, além de serem relatos de um fato ocorrido na vida diária do narrador, com aparições de seres enigmáticos, como o *Curupira*, a *Matinta Perera* e as *assombrações*. Portanto, são também narrativas de vidas, são:

> Relatos, memória e poesia contados e cantados pelas vozes poéticas de homens e mulheres simples, pescadores, lavradores, seringueiros que, com a mesma habilidade com que tecem as malhadeiras, peneiras e tipitis, contam/tecem os causos que ouviram, que também presenciaram, e fazem questão de dizer “Aconteceu comigo! ” E por isso, deles são também personagens (BARBOSA, 2011, p. 11).

Quando os contadores contam as histórias vivenciadas por eles ou por algum dos seus antepassados, ocorre uma tecitura narrativa. Eles revelam o seu lado poético que encanta as pessoas que os ouvem, deixando-as com o desejo de ouvi-los novamente e de contar o que ouviram. Afinal, quem nunca pediu para os seus pais ou avós repetirem uma história? E esse desejo de ouvi-las novamente não acontece somente com as crianças, mas com os adultos também. E foi com esse desejo de ouvir novamente as histórias que os mais velhos contavam durante a minha infância que esta pesquisa foi pensava. Há em mim e em cada um de nós o desejo de sentir a magia das narrativas orais e imaginar as aventuras pelas quais os outros passaram e as suas experiências com os encantos.

Essas histórias, por sorte, ainda são compartilhadas pelos moradores da comunidade Ramal dos Guedes e ainda são ouvidas com muita atenção quando os mais velhos se dispõem a contá-las. Os jovens e as crianças da comunidade, ainda que tenham acesso a outras histórias, se dispõem a ouvi-las, porque elas sim causam encantamentos e arrepios e acontecem pertinho de nós. Além disso, uma história bem contada permanece por longos anos na memória de quem ouviu, e os moradores do Ramal sabem contá-las com maestria. Segundo Romano:

> Foi assim, via oral que as mais antigas sociedades aprenderam o mundo. Muitas vezes, em volta do fogo, os contadores revelaram a uma plateia atenta as raízes de seu povo, a origem das coisas, os costumes, os valores a serem passados às gerações futuras. Isso contribuiu, inclusive, para a explicação de por que o ser humano, por natureza, se sente um contador de casos (ROMANO, 2009, p. 143).

A narrativa oral tem esse poder *pedagógico*, uma vez que *ensina* e *educa*; nesse ensinamento que é aprender o mundo, as tradições são preservadas nas memórias de quem se dedica ou tem a oportunidade de ouvir as vozes dos narradores, que ao se deleitarem com as histórias sentirão o desejo de também um dia repassarem os conhecimentos para outrem.

As heranças que são transmitidas, não podem ser roubadas, pois estão armazenadas na memória, elas devem ser compartilhadas, como nos ensina Havelock (1996) ao afirmar que a linguagem tem de ser compartilhada. E nesse ato

de compartilhamento pratica-se a troca de conhecimento, é ensinado o valor da vida, da humanidade, o respeito aos mais velhos, o amor ao próximo. Assim sendo, esse campo do saber contribui para a permanência da memória, da cultura e das tradições. De acordo com Ecléa Bosi:

> O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira
> Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de conta-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador (BOSI, 1994, p. 91).

Esse mestre que foi formado pelo mundo e não pela academia guarda consigo uma memória rica, eles são os guardiões da memória das comunidades onde vivem, são cheios de experiência, têm o dom de encantar a todos que os ouvem. Acreditamos que é essa a "atmosfera sagrada que circunda o narrador", o dom divino, o poder que ele tem de encantar e ensinar os seus ouvintes:

> A chama viva das histórias servem para aquecer a alma de quem as ouvem e o contador de histórias, ao conta-las, ouve-as também, permitindo que a sua alma se aqueça, se mortifique, cresça, tornando-se dono e coautor das vozes que legaram as histórias, que venceram o tempo, as areias do tempo, tornando-se eternas, perpetuas através do mundo, das fronteiras, atingindo a todos por onde passam (SANTOS, 2010, p. 122).

A literatura oral tem a sua força e função formadora, pois apresenta os caminhos que o homem deve seguir, respeitando uns aos outros. Ela tem o poder de "humanizar em sentido profundo porque faz viver" (CANDIDO, 1972, p. 85). Candido afirma também que talvez os contos populares atuem tanto quando a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente. Eis a força, o poder que a literatura exerce na humanidade.

Essa arte feita com palavras nos faz refletir sobre omodo de ver a vida e de estar no mundo. Assim como as outras artes, ela também reflete as relações do homem com os seus semelhantes. Ela possibilita uma melhor compreensão do que somos, de como vivemos, de como agimos e compreendemos o mundo. Todos nós seres humanos necessitamos de fantasias para "fugir" desse mundo cheio de problemas, de conturbações e a literatura vem suprir essa necessidade, pois nos humaniza, nos transforma e nos transporta para outro (os) mundo (os).

A literatura oral não foi feita somente para a fruição, mas também, "neste mundo tão caótico, para alimentar nossos sentimentos e nos fazer mais

felizes” (OLIVEIRA, 2008, p. 52).

Com todo esse poder de transformador e humanizador que a narrativa oral exerce, pensamos na mais famosa contadora de histórias: Scherazade, personagem de “As Mil e Uma Noites”, que com a sua sabedoria, coragem, encanto e amor, no ato de narrar transforma o coração cheio de ódio que o sultão Shariar, ocasionado pela decepção com as mulheres do seu reino. O encanto e a sabedoria da tecelã das noites salva a sua vida e de todas as mulheres daquele reino:

> A jovem, que se entrega ao sultão Shariar, troca sua vida por uma narrativa, oferecendo a ele um discurso vivo, noite após noite, sempre mantendo a narrativa em suspense, não terminada, a fim de salvar-se e salvar todas as mulheres do reino. Ao conduzir o fio da narrativa tece, oralmente, o texto, tecido de suas infinitas histórias. [...] Era poderosa na arte de urdi narrativas, de tramá-las de enredá-las, de nelas esnovelar o sultão, de seduzi-lo, portando com palavras, de prendê-lo numa teia, tão bem tramada, tão bem ramificada, tão bem aramada que ela mata o sultão de curiosidade e assim, ao saciar esse desejo, que se estende noite após noite, por mil e uma noites, ela o salva, se salva e salva todas as mulheres do reino à medida que graças ao poder de suas exatas palavras, cura o sultão do ódio que ele nutria pela figura feminina (ROMANO, 2009, p. 147).

A exemplo dessa personagem, também temos em nossa comunidade muitas (os) tecelãs (ãos) da noite que estão nas casas e nos arredores nos rios e matas, tecendo o fio narrativo e encantado os seus ouvintes. Quantas vidas já foram salvas pela literatura? Acreditamos que muitas vidas. Quantos corações já foram curados por esse poder literário? Acreditamos que muitos corações. Pessoas são seduzidas por esse encantamento literário que os fazem viver de modo mais significativo. Na região amazônica, existem muitos narradores de histórias transformadoras. A floresta é o lugar propulsor desse universo maravilhoso. Homens e mulheres nativos relatam aos seus semelhantes suas experiências fantásticas com os seres fantásticos:

> Como poucos lugares, a selva é um centro propulsor de energias do imaginário. São energias que dispõem perante o homem com suas próprias tensões e fraturas internas. É um universo mítico e mitificante ao mesmo tempo. Sua proximidade e sua vivencia estimulam a necessidade de expressão, motivada, possivelmente, pela grandiosidade, pela riqueza imaginária da região, pela sensação única de sua experiência (PIZARRO, 2012, p. 177).

São homens e mulheres simples que, com a mesma sabedoria que trabalham no roçado e nas lavouras, narram os fatos vividos. Nesse ato poético, aliviam a dureza do trabalho. Narrador e ouvinte se embriagam num mundo

fantástico que ao mesmo tempo causa medo e fascínio, tanto para quem conta, quanto para quem ouve. E assim como a tecelã das noites, Scherazade, os narradores do Ramal dos Guedes também já salvaram vidas de muitas pessoas, de jovens que se deleitam com os prazeres da escuta e saem em busca de um mundo mais encantado. Quem narra permite que o seu ouvinte receba sabedoria em forma de poesia. O momento de narrar/ouvir é um momento sublime de transmissões de heranças culturais. Os mais velhos ensinam aos mais novos sobre os valores culturais e humanos que formaram nossa comunidade. Ensinam, como guardiões da memória, as regras sociais para a vida, e as regras naturais, em respeito aos guardiões da floresta.

As narrativas orais são mais do que um causo, são mais do que histórias de diversão e distração, elas são experiências contadas através de um aconselhamento inspirador, transmitem valores éticos para quem ouve, visto que “o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1994, p. 5). Narrar e ouvir essas histórias são essenciais para a vida de qualquer pessoa, pois elas ajudam na formação do ser humano:

> Afirmamos que esta experiência é humanizante e humanizadora. Humanizante porque possibilita o exercício da convivência entre pessoas entrelaçadas por motivo, razão ou propósito: uma boa história, um bom enredo. Ela também é humanizadora porque o exercício desta convivência nos torna o objeto virtuoso do próprio exercício da contação: introjetamos o cconteúdo moral narrado e levamos conosco as referências éticas para novas experiências (RAMOS, 2010, p. 91).

Das narrativas que ouvimos, tiramos sempre alguma lição para nossa vida diária, pois toda história tem sempre uma moral, sempre terá algo para nos ensinar, tem força humanizadora. Além disso, ela possibilita a convivência entre as pessoas, e esse contato físico é importante para o ser humano, fortalecendo os laços familiares ou de amizades. Quando paramos para ouvir as narrativas orais entramos num mundo diferente do que vivemos no dia a dia; trata-se de um mundo de encantarias que nos faz esquecer de todos os problemas. Nesse novo mundo nos tornamos outras pessoas, viajamos para lugares fantásticos; nessa fantasia alimentamos o nosso corpo, a nossa alma, vivemos uma magia inexplicável que só esse momento é capaz de nos proporcionar. Quando voltamos para o mundo real, voltamos renovados.

Candido (1972), assegura que todo ser humano precisa de fantasia para

sobreviver, sem ela, sem essa fuga do mundo real, o homem poderá viver frustrado com os problemas que este mundo cheio de aflições oferece a todo o tempo:

> O tempo do contador de história é mágico, não pode ser mesurado com o relógio ou pelas areias de uma ampulheta. Neste tempo mágico, o contador de história faz com que as pessoas que ouvem sua voz esqueçam do seu próprio tempo. Relógios e areia se perdem e se quebram, enlouquecidos pelas palavras, os gestos e a voz que lhes chega aos ouvidos mecânicos das engrenagens ou cheios de areia da ampulheta. Quando a voz do contador de histórias traz a oralidade para os públicos atuais faz com que as pessoas se desliguem do ritmo alucinado e frenético que tomou conta de nossa sociedade (SANTOS 2010, p. 117).

Ao ouvirmos os contadores de histórias, perdermo-nos no tempo, as horas não são contadas, é como se o tempo parasse naquele momento. Se pudéssemos não parar de ouvir, ficaríamos presos no momento da contação, “congelaríamos” o tempo só para ficarmos ouvindo os narradores, suas histórias. O feitiço deles impregna a nossa alma e é nesse momento que nos revigoramos. Não estamos querendo dizer, contudo, que a literatura oral é um manual de boas maneiras que o homem deve seguir; o que estamos enfatizando é que ela também humaniza, edifica o ser humano, assim como as outras artes. Em cada história narrada, o ouvinte aproveitará o que há de melhor para si e para sua formação sociocultural.

A arte literária trabalha com outros conceitos éticos que estão fora dos padrões impostos pela sociedade, por isso humaniza, porque tira o homem do lugar comum e o faz viver e ver o mundo de outras maneiras. A sociedade deve valorizar mais essa arte da oralidade, aprendendo com os mais velhos sobre a cultura do seu povo, da sua comunidade. Isso é fundamental para a construção da identidade cultural. O ato de se reunir para ouvir e contar histórias é importante, exerce uma função ética no grupo; através dele são reforçados os valores que a sociedade deve seguir. Desde a Antiguidade até os dias atuais essa prática é formidável para a sociedade. Mas, com a velocidade das coisas deste mundo moderno essa arte vem decaindo aos poucos, os contadores de histórias permanecem nas comunidades, mas muitas vezes poucas pessoas querem ouvi-los.

4.2. Os Narradores e as Narrativas Orais na Era Moderna

A sociedade atual vive numa corrida incessante pela busca do ter e do poder, uma sociedade que é bombardeada todos os dias por muitas informações,

através de vários veículos de comunicação como: rádio, televisão, computador celular, em especial pelas diversas redes sociais. O telefone celular virou o principal "companheiro" do homem moderno, muitas pessoas estão perdendo o hábito da oralidade em grupos, grande parte das comunicações estão sendo vinculadas através do celular, nas redes sociais, onde se usa a escrita, figuras, emoji, entre diversas imagens e vídeos que são compartilhados entre os usuários diariamente. Na maioria das vezes, nas rodas entre amigos e familiares, por exemplo, vemos várias cenas nas quais a comunicação não está sendo pessoal e oral, mas virtual:

> Expostos aos "contados facilitados" pela tecnologia eletrônica, perdemos a habilidade de nos engajar em interações espontâneas com pessoas reais. Na verdade, ficamos com vergonha dos contatos frente a frente. Tendemos a pegar os celulares e apertar furiosamente as suas teclas e escrever mensagens a fim de escaparmos de ser transformados em reféns do destino – no intuito de escaparmos de interações complexas, confusas, imprevisíveis, difíceis de interromper e de abandonar com as "pessoas reais" que estão fisicamente à nossa volta (BAUMAN, 2005, p. 101).

Nessa correria constante do homem moderno cercado pelo mundo tecnológico, nos perguntamos: onde estão os contadores de histórias orais? Os pais desta era narram histórias para os seus filhos? Será que ainda existe o espírito fantástico das narrativas orais na vida da maioria dos homens modernos? Eles ainda ouvem as vozes dos narradores? Sobre tal questão, Delgado nos descreve que:

> No tempo presente, no mundo marcado pela cultura virtual e pela velocidade muitas vezes descartável das informações, tendem a desaparecer os narradores espontâneos, aqueles que fazem das lembranças, convertidas em casos, lastros de pertencimento e sociabilidade. Nessa dinâmica de velocidade incontida, desenfreada, perdem-se as referências, diluem-se os substratos da vida, reduzem-se as possibilidades de construção do saber (DELGADO, 2003, p. 22).

O universo virtual tecnológico adentrou-se na vida da maioria da humanidade e por causa disso as narrativas orais e os próprios narradores estão sendo esquecidos por algumas pessoas: eles permanecem nas comunidades, nas suas casas, com suas experiências de vidas, com muitos causos para contar, porém existem poucos ouvintes. Quando se deixa de ouvir as vozes da sabedoria, que são os mais velhos, perdem-se alguns valores culturais e sociais que são aprendidos nas rodas de histórias.

Nesse entrelaçar narrativo poético, não se vive apenas momentos de fantasias, mas são compartilhados conselhos, ensinamentos e heranças culturais.

Quando se deixa de ouvir as vozes dos mais velhos, dos narradores tradicionais, deixa-se de receber todas essas formações que somente esse momento sublime literário é capaz de proporcionar. Segundo Benjamin (1994, p. 200), “se dar conselhos parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis”.

As informações que são recebidas diariamente pelo homem moderno são informações passageiras, momentâneas, que podem até serem compartilhadas no momento do recebimento, mas depois serão esquecidas, não têm os mesmos valores e poder das informações que são repassadas pelas vozes poéticas dos narradores de narrativas orais. Segundo Ecléa Bosi (1994, p. 85), “hoje não há mais conselhos, nem para nós nem para os outros. Na época de informação, a busca da sabedoria perde as forças, foi substituída pela opinião”:

> A informação pretende ser diferente das narrações dos antigos: atribui-se foros de verdade quando é tão inverificável quanto à lenda. Ela não toca no maravilhoso, se quer plausível. A arte de narrar vai se decaindo com triunfo da informação. Ingurgitada de explicação, não permite que o receptor tire dela alguma lição. Os nexos psicológicos entre os eventos que a narração omite ficam por conta do ouvinte, que poderá reproduzi-la à sua vontade; daí o narrado possuir uma amplitude de vibrações que falta à informação (BOSI, 1994, p. 86).

Sobre esse assunto, o autor Walter Benjamin nos descreve:

> Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação (BENJAMIN, 1994, p. 203).

Segundo Benjamin, o narrador tradicional está cada vez mais distante de nós. Na atualidade, são poucas as pessoas que sabem narrar uma história, quando se pede para alguém narrar algo, o embaraço se generaliza, pois é como se estivesse privado de algo que parecia seguro, “a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p. 197). Deste modo, “é a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (*Op. cit*.). Esse fato, segundo ele, está ocorrendo porque as experiências têm perdido seu valor.

Devido à modernização da sociedade e a correria do dia-a-dia, fica cada vez mais rara a troca de experiência entre as pessoas: o diálogo pessoal para se

transmitir os acontecimentos que se sucederam no seu dia. Assim sendo, o narrador tradicional está se extinguindo aos poucos e dessa forma surgem o narrador pós-moderno. Diferentemente do narrador tradicional que narra aquilo que vivenciou, o narrador pós-moderno narra os acontecimentos que ele observou, não a sua experiência, mas os fatos observados, como o jornalista. Segundo Santiago, a narrativa pós-moderna surge para demonstrar a pobreza da troca de experiência que os narradores tradicionais evidenciam. Mas como se caracteriza o narrador pós-moderno?

> O narrador pós-moderno é o que transmite uma "sabedoria" que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar "autenticidade" a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. Esta advém da verossimilhança que é produto da lógica interna do relato. O narrador pós-moderno sabe que o "real" e o "autêntico" são construções de linguagem. (SANTIAGO, 2002, p.44).

Podemos inferir que os jovens da comunidade Ramal dos Guedes, são narradores pós-modernos, pois o que transmitem são fatos observados no seu dia-a-dia e informações recebidas nas redes sociais, não narram mais as experiências vivenciadas na mata, no igarapé, nos caminhos da comunidade, narram fatos globalizados compartilhados nas redes sociais ou observados na comunidade. Eles não sentem mais o que o narrador tradicional vivenciava, não vivem mais as aventuras amazônicas, não se deparam mais com os encantados, não ouvem mais o assovio da *Matinta Perera*, não encontram mais o *Bode da Ladeira*. O arrepio provocado pelo medo são experiências que só os narradores tradicionais do Ramal dos Guedes podem sentir e transmitir aos seus ouvintes.

Os narradores tradicionais do ramal dos Guedes são cheios de experiência e têm muito conselhos para dar aos seus ouvintes, mas como relatou Benjamin, nesta era, dar conselhos parece ser algo ultrapassado, porque as experiências estão deixando de ser compartilhadas. Na comunidade, ainda ocorrem as rodas de conversas, as trocas de experiências. Apesar dos meios tecnológicos, as pessoas ainda se reúnem no final da tarde, não como antigamente porque os ouvintes e os narradores vão se modificando com o passar dos tempos. O autor Walter Benjamin apresenta três estágios evolutivos da história do narrador:

> Segundo Benjamin, podem-se apresentar três estágios evolutivos da história do narrador. O primeiro estágio é o do narrador clássico, oral, cujo

> ofício é dar ao seu ouvinte a oportunidade de troca de experiência, segundo Santiago (1989, p. 39), “o único valorizado no ensaio”. O segundo é o do narrador do romance, cujo papel passou a ser a de não mais poder falar de maneira exemplar ao seu leitor. Neste, o escritor não tem mais o contato/intimidade, e nem uma troca de experiência com seu leitor. E o terceiro é o do narrador como jornalista, ou seja, aquele que ao narrar só transmite a informação, porque escreve não para narrar a ação da própria experiência, mas o que aconteceu com A ou B, em tal momento, tal lugar e tal hora (SILVIA, 2012.p.164).

O narrador que estamos descrevendo e defendendo neste texto é o primeiro: o narrador clássico, que narra as suas experiências, o que viveu, viu e sentiu, mas também narra aquilo que seus pais ou avós vivenciaram, é o narrador tradicional, o contador de causos, o narrador de histórias orais, o narrador que o autor Benjamin valoriza, aquele que sabe dar conselhos. Esse narrador deixa seus ouvintes extasiados com as narrativas, com a sabedoria que transmite por meio delas. Ao contrário do narrador pós-moderno, que não transmite uma sabedoria sua, mas uma sabedoria sobe o ponto de vista do outro e não uma experiência pessoal.

A saber, as narrativas orais deixam seus ouvintes imaginarem o cenário e a ação na qual se passa a história contada, deixa-os embalarem-se nesse mundo fantástico; cada ouvinte reproduzirá em sua memória um cenário diferente e de cada história tirará lições diferentes. Diferentemente das informações do mundo moderno e virtual, no qual as informações já vêm explícitas, e como nos relatou Benjamin, não toca no maravilhoso. Algumas deixam seus receptores horrorizados com tanto choque de realidade: “O receptor da comunicação de massa é um ser desmemoriado. Recebe um excesso de informação que saturam sua fome de conhecer, incham sem nutrir, pois não há lenta mastigação e assimilação” (BOSI, 1994, p. 87).

As narrativas que ficarão para sempre na memória dos ouvintes são as repassadas por narradores tradicionais, estes assimilam as histórias e as reproduzem para os filhos, netos e para quem se dispõem a ouvi-los. As informações recebidas diariamente logo serão esquecidas e, se lembradas, a sensação que trarão para os receptores não será de emoção e nem de fantasia, podendo ser de nostalgia com tanta realidade incutida, mortes, assassinatos, desastres e atos desumanos:

> A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela

> conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, 1994, p. 204).

Nas palavras de Benjamin, somos pobres de histórias surpreendentes, histórias que nos façam fugir da realidade caótica do mundo moderno. O estresse diário faz com que nos esqueçamos do mundo maravilhoso das narrativas orais, faz esquecermo-nos dos nossos avós, tios ou pais contadores de histórias; eles ficam ali no seu "cantinho" querendo, algumas vezes, adentrar nesse mundo tecnológico para não se sentirem tão solitários, pois às vezes é assim que se sentem, sem ninguém para ouvi-los, para se deliciar de seus casos, das suas aventuras do passado, das histórias que ouviram ou vivenciaram. Nesta era moderna, segundo Benjamin, narrar e ouvir histórias orais está se definhando por conta do "bombardeiro" virtual tecnológico. Os narradores de histórias tendem a desaparecer:

> Cada vez diminui o elenco de pessoas que sabem narrar, de memória, uma história que apresentariam a capacidade de, através da sabedoria herdada dos antepassados e do exercício constante de leitura, reproduzir textos orais ou mesmos criá-los. O indivíduo que conta transmite saberes um saber que os ouvintes recebem com bom proveito (ROMANO, 2009, p. 148).

Muitos narradores estão sendo trocados pelos meios tecnológicos, e os saberes que seriam transmitidos ficam apenas guardados na memória do narrador. Essa linguagem da narrativa oral não está sendo compartilhada como nos ensinou Havelock (1996). Os narradores querem compartilhar suas experiências com a sociedade, mas na maioria das vezes não encontram ninguém para ouvi-los, a arte de contar histórias está decaindo a cada dia:

> Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta. A Guerra, a Burocracia, a Tecnologia desmente cada dia o bom senso do cidadão: ele se espanta com sua magia negra, mas cala-se porque lhe é difícil explicar um Todo irracional (BOSI, 1994, p. 84).

As experiências vividas não estão sendo mais trocadas como no passado. O mundo tecnológico invadiu nossos lares, e grande parte da sociedade hoje convive com esse mundo da técnica, que é importante para a vida social, porém, com ele acontece a modificação de muitas práticas sociais que são relatadas pelos autores Benjamin e Bosi. Esse mundo da técnica desorienta o ser humano, por isso a arte de

trocar experiências vai se definhando aos poucos porque o homem moderno se ocupa mais com os meios tecnológicos e não mais com as conversas com os mais velhos de sua comunidade ou de sua casa. E é dessa forma que os elementos da tradição vão se alterando aos poucos, como tem acontecido na comunidade Ramal dos Guedes. Mas segundo Marques, um elemento cultural novo na sociedade não exclui o tradicional, esses elementos tradicionais são deslocados e não anulados, os dois mundos convivem simultaneamente:

> Na verdade, esses dois mundos não correspondem a eras, a épocas determinadas, mas convivem simultaneamente em cada momento e lugar, com intensidades variáveis, de modo que o saber narrativo próprio da oralidade primária também se manifesta tanto no saber teórico-interpretativo da escrita quanto no saber modelizado e simulado típico da informática (MARQUES, 2000, p. 127).

Dessa forma, as histórias orais contadas de boca a boca podem ser transcritas para os livros e passadas de mão a mão pelos narradores da era moderna, transformadas em vídeos e lançadas em canais no Youtube, assim muitas pessoas podem ter acesso a essas histórias e podem se deliciar do mundo mágico da literatura oral. Lógico que não sentirão a mesma sensação de estar frente a frente com um narrador tradicional, mas esse também é um caminho para se preservar e valorizar a cultura popular. Marques (2000, p. 130), enfatiza que “a continuidade da tradição implica torções, rupturas. A tradição necessita da ruptura para continuar. O que se dá pela recepção ativa do que se transmite, do que se herda”.

Nesta era moderna, devido à correria do dia a dia muitos pais vivem uma atribulação constante e não têm mais tempo para os seus filhos. Com o cansaço diário não narram mais histórias; e assim pais e filhos seguem com a companhia dos meios tecnológicos e, para os filhos terem conhecimento do mundo literário acessam os canais de história no Youtube. Além disso, hoje em dia, também são poucas as pessoas que cantam uma canção de ninar para os seus filhos, grande parte dos pais ligam a televisão ou o celular, colocam uma canção de ninar e deixam as crianças assistindo. Essa ruptura cultural também aconteceu em alguns lares. Os dispositivos vão se alterando, antes eram as rodas de histórias hoje são esses canais apresentados pela indústria virtual.

Mas não podemos esquecer que ouvir histórias e cantigas contadas e cantadas por algum membro da família, principalmente pelos pais é muito importante

para o desenvolvimento das crianças. Como já falamos no tópico anterior, todo ser humano precisa de fantasia para sobreviver e, na arte da literatura oral, ele pode encontrar essa fantasia para esquecer-se por instantes dos problemas vividos neste mundo, dos seus medos sobre os mistérios que assombram a sua vida.

Porém, para isso devem parar para ouvir histórias e por mais que o mundo moderno faça parte das nossas vidas, não podemos abandonar esses artistas populares que têm muitas experiências para serem compartilhas**.** É importante conhecer a tradição, não importa por qual meio, seja este tecnológico ou tradicional, para que assim, a identidade cultural de um povo seja valorizada e reconhecida pelas gerações futuras. As comunidades amazônicas também vêm sofrendo com o processo de modernização. Nelas existe um imaginário fantástico, rico, que está se perdendo por causa desse processo:

> Esse universo mítico amazônico tem se enfrentado com a modernização, promovida por diferentes instituições e em diferentes períodos, de distintas maneiras. Alguma coisa está ocorrendo na atualidade e mudando a situação, pois existe uma diferença entre a memória de ontem e a de hoje (PIZARRO, 2012, p. 193).

O processo de modernização que culmina com a devastação da floresta está destruindo aos poucos o imaginário desse povo. É na floresta que os moradores dessa região se deparam com os seres encantados, mas como ela está sendo destruída, junto com ela, os seres encantados também desaparecem. Mas o que devemos fazer é ir à busca dos anciões, das pessoas que guardam na memória as histórias de encantarias, a história da comunidade, usar os meios tecnológicos que a modernidade oferece e registrá-las para que ela seja valorizada e não se perca no tempo.

4.2.1. A Modernidade e o Sumiço dos Encantados da Comunidade Ramal dos Guedes

O fenômeno da modernidade se concedeu em meado do século XVII e tem origem europeia, desde então esse fenômeno se desenvolve pelo mundo, levando para os centros urbanos e para algumas comunidades rurais diversos itens que ajudaram na melhoria de vida de seus habitantes. Mas o que é modernidade?

> Como primeira aproximação, digamos que a noção de “modernidade” se refere aos modos de vida ou organização social que surgiram na Europa ao

> redor do século XVII adiante e cuja influência, posteriormente, o converteram em mais ou menos mundiais... [...] a modernidade altera radicalmente a natureza de vida cotidiana e afeta as dimensões mais intimas de nossa experiência (GIDDENS, 1996, p. 33 *apud* CHAVES, 2017, p. 31).

Todos os meses, novos produtos tecnológicos surgem no mercado, e os que estavam nas estantes das lojas ou na casa dos consumidores são trocados pelos novos produtos. E assim, a sociedade atual vive um processo contínuo de consumismo pelo novo/moderno que surge todos os dias. Sabemos que nem todas as pessoas tem acesso a tudo o que a modernização oferece, em especial as que vivem nas periferias e em algumas comunidades rurais. O moderno vai surgindo aos poucos e inovando o modo de vida da sociedade.

Mas, o que é o moderno?Podemos dizer que o moderno é tudo aquilo que é novo para a sociedade. Os novosprodutos que surgem no mercado, os novos meios de vida, entre outros. O moderno segundo Ádrian “se desenvolve mediada por mudanças materiais da modernização nos âmbitos cultural, técnico e econômico, e pelo desenvolvimento de forças produtivas e intensificação do mercado capitalista mundial” (GORELIK,1999, p. 31).

Nos relatos dos habitantes da comunidade Ramal dos Guedes percebemos que há alguns anos eles viviam mais isolados. Com o tempo, o processo de modernização se intensificou na comunidade: a abertura da estrada, a construção da ponte sob o Igarapé Urucurí no ano de 1988, a construção da escola e da creche, a chegada da energia elétrica, da água encanada. Os atuais modos de vida da comunidade também fazem parte da modernidade e da modernização, mas foi um processo lento, já que nas periferias elas chegam com grande lentidão. Para entender esses dois processos de modernidade e modernização, Adrian Gorelik expõe que:

> O modernismo, em todo caso, deve ser analisado como um dos depósitos de respostas explorados na modernidade para se entender a modernização. A modernidade é tomada aqui, então, como o *ethos* cultural mais geral da época, como os modos de vida e organização social que vem se generalizando sem pausa desde sua origem racional-europeia nos séculos XV e XVI (e aqui me apoio em um autor como Giddens), e a modernização, como aqueles processos duros que continuam transformando materialmente o mundo (GORELIK,1999, p. 14).

Junto com a modernização, surge o consumismo e com ele vem a destruição dos habitats naturais, casa de vários animais da floresta. Os novos produtos agropecuários, criados para melhorar a qualidade de vida e de trabalho dos

produtores rurais ajudam também a destruir a natureza, e com isso os animais procuram outros lugares para habitar. Igarapés e árvores são destruídos pelas mãos dos homens. Seu Raimundo Guedes se lembra do tempo que os moradores da comunidade Ramal dos Guedes viviam no meio da floresta alta; “isso aqui tudo era capoeirão, era muito bonito, muitas árvores”. Ele ainda relata como os antigos moradores conviviam em harmonia com a natureza:

> Os antigos, nossos pais eles eram tanto caprichoso como não tinham ambição que existe hoje. A juventude de hoje, a turma mais nova querem acabar com o que tem a natureza, e naquela época não, finado João Guedes, que era o pai desse pessoal aí trabalhava, Alvino, Artur, Ziloca, eles trabalhavam na economia, no mato, trabalhavam no limite, quatro tarefa de roça era a maior roça que eles botavam, mas eles tinham muita mandioca, naquela época, a, a, a... não tinham ganância e a mercadoria era barata. Eles respeitavam a natureza e tinha natureza bonita aqui né? Até que aqui aonde é esse retiro agora, era capoeirão, era passagem de veado, a gente ficava aí só esperando (Seu Raimundo Guedes, fevereiro de 2019).

Com o processo de modernização e o crescimento dos números de habitantes da comunidade e pela lógica do capitalismo, a natureza da comunidade Ramal dos Guedes se modificou, como podemos ver na imagem abaixo, e junto com essa modificação, os animais que existiam em grande quantidade na época que Raimundo Guedes relatou, já estão entrando em extinção:

Foto 5- Comunidade Ramal dos Guedes

(Foto do arquivo pessoal de Kátia Guedes)

O local dessa imagem é descrito pelos antigos moradores como lugar de

floresta alta antigamente, porém muita vegetação foi destruída para o plantio e cultivo da mandioca e do milho, e também para a construção das casas, escola e campo de futebol. As árvores altas que ainda vemos nessa imagem são algumas árvores frutíferas e outras diversas conservadas pelos moradores. Na comunidade ainda existem outras áreas de igapó e igarapés que ainda prevalecem como floresta virgem. Porém, a escolha dessa fotografia se deu pelo fato de mostrarmos por onde a estrada foi construída, por ser um lugar de memória dos moradores e também, ponto de referência das aparições de algumas *assombrações*, do *Bode*, das *Matintas*, e outras:

> Só que o apelido dessa estrada aqui, desse caminho, aqui, que era caminho, antes de construir a estrada, era come gente, porque aparecia muita visão aí, era um caminho que a gente ia pra Serraria, não tinha estrada aí, chamavam "come gente", porque viam muitas visagens, essa travessia aqui, essa casa das mães tinha um barajubal e aí esses filhos do. (incompreensível) que moravam prai, cansaram de apanhar aí de noite, tapa, era muita visão que dava nesse caminho, aonde é a estrada (Seu Raimundo Guedes)

Essas *assombrações* descritas pelo seu Raimundo sumiram da comunidade, junto com a metade da floresta alta. Os moradores da comunidade Ramal dos Guedes viviam cercados por um universo mitológico, no qual os encantados da floresta e dos igarapés faziam parte de sua vida diária. Esse imaginário, como descreve Ana Pizzaro (2012), abarca a vida dessas comunidades e explica e dá sentindo na relação do homem com a natureza. Nesse universo, segundo Pizarro, a realidade e a ficção não têm fronteiras. O imaginário dos povos amazônicos explica e dá sentido às suas vidas.

Os moradores, mais antigos da comunidade não tinham contato com o mundo tecnológico, na comunidade não existia energia elétrica, a floresta era fasta, os moradores caminhavam nas trilhas feitas por eles mesmos no meio da floresta, as quais chamam de "caminho" e eram nesses caminhos que eles dizem que se deparavam com alguns encantados. Segundo Pizarro (2012), a selva é o lugar ideal para os homens sentirem as energias dos encantados. Essa energia era bastante presente na comunidade dos Guedes. Na escuridão da noite sentia-se a energia dos seres da floresta, mesmo sem os encontrar. Nas caçadas e nas colheitas de frutos, o *Curupira* estava sempre à espreita e deixava evidente os seus traçados:

> Uma vez uma Curupira também fez eu de besta foi muito aí no mato. Nós fomo é... andar no garapé eu e Zé Orlando, matá peixe [...] (Seu Heitor Guedes, fevereiro de 2019).

> Um dia que nós tava.. primeiro eu vinha com mamãe, **era cinco e meia da manhã,** vinha um homem que vinha na nossa frente, entrou num caminho velho que tinha pra co lá, pra dentro do mato e aí sumiu pra lá. (grifo nosso) (Seu Abelardo Guedes, fevereiro de 2019).

> Uma vez eu vinha da Sagrada**, à noite,** de bicicleta, aí quando chegou ali naquela ladeira ali perto da ladeira do Cobo, eu vinha pedalando em pé na bicicleta assim [...] (grifos nosso) (Wilson Azevedo, outubro de 2019).

> Foi eu com Ilete, nós saímos daqui acho que **era umas 03h30min pras 4h00min da madrugada**, aqui por dentro por esse caminho que tinha aqui. Quando a gente chegamo lá no Benezão, quando a gente varamo na estrada, eu senti aquilo que algo diferente, aquela coisa assim, um medo assim parece que subir, não ia pisando no chão e a menina também [...] (grifos nosso) (Socorro Gomes, outubro de 2019).

Observamos nesses trechos narrados os momentos ideais em que os moradores sentiam a presença ou eram acompanhados pelos encantados: durante a noite. Segundo os narradores, eles puderam ver ou sentir a presença desses seres, deixando-os amedrontados. No último trecho, a narradora diz que sentiu algo diferente, sentiu-se flutuar pelo temor, tanto ela quando a menina que a acompanhava.

Mas com a chegada da energia elétrica, os eletroeletrônicos chegaram às casas dos moradores. A televisão fez com que estes “conhecessem” outros mundos, outras culturas. E a luz elétrica passou a iluminar as casas e as estradas, por isso grande parte dos encantados, segundo os moradores, foram para outros lugares, onde tem floresta alta para eles sobreviverem e escuridão para se esconderem. Vejamos três relatos dos narradores a respeito do desaparecimento dos encantados feito a partir da pergunta: O que aconteceu com os encantados que habitavam neste lugar?

> Eu penso... Eu falo assim... Que muito de nós já conversamo que... a desmatação... Desmatamento, daí os bichos, os fantasmas, até os bichos vão se afugentando, porque o que é de mato... Mata... De floresta alta, como o Curupira, a Visage mermo é... Eles não são de juquira não... eles são de mata e aqui não tem, acabou, de primeiro tinha muito... Era capoeirão, a gente não vê, eles vão pra onde tem muita mata pra eles sobreviverem (Seu Heitor Guedes, fevereiro de 2019).

> Então, naquela época era mata, caminho, não era estrada, era mata, então devido ser mata, tinha afinidade de aparecer essas coisas era um homem, era os animais porque tinha onde eles ficarem né? Hoje não, hoje já não tem. Eles foram embora pela desmatação né? Hoje não tem mais onde se guardar um, uns animais que dependem da mata né? Não tem como é só juquira no nosso popular, chamado né? (Dona Maria de Jesus, outubro de 2019)

> A gente via sempre negócio de visagem, Matim sempre existia, até hoje ainda tem, e aí depois foi acabando a gente não viu negócio de visagem, mas inclusive acolá a última vez que eu vi foi bem ali mesmo pertinho do grupo, eu vi, aparecia visagem de tudo jeito, tipo fogo. Agora acabou. Eu acho que acabou porque os matos foram se acabando e mesmo começou existir o negócio de muita oração, aí as coisas foram se afastando é. (Seu Abelardo Guedes, fevereiro de 2019)

Certamente o desmatamento nessa comunidade ocasionou o sumiço de alguns encantados, já que eles são seres que precisam da floresta para sobreviver. Com o desmatamento, eles foram procurar outras moradas, longe do povo e longe do barulho, um lugar que “tem muita mata pra eles sobreviverem”. O relato de seu Abelardo nos chamou atenção. Ele apresenta outro fator que ocasionou o sumiço dos encantados, segundo ele com a presença da religião, as orações praticadas por eles também afastam os encantados, durante nossas conversas, ele relatava que hoje em dia ele reza todos os dias e todas as noites antes de dormir, ou quando sai de casa, e graças a isso os encantados se afastam. Outro fator importante que podemos ressaltar no relato do seu Abelardo é que até hoje ainda existem alguns encantados na comunidade. Isso quer dizer que nem todos foram embora, alguns ainda protegem o resto de mata que sobrou.

Segundo os narradores, o encantado que mais se manifesta nos dias atuais na comunidade é a *Matinta Perera*. Mas, para eles ela não é um ser da floresta, “o *Matim* é uma gente.... é... é gente... uma pessoa que se transforma” (Dona Maria Luiza). Ele é uma pessoa que se metamorfoseia em vários animais e sai à noite assoviando e causando algumas vezes arrepios em quem ouve seus assovios. Os outros encantados como as *assombrações* e os encantados do igarapé de vez em quando se manifestam, enquanto que o *Bode da Ladeira* e o *Pretinho do Miritizeiro* sumiram à procura de mata alta para sobreviverem, mas ainda permanecem vivos na memória de alguns moradores.

Esses narradores tiveram o prazer de conviver, de sentir a presença dos encantados, de andar nos caminhos, no meio da floresta. Hoje, guardam na memória as lembranças de um tempo, talvez até sofrido, mas cheio de fantasias e encantamentos, um tempo no qual a nova geração não tem mais a oportunidade de vivenciar, mas pode imaginar se parar para ouvir as vozes desses guardiões. Só eles guardam na memória os bons momentos daquele tempo vivido no início da formação da comunidade e descrevem como era o lugar antigamente, rodeado pela floresta alta, que é o habitat dos encantados. Tempos difíceis, mas com muitas

caças, fartura de peixe e um universo magnífico de encantarias.

Nos dias atuais, a maioria dos jovens e adolescentes da comunidade estão cercados pelo mundo tecnológico. Há um tempo atrás era a televisão, hoje é o aparelho celular, com as suas chamativas redes sociais. Essas redes, agora virtuais, fazem parte da vida diária deles. E por esse motivo as rodas de conversas na calçada da escola ou debaixo das árvores são praticadas com menos intensidade. Quando elas acontecem, poucos jovens e adolescentes sentem prazer em participar, e quando participam, os aparelhos celulares os acompanham. Entre uma história e outra, há sempre a pausa para atualizar as conversas virtuais. O universo de encantarias dos antepassados não é mais o mesmo dos jovens do Ramal.

Com todo o processo de modernização que a comunidade vem enfrentando, os discursos de ontem não são mais como os de hoje, porém, os encantados não sumiram, permanecem vivos na memória das pessoas da comunidade, principalmente dos mais velhos. Eles "seguem ocupando um lugar importante na vida das comunidades que se defrontam com a modernização, transformando-se através de outros tipos de elaborações discursivas" (PIZZARO, 2012, p. 193). E a magia dos encantados ainda existe na comunidade Ramal dos Guedes, basta alguém mais velho começar a narrar uma história que todos são contagiados por ela. Ainda se ouve o assovio da *Matinta Perera*, ainda ouvimos no outro dia os relatos ou a pergunta: "Vocês escutaram o *Matin* assobiar essa noite? ".

É provável que os narradores da comunidade queiram que a atual geração ouvisse mais os seus relatos, as histórias que eles têm para contar, os ensinamentos que querem repassar, mas presos aos entretenimentos dos celulares, estes ignoram as vozes da sabedoria. Alguns moradores mais velhos ainda sentem falta das noites de contação de histórias e compartilhamentos de experiências vividos no tempo passado, na calçada da escola, tempo em que apenas a luz do luar ou o brilho das estrelas iluminavam as noites de magia e encantamento:

> A gente ficava conversando aqui na calçada, um contava um caso daqui, outro de acolá, assim nós ia vivendo, achava graça né? De ver aquelas histórias que contavam aqueles casos, os mais velhos, contavam, tia Mariana né? Ela contava, não sei por que isso foi acabando (Dona Maria Luiza).

A narradora sente saudades desses momentos que faziam eles se

esquecerem por alguns instantes das dificuldades vividas, eram momentos que causavam emoção nos ouvintes e narradores. Ela não entende por que acabou, mas nós sabemos que a comunidade vive um novo tempo. A modernização chegou à comunidade e apesar de ter melhorado a vida desses moradores, aos poucos, vem transformando esse universo mítico e poético.

Se continuarmos a viver nessa busca incessante pelo ter e poder e não pararmos para ouvir as vozes dos mais velhos, não saborearmos do universo fantástico que a literatura tem a nos oferecer. Vamos deixar de conhecer as histórias da nossa família, muitas tradições serão esquecidas e correremos o risco de não conhecermos a cultura dos nossos antepassados. Se as vozes dos guardiões das memórias não forem mais ouvidas, se as tradições forem esquecidas, as narrativas orais também serão esquecidas.

Queremos enfatizar aqui que não estamos falando que o homem desta era deve deixar de se deleitar de todas as tecnológicas que o mundo moderno tem a lhes proporcionar, o que estamos defendendo é que o ser humano precisa se desligar por alguns instantes desse mundo conturbado das tecnologias e ouvir as vozes dos narradores ou narrar alguma história para que possa desfrutar de toda fantasia que o universo literário tem para lhes oferecer:

> A eternidade da palavra falada está aí! Nunca se perde, ainda que os sotaques e tradições a modifique. Sua essência permanece viva, presente naqueles que a repetem, que fazem soar, engravidando os ouvintes e as almas daqueles que ouvem as histórias e se permitem viajar na atemporalidade dos ambientes mágicos presentes nas narrativas orais, na voz de quem as faz ecoar no fundo da vida daqueles que atinge (SANTOS, 2010, p.123).

Então, vamos aproveitar para nos desligarmos por alguns instantes do mundo moderno? Vamos colocar mais lenha na fogueira e nos aventurarmos pelo universo encantado que será descrito no próximo capítulo? Enquanto as chamas das narrativas estiverem acessas na memória dos narradores, continuaremos colocando lenha na fogueira para que elas não se apaguem. Com o *Bode da Ladeira*, as *assombrações*, o *Pretinho do Miritizeiro*, a *Matinta Perera* e o *Curupira*, vamos juntos viajar no mundo encantado dos narradores da comunidade Ramal dos Guedes, pois enquanto tiver pessoas para ouvir e ler suas narrativas, elas não irão desaparecer, a chama ficará acessa por longos anos, pois essas narrativas não podem ser esquecidas não podem morrer.

5. HISTÓRIAS DE ONTEM E DE HOJE: OS NARRADORES, A PERFORMANCE E OS ENCANTADOS

> “Se achegue! Sente aqui ao lado dos demais e aproveite o calor do fogo. As chamas e suas labaredas parecem lamber as faces daqueles ao seu redor. O que tenho pra dizer pode ser muito antigo, mas ao mesmo tempo muito novo. Não tem tempo por aqui. O tempo deixou de existir, pois as histórias que tenho para contar se perderam na temporalidade [...]”
> (Robson Santos)

Preparemo-nos para adentrar as histórias dos encantados da comunidade Ramal dos Guedes, nas quais a magia das narrações deslumbra o tempo e o espaço, contagia, amedronta e encanta os ouvintes. Essas histórias vêm “da sabedoria e da vivencia daquele povo, das experiências vividas em cada dia, em cada ato, em cada memória” (SANTOS, 2010, p.110). Elas são mantidas vivas na memória do povo da comunidade, algumas vivenciadas por eles outras relatadas e vivenciadas pelos seus ancestrais, histórias que não são apenas ouvidas, mas gravadas na alma, na memória de quem ouve:

> Em sua ancestralidade, os contos são guardados, através dos séculos, na memória, na voz e na alma dos contadores de histórias, que dão vida ao processo da transmissão oral fixando temas, enredos, poemas, canções, enfim, um rico manancial de uma tradição que se renova e segue acrescida de elementos individuais (de cada narrador) e coletivos (de cada grupo social) (BEDRAN, 2012, p. 101).

As narrativas guardadas nas memórias dos contadores se espalham e são renovadas a cada novo contar, a cada nova pessoa que abre a boca ou se dispõe a escrever esses contos de tradição oral. Cada um que conta ou transcreve, acrescenta algo na história, como diz o ditado popular: “Quem conta um conto aumenta um ponto”, e é dessa forma que as narrativas se renovam. Tanto as pessoas que contam quanto as que ouvem modificam algo a cada novo dizer. Ao ouvir os narradores da comunidade Ramal dos Guedes, pude perceber o estado de alma de cada um, o brilho nos olhos por estarem recontando as histórias que eles vivenciaram ou que ouviram de seus pais, alguns ainda sentiam o arrepio no corpo ao lembrarem-se do momento que se depararam com os encantados ou sentiram suas artimanhas.

Um ponto interessante desta pesquisa aconteceu durante minha insistência como pesquisadora em ouvir as histórias das pessoas mais novas. Eram três, mas elas se sentiram envergonhadas em gravar seus relatos, somente após eu explicar a

importância da pesquisa, elas resolveram narrar. Esse dia foi como um momento mágico, o jogo de futebol tinha terminado e as pessoas ficaram sentadas debaixo das árvores comentando sobre o jogo. Além dos três narradores mais novos, estavam ali crianças, adolescentes e jovens da comunidade, que estavam na torcida para que os três contassem suas experiências com os encantados. Era no finzinho da tarde, o sol estava se pondo e a noite já aguardava para sua chegada, parecia um momento perfeito para contação de histórias. De repente começou: “Bem... eu vou contar o que aconteceu comigo... Uma vez eu vinha...”. Ouviu-se um silêncio naquele momento, os olhos de todos se voltaram para quem estava narrando, a plateia vibrava, e fazia algumas intervenções. O encanto pelas narrativas não morreu.

E assim, as histórias foram narradas. Percebia-se o brilho nos olhos das pessoas que estavam ouvindo, não só a magia e risadas tomou conta daquele momento, mas o medo também, pois se ouvia alguns sussurros: “Eu estou com medo”, “Ai credo”, porém não queriam parar de ouvir, estavam todos embriagados pelo instante mágico da contação de histórias, e o pedido saía do meio da plateia: “Conta outra, agora é a tua vez, Sinei, conta, conta...” Foi um momento muito encantador, no qual pude lembrar-me dos tempos passados, da minha infância, quando parávamos para ouvir os contadores mais velhos. Pude reviver fatos nesse dia com uma plateia e contadores mais novos. A chama das histórias orais continua viva na comunidade, basta alguém colocar mais lenha na fogueira que a magia se espalha, contagia, aquece o corpo e alma de todos os envolvidos:

> A chama viva das narrativas serve para aquecer a alma de quem ouve e o contador de histórias, ao contá-la, ouve-as também, permitindo que sua alma se aqueça, se modifique, cresça, tornando-se dono e coautor das vozes que legaram as histórias que venceram o tempo, as areias do tempo, tornando-se eternas, perpétuas através do mundo, das fronteiras, atingindo a todos por onde passam (SANTOS, 2010, p. 122).

Saímos todos com nossas almas aquecidas daquela roda de conversa, e creio eu, que todos os envolvidos guardaram esse momento em suas memórias e contarão as histórias que ouviram para outras pessoas, porque é uma história nossa, que representa o nosso povo e o povo das matas onde moramos. Além disso, as histórias ficaram registradas, pois esse foi o objetivo da conversa. Fazendo dessa forma, as histórias dos encantados da comunidade se tornarão perpétuas.

5.1. Criando um Perfil: Narradores em cena

> “Ei, você que está mais perto, coloque outra acha de lenha na fogueira, não podemos correr o risco de deixa-la sem alimento e vê-la se apagando pouco a pouco, ficando apenas cinzas, pois o fogo das histórias é vivo e vermelho como a brasa que nunca se apaga”.
> (Robson Santos)

Para desenvolver este texto e coletar as histórias sobre a *Matinta Perara*, o *Curupira*, o *Pretinho do Miritizeiro*, o *Bode da Ladeira* e as *assombrações*, recorremos às pessoas que em suas caminhadas pela mata ou caçadas pela floresta, nas idas aos igarapés e em suas próprias casas, tiveram contato com os encantados ou com seus vestígios. Essas pessoas são as que relatam os fatos com referência e temor. Pessoas simples narrando com sabedoria histórias inesquecíveis, que guardam nas memórias e que as fazem lembrar-se de um tempo no qual existia fartura proporcionada pela natureza. Nesse tempo aqui a fartura era grande, muito peixe, muita caça, isso aqui era tudo capoeirão” (Seu Bené, 2019). Os igarapés eram muito frequentados pelos moradores, já que era a única fonte de água que as pessoas dispunham para tomar banho, lavar louças e roupas. A água para beber e fazer as comidas era retirada de outra fonte, que chamavam de cacimba.

Entre vários moradores da comunidade Ramal dos Guedes encontram-se os narradores: Maria Luiza Guedes, Maria de Jesus Portela, Socorro Gomes, Abelardo Guedes, Zé Orlando Guedes, Claudeci Guedes, Ivan Gomes, Bené Guedes, Heitor Guedes, Sinei Azevedo, Raimundo Guedes, Wilson Azevedo e João Azevedo. Todos eles tiveram experiências com os encantados e foi através deles que ouvimos as histórias de encantaria da comunidade.

Como podemos perceber, são três mulheres e dez homens que narraram suas experiências com os encantados; na comunidade esse fato acontece porque são os homens que vão para as matas caçar e pescar, também eram eles quem andavam sozinho à noite nos caminhos, já as mulheres quando vão às matas ou igarapés na maioria das vezes estão acompanhadas.

O *Matin* deixou alguns deles paralisados à noite. O *Curupira* fez com que outros perdessem o caminho de volta para casa. A assombração que era pequena e depois crescia fazia com que alguns emudecessem e empalidecessem. Essas histórias assombradas precisam ser ouvidas, transcrevidas e mostradas para o

mundo, para assim encantar outros humanos. Elas fazem parte da rica diversidade cultural amazônica

Por mais que essas pessoas não se considerem contadores de histórias, são narradores que se aproximam do narrador tradicional descrito por Walter Benjamin. A grande maioria deles é narrador personagem, já que participaram da história diretamente, atuando com os seres encantados. A relação deles com os seres é de medo e respeito. Eles sabem que os encantados protegem a natureza, por isso não ousam fazê-los mal. Quando narram as histórias para alguém, aconselham os seus ouvintes para que não insultem os seres: “Olha, quando o *Matin* assobiar, fique quieto, não mexa com ele, pois ele pode fazer artimanhas em você”. “Não leve essa criancinha para o igarapé, olha os bichos que assombram”. Os ouvintes não só ouvem as histórias, como também recebem conselhos dos narradores da comunidade:

> Cada um, ao seu modo, conta histórias, fala de si, da família, do trabalhado e depõe sobre as origens dos relatos. Alguns destes vivenciados pelo contador, principalmente, os que vêm da mata ou do rio; outros experienciados pela voz alheia, na maioria das vezes, pelos avós, pelos pais ou por pessoas próximas (FARES, 2015, p. 48-49).

Cada contador narra sua história de um jeito, os encantados podem ser o mesmo, mas cada um viveu uma história diferente com ele. O que eles contam está relacionado também com suas histórias de vida. Quando estão narrando não é somente a voz que entra em ação, outros membros do corpo também participam; os braços, as mãos, as pernas, os olhos, a testa que é franzida. Existe a interação entre os membros do corpo de quem narra e também entre narrador e ouvinte:

> A exploração em potencial das narrativas requer um direcionamento para as relações entre o ouvinte e o contador que se dá na *performance narrativa*. Essa *performance* se traduz por meio de vários mecanismos, tais como entonação da voz, os gestos, mímicas, pausas, ruídos imitações, mudança de discurso – demarca na narrativa a sua fala ou a fala do outro (BARBOSA, 2011, p. 54).

A performance do narrador é essencial para que a interação aconteça, além disso as histórias podem ser melhor produzidas e compreendidas. Na conversa com os narradores, a entonação de voz, os gestos, as mímicas, as pausas, os ruídos, todos esses aspectos performáticos foram demonstrados pelos narradores. Mas o que é performance? Segundo Zumthor:

> No uso mais geral, *performance* se refere de modo imediato a um acontecimento oral e gestual. Daí certas consequências metodológicas para nós, quando empregamos o termo nesses casos em que a própria noção de oralidade tende a se diluir e a gestualidade parece desaparecer (ZUMTHOR, 2018, p. 36).

Esses movimentos orais e gestuais que são usados pelos narradores, nem todos podem ser mostrados no momento da transcrição das histórias. Os narradores utilizam-se da performance para compor a cena no momento da contação: o movimento dos braços para indicar o tamanho de algo ou o lugar do fato ocorrido; a imitação de uma segunda voz; a marcação forte de uma palavra; as pausas; o olhar para o horizonte como se tivessem buscando na memória os acontecimentos; as risadas, enfim, alguns desses recursos performáticos só podemos apreciar quando estamos vendo os narradores. Tudo é usado para indicar referências:

> Era uma fantasma disque que, que ela sobe e... **nós tava aí na calçada desse grupo, nos ía até indo aí pro rumo do Ramal, por aí,** (aponta o braço em direção à escola e a comunidade) aí enxerguemo, **ela subia, aí baixava, subia e baixava** (movimento com os braços para demonstrar os moimentos da personagem) e lá na varada **daqui do, do Come gente** (outro movimento com a cabeça e mão para indicar esse lugar) que chamo, que chamavo Come gente, né? (Dona Maria Luiza).
>
> Olha... o Matin eu também, porque é uma coisa que eu tenho muito medo, **MUIITO.** (marcação forte na pronúncia da palavra "muito" representando o medo que sente por esse ser) (Dona Maria Luiza).
>
> A gente via sempre negócio de visagem, Matim sempre existia, até hoje ainda tem, e aí depois foi acabando, a gente não viu negócio de visagem, **mas inclusive acolá a última vez que eu vi foi bem ali mesmo pertinho do grupo**, (gestos com os braços e a cabeça apontando para indicar o lugar) eu vi, aparecia visagem de tudo jeito, tipo fogo (Seu Abelardo Guedes).
>
> Quando descemos na estrada, assim que mudemos um pouquinho os passos assim, eu **avistei um negócio desse tamaninho assim** (gestos com as mãos demostrando o tamanho) beem **branquinho, branquinho, branquinho, branquinho.**[...] (repetição de palavras para falar sobre a cor) Fomos, conforme a gente ia andando aquilo **ia crescendo, crescendo, crescendo**, sei que quando a gente chegamo pra passar lá onde ele tava, **ele tava quase da altura desse padrão assim, uma assim, não, muito alto**, (aponta para o padrão) aquilo **branco, branco, branco**, não, ele não **tava dessa altura** (movimento com as mãos e braços mostrando o tamanho aproximado da assombração), eu acho que não, mas ele tava uma boa altura mesmo, bem alto (Dona Socorro Gomes).

Outros recursos muito usados pelos narradores são os sons que os encantados emitem, eles são mostrados por meio da onomatopeia, ou através das repetições verbais. Os sons emitidos pelo contador chamam atenção dos ouvintes, leva-os a adentrarem mais nas histórias e imaginarem a cena. Segundo Barbosa

(2011), esses sons que são emitidos pelo narrador são o corpo da palavra e funcionam como artifícios de encantamento e deleite, observemos:

> Quando ia nesse garapé lá batiam muito em cima da prancha, eu acho que era eles sim que batiam lá... tinha vez que a gente tava no retiro lá e ouvia, **puá, puá, puá**, foi, aí o miriteizo caiu, caiu ele foi embora [...]
>
> E uma vez no tempo que era mata os pessoá correram atrás dum pretinho também lá na berada**, correro, correro,** se meteu aonde tinha um.. tinha um jatobá grandão, aí disque ele entrou, **thum** dentro do buraco [...]
>
> Uma vez eu vinha da Sagrada, à noite, de bicicleta, aí quando chegou ali naquela ladeira ali perto da ladeira do Cobo eu vinha pedalando em pé na bicicleta assim, aí eu vi, chega vinha estralando piçarra assim do outro lado. Eu vinha dum lado e ele **catcha, tcha, tcha, tcha tcha**, aí eu olhei ele ia passando assim [...]
>
> [...] Rapá, eu ía quando cheguei em casa ele **fiiit...** eu disse:
> - Olha agora tu pode ir embora que eu já cheguei na minha casa, tô em casa já.

Quando os narradores emitem esses sons, podemos perceber o entusiasmo em suas falas em demostrar para o seu ouvinte a veracidade do fato ocorrido e como ocorreu, algumas vezes o olhar está fixo no seu interlocutor, outras vezes está para o horizonte e, as mãos, juntamente com os braços, também estão trabalhando. Todos os recursos usados pelo narrador são importantes no momento da contação de histórias, tanto para chamar a atenção, quanto para o deleite de seu ouvinte:

> O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana (BOSI, 1994, p. 90).

A relação entre narrador e ouvinte é muito importante no momento da narrativa, os corpos se conectam pelo olhar, nas gestualidades do narrador e em alguns momentos com palavras que são lançadas para ver se o ouvinte está atento ao que o narrador está dizendo, como por exemplo: “entendeu? ”, “Né? ”, “tu acreditas? ”. Enfim, cada narrador usa a voz e os membros do corpo para narrar uma história, são recursos individuais de cada um, cada narrador tem sua forma específica de usar “a performance, que é uma conduta, na qual o sujeito assume abertamente e funcionalmente a responsabilidade” (ZUMTHOR, 2018, p. 31).

5.2. Encantados: Quem são eles?

> “Ei, atice um pouco mais as chamas para que suas labaredas possam iluminar a noite e a alma daqueles que estão sentados ao seu redor”.
> (Robson Santos)

Desde o início deste texto, estamos usando a palavra encantado, mas quem são eles? Esses entes que segundo os moradores da comunidade Ramal dos Guedes e de outras regiões amazônicas vivem no meio de nós. Uns dizem que viram e ouviram seus sinais ou foram assombrados por eles. Mas como esses encantados fazem parte da narrativa de vida dessas pessoas? Uns acreditam outros dizem que é bobagem. São seres da imaginação das pessoas ou é o medo que sentem quando estão no escuro, no meio da mata, que os fazem ver e senti-los?

O universo de encantaria da região amazônica tem sido estudado por meio das narrativas orais e revelado ao mundo por meio de cada pesquisador. Pesquisas estas que são realizadas em grande parte nas comunidades rurais da Amazônia. Os moradores dessas regiões, ao entrarem em contado com as matas, rios ou igarapés durante o dia ou à noite, afirmam que viram ou sentiram suas artimanhas, por isso os encantados fazem parte da vida diária das pessoas que habitam em diferentes regiões da Amazônia.

As histórias como já relatamos são contadas para outras pessoas das comunidades: jovens, crianças e adultos, por esse motivo, mesmo os que nunca viram ou sentiram os sinais transmitidos pelos seres, tem uma relação com eles, pois as histórias não são somente daqueles que têm contado com os encantados, as histórias são da comunidade. A crença nos encantados é muito forte em algumas comunidades da Amazônia, esses seres vagam de dia outros à noite. Segundo Maués:

> Os encantados, ao contrário dos santos, são seres humanos que não morreram, mas se “encantaram”. Essa crença tem certamente origem europeia, estando ligada às concepções de príncipes ou princesas encantadas que ainda sobrevivem nas histórias infantis de todo o mundo ocidental. Mas foi influenciada por concepções de origem indígena, de lugares situados “no fundo” ou abaixo da superfície terrestre e provavelmente também por concepções de entidades de origem africana, como os orixás, seres que não se confundem com os espíritos dos mortos (MAUÉS, 2005, p. 262).

Muitas comunidades amazônicas apresentam suas crenças nos encantados, mas cada comunidade expõe sua variação. Algumas apresentam as entidades

relatadas por Maués, acreditando em seres humanos que se encantam, outras creem nos orixás, nos pajés e outras apresentam variedades de encantados dos quais alguns não sabem explicar como surgiram, como no caso da comunidade Ramal dos Guedes, que apresenta algumas variedades de encantados que não são pessoas que se encantaram, nem pajés e nem orixás. Tentaremos categorizá-los a partir das suas formas de manifestações. De acordo com Maués (2005), os encantados podem emergir da mata e do fundo; na região do salgado os encantados da mata são apenas dois: a *Anhanga* e a *Curupira*:

> Trata-se, neste caso, de seres perigosos, que podem provocar mau-olhado nas pessoas, ou "mundiá-las", isto é, faze-las perder-se na mata. Isso acontece com os caçadores que comentem "abusos", sobretudo os que têm o costume de caçar persistentemente um só tipo de caça (MAUÉS, 2005, p. 265).

Na comunidade Ramal dos Guedes, os encantados da mata que podemos classificar são: o *Bode da Ladeira*, as *assombrações*, o *Curupira* e o *Pretinho do Miritizeiro.* De acordo com os relatos dos moradores, o primeiro não é perigoso, enquanto que as *assombrações* - que apareciam de diversas maneiras, como animais pequenos, sombras, fogo e olhos brilhantes – ou causam apenas medo ou lançam mau-olhado nas pessoas. Já o *Curupira* e o *Pretinho do Miritizeiro* são seres mais perigosos; o *Curupira* engana as pessoas dentro da mata, fazendo com que elas não encontrem o caminho de volta para casa. O *Pretinho* causava mau-olhado nas crianças e também nos adultos se estes mexessem com ele. Vejamos os relatos do senhor Zé Orlando (2019), que falam sobre o *Pretinho do Miritizeiro*:

> Mamãe contava que deixava roupa lá e sumia as roupas tudinho. Só lembro que quando mexiam com ele lá, com o miritizeiro que ele ficava. dava dor no dente, dor na cabeça. Jogava pedrada nele, aí dava dor no dente e dor na cabeça...
>
> Eu lembro que Maria jogou uma pedra nele umas seis horas da tarde, ficou quase doida de dor no dente e dor na cabeça, se não fosse pra curador, num tinha ficado boa....
>
> Tio Quiquinho só que disse que ia derrubar ele e aí à noite todinha não dormiu que ele não deixou ele dormir.

Caracterizando os outros encantados que aparecem na comunidade Ramal dos Guedes, temos os encantados do fundo. Segundo Maués:

> Os encantados são normalmente "invisíveis" aos olhos dos simples mortais, mas podem manifestar-se de formas diversas. A partir dessas formas

> distintas de manifestação, eles são pensados em três contextos, recebendo, por isso, denominações diferentes. São chamados de bichos do fundo quando se manifestam nos rios e igarapés, sob forma de cobras, peixes, botos e jacarés. Nessa condição eles são pensados como perigosos, podem provocar mau olhado ou flechada de bicho nas pessoas comuns (MAUÉS, 2005, p. 265).

Os encantados do fundo na comunidade que estamos analisando vivem nos igarapés e são invisíveis, mas como descreveu Maués, eles podem manifestar-se de várias formas. Esses encantados são os que assombram as crianças pequenas que são levadas aos igarapés da comunidade sem terem sido batizadas. Ninguém da comunidade nunca os viu, mas as crianças já sentiram os maus que eles causam. Como exemplo temos o relato do João citado acima, que por não acreditar e também não ouvir o conselho dos mais velhos, levou o seu filho ao igarapé e ele sofreu as penalidades causadas pelo mau-olhado desses encantados. Por isso, os pais da comunidade têm todo cuidado quando levam as crianças menores de um ano ao igarapé.

Outro encantado classificado como do fundo é a *cobra* ou *lagarto* encantado. Existe na comunidade um relato de uma mulher que estava grávida e morava com sua família na beira do igarapé, quando ela sentiu as dores do parto não deu tempo de levarem-na ao hospital da cidade, então as parteiras da comunidade foram chamadas para realizar o parto. No momento do parto, antes do bebê nascer, saiu de dentro da mulher um lagarto, esse lagarto caiu no chão e saiu rastejando, e ninguém o viu mais, dizem que ele foi para o igarapé e se encantou. Hoje em dia, quando as pessoas da comunidade contam essa história, chamam-na de *Cobra encantada*.

Existe outra crença muito forte na comunidade em outro ser que podemos dizer que não se caracteriza como encantado, pois segundo os moradores esse ser pode ser um homem ou mulher que carrega consigo um fado, é a *Matinta Perera*. O escritor Maués também escreve sobre essa entidade:

> Uma outra crença muito forte na região do salgado, que parece ser bastante disseminada, pelo menos em parte, em outras regiões da Amazônia, é a que diz respeito aos chamados “fadistas”, isto é, pessoas que têm o fado (destino ou sina) de se transformar em animais. Esses fadistas são a matintaperera e o “labisônio” (lobisomem), conforme sejam mulheres ou homens. A matintaperera pode transforma-se, á noite, em vários animais, como porcos, morcegos e aves sendo capaz de voar. O lobisomem só se transforma em porco e é menos poderoso e temido (MAUÉS, 2005, p. 267).

Na comunidade Ramal dos Guedes existe apenas uma narrativa sobre o lobisomem, um homem que carregava esse fado de se transformar em porco e aparecia à noite em algumas casas na comunidade. A *Matinta Perera* é a mais falada e comentada na comunidade, até os dias atuais ainda existe na comunidade pessoas que carregam essa sina e à noite ouvimos o seu assobio. Uns dizem saber de quem se trata, outros especulam quem possa ser, mas a identidade da *Matinta* ainda não foi confirmada. Esse ser pode ser considerado tanto terrestre quanto aéreo, pelo poder que tem de se transformar em vários animais, inclusive em pássaros.

Feito essas considerações e categorizações dos encantados, dos seres que aparecem nas narrativas da comunidade Ramal dos Guedes, iremos apresentar e analisar as histórias. Foram colhidas 31 narrativas, sete da *Matinta Perera*, cinco do Curupira, nove de *assombrações* e dez de outros personagens, apenas algumas dessas histórias serão analisadas outras ficarão em anexos.

5.3. O fiiit, fiit, fiuit: Encantado ou gente?

> "Moço, pegue este graveto e espalhe um pouco mais as brasas para que o calor se espalhe e possamos continuar nosso papo. Ainda temos tempo!" (Robson Santos)

A narrativa da *Matinta Perera* já vem sendo estudada e descrita há muitos anos por muitos pesquisadores e escritores, como Fernando Alves da Silva, que em sua pesquisa encontrou um manuscrito sobre esse mito em uma publicação de 1877. Esse manuscrito encontra-se no texto "Estudo Sobre a Tribo Mundurucu", do padre Antônio Manuel Gonçalves Tocantins, que foi publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geografia Brasileira*. De acordo com o pesquisador:

> Nesse caso, a matintaperera (o matin tapirera) seria a encarnação do espirito de um índio que, após sua morte, transformava-se num pássaro para regressar a terra dos parentes [...] É desse modo que o padre Tocantins apresenta a matintaperera como uma ave noturna, entre outras, que emitia um canto assimétrico e que repetia insistentemente seu nome: "Matin tapirera" (SILVA, 2014, p. 21).

As *Matintas* das comunidades amazônicas paraenses apresentam suas variações nas diversas pesquisas realizadas ao longo dos anos. A pesquisadora Fares (2015), relata que a *Matinta Perera* é a personagem das matas, dos ares e

dos rios amazônicos, o período que ela transita é à noite. “A descrição da matinta é confusa e colocada a outros mitos, se considerado o paradigma recorrente nas falas de hoje” (FARES, 2015, p. 183).

Nas narrativas analisadas por essa autora, a personagem *Matinta Perera* da cidade de Bragança pode ser uma pessoa, jovem ou idosa, homem ou mulher branca ou negra, mas a maior recorrência é de mulheres. Essas pessoas se metamorfoseiam em pássaro, carregam consigo o fardo de serem *Matinta Perera* e saem à noite para assoviar e tirar o sossego das pessoas. Segundo Junior (2014, p. 42), “a pessoa se metamorfoseia em matintaperera por conta de uma punição, que implica na quebra de um interdito (o incesto, por exemplo); ou corresponde a um destino que se carrega desde o nascimento, a exemplo dos Bernandantis que nascem empelicados. ”

Na comunidade Ramal dos Guedes, como já relatamos nos capítulos anteriores, de acordo com os moradores, a *Matinta Perera* não é um encantado, é uma pessoa, cujo destino é de assoviar: É o *Matin* que passa em cima das casas e amedronta os moradores. Essa pessoa convive normalmente na comunidade e pode ser um homem ou uma mulher, velho ou jovem. Durante o dia são pessoas normais, mas à noite elas se transformam em outros seres, principalmente em animais como gatos, pássaros e outros. Segundo os moradores, ela consegue transitar pela mata, nos quintais e dentro das casas das pessoas sem nenhuma dificuldade, pois elas também podem ficar invisíveis:

> A narrativa da matintaperera corresponde a uma crendice amazônica que denota um modo de ser na comunidade, uma maneira de se relacionar com o outro, no sentido de que os moradores não são apenas informantes, mas narradores que organizam suas vidas coletivamente e que os elementos fantásticos do mundo mítico fazem parte das atividades que eles desenvolvem (JUNIOR, 2014, p. 16).

De acordo com os moradores da comunidade, nessa localidade predominam três tipos de *Matins*. Vejamos mais sobre eles nos relatos do seu Heitor e da dona Maria Luiza:

> Olha... o Matim, porque é uma coisa que eu tenho muito medo, muuuito...[...] e eu sempre que começa a assobiá, eu... disque que ele vê a gente pela unha, ... isso eu sou meia, não sei... eu escondia minha unha... O Matim é uma gente.... é... é gente... uma pessoa que se transforma (Dona Maria Luiza).
>
> Tem o Matim de espírito... ele... ele... ele mete muito medo pra pessoa

> porque ele é invisível... é o espírito da pessoa que sai.... o corpo fica e o espírito vai. Tem o Matim Saracura que... que canta trecor, trecor, trecor, mas que não dobra, e... tem o Matim mermo, que é comum mermo. Ser humano mermo que vai pro fardo... o fardo de assobia matim. E tem o Matim e a Matinta, o homem e a mulher. O Matim Saracura também é o espírito do ser humano (Seu Heitor Guedes).

Temos nos dois relatos a confirmação que a *Matinta Perera,* nessa comunidade, é um homem ou uma mulher que se transforma e tem o ofício de "assoviar matim". No último relato, além do narrador confirmar que a *Matinta Perera* é um ser humano, especifica os tipos de *Matim* que existe nessa localidade: O *Matin* de espírito, que é a pessoa que não sabe que carrega consigo esse fado; o *Matin* Saracura, que é a transformação do homem ou mulher nesse pássaro chamado de saracura, nesse caso o espirito da pessoa também sai; e a última descrição que ele apresenta é o *Matin* comum, homem ou mulher, ser humano normal como ele faz questão de confirmar, nesse caso a pessoa sabe do seu fado.

A noite é a ocasião em que mais se ouve os assovios da *Matinta Perera* na comunidade e também é o momento em que elas ou eles aparecem para amedrontar algumas pessoas. No inverno amazônico é o período que mais se ouve os seus assovios, no verão amazônico raramente elas aparecem. Perguntamos aos moradores o porquê desse acontecimento com mais frequência nesse período, porém, eles não souberam nos explicar:

> O dia esconde os últimos raios de sol, a noite adentra, os corpos estão em queda nas camas ou nas redes, um rasgo sonoro rompe a calma noturna: fit, fite, fiuite.... É a matinta perera. O assobio não cala: fit, fite, fiuite Os que se amam ou os que descansam são desassossegados (FARES, 2015, p. 211).

O *Matin* ou a *Matinta*, como é chamado na comunidade, ainda causa medo em algumas pessoas, ninguém ousa insultá-la, nem mesmo sob a luz elétrica. Mas nas narrativas colhidas, vemos curiosidades: alguns moradores sofreram penalidades mesmo não mexendo com ela, outros por não acreditarem na sua existência, mas no meio dessas narrativas apresentaremos uma no qual o *Matin* serviu de companhia e guia para um morador. Vejamos a narrativa abaixo de Sinei Azevedo, um narrador mais jovem**:**

> Eu tava em casa, eu tava dormindo, eu não sei se eu tava dormindo ou se eu não tava... eu sei que quando eu percebi assim, me prendeu assim na minha rede e eu fazia força parece que queria bater assim o indivíduo, mas,

> mas via o vulto, mas não conseguia me mover, aí me dele um beliscão assim na minha barriga, mas sabe que passou muitos dias, não foi, não parou de doer de noite não, aí quando foi eu vi que tava doído mesmo, comecei rezar o Creio em Deus Pai e ele me soltou, quando ele me soltou assobiou fora.

Nessa narrativa podemos perceber que o *Matim* maltratou o narrador sem ele ter feito nada para esse ser, estava dormindo dentro de sua casa, na rede, quando sentiu a presença dele e não conseguia se mover, e nem o enxergar, viu apenas o seu vulto. Sofreu a penalidade: além de ficar paralisado, recebeu um beliscão que doeu por muitas horas e só conseguiu ser liberto depois que realizou a oração católica do Creio. Pelo assovio do lado de fora, podemos deduzir que foi uma confirmação desse ser, que realmente era ele quem estava maltratando o narrador, o motivo ninguém sabe. A segunda história é narrada pelo Claudecir, narrador com idade abaixo de 50 anos que também sofreu corretivo do *Matin*:

> Eu não acreditava que existia Matim de verdade né? Pra mim não existia Matim, eu não acreditava, aí de repente a gente tava nesse, nessa contenda, alguém dizia:
> - Não, existe.
> Eu dizia:
> - Não existe.
> Nós tava na casa de farinha, a gente tava trabalhando, aí eu dizia que não existia Matim, que não mexia comigo. Mas todos eles diziam que existe. E quando foi à noite, eu tava naquela madorma e eu percebi que algo vinha chegando assim perto de mim, assim que eu tentei me mover, assim fazer alguma coisa, mexer as pernas, braços eu não conseguia fazer mais nada. Eu fiquei paralisado aí eu só fiz me acomodar assim rapidinho e comecei rezar, eu rezava o Creio só no meu pensamento e eu acho que foi uma base de um minuto, se deu um minuto, aquilo me soltou e eu pulei pra fora, que eu fiquei muito irritado, chamava uns palavrões...
>
> E o matim assobiava e a Wilma se espantou e perguntou o que era, o que era, e eu dizia que era o Matim que tava me mexendo, o Matim assobiava e eu no terreiro rodando assim e chamando nome (palavrões). Vem, vem, homem pra homem, eu dizia assim (risos), covarde, chamava de covarde, vem homem pra homem e aí aquilo parou. Eu fui pra casa não quis mais dormir sozinho nem (risos).

Essa narrativa pessoal é muito interessante e podemos compará-la com o conto “A feiticeira”, do escritor Inglês de Souza. Nesse conto, o personagem tenente Antônio de Sousa também não acredita em feiticeira e no final sofreu as penalidades realizadas por uma. Nessa narrativa, o Claudecir estava discutindo com os outros moradores da comunidade que esse ser não existia e que não mexia com ele, e os moradores diziam a ele que existia sim. É como se no meio daquela discussão, na casa de farinha, a pessoa que carrega o fado de “assoviar matin” estivesse ouvindo,

pois ao anoitecer, quando o narrador deitou em sua rede na sala de sua casa, sentiu a presença do ser.

O narrador, após se libertar, ouviu também os assovios do *Matin* e saiu para o quintal de sua casa atrás do encantado. Com raiva, desafiava-o para este ser aparecer como humano para que os dois pudessem disputar homem para homem, sem os poderes que ele carrega ao se transformar em *Matin*, porém ele continuou invisível e não apareceu na forma humana para a disputa proposta pelo narrador.

O terceiro relato sobre o *Matin* que iremos apresentar é de um morador mais velho da comunidade, seu Abelardo Guedes. Ele relata que sua memória já está “meio falha”, por isso não se lembra de muitos acontecimentos da comunidade, mesmo assim perguntamos, “O *Matin* já mexeu com o senhor? ”:

> Já... quando eu morava pra colá, lá onde Deodoro tem uma roça agora, eu morava lá e ele entrou de noite me mexeu na rede, puxou minha rede assim três vezes assim, aí eu fiquei sem poder falar depois.. depois eu recordei assim, veio o normal, levantei, ainda dei um tiro no meio do caminho, aí ele apitou de novo abusando. Já me mexeu uma vez. Também foi a única vez. Porque, porque agora graças a Deus eu, eu tenho minhas orações que faço a boca da noite, faço de manhã, faço a boca da noite, só durmo depois que faço oração pra mim dormir. Aí graças a Deus não me mexeu mais.

Nesse relato, o *Matin* também mexeu com o narrador sem ele ter feito nada, estava dormindo na sua casa quando sentiu o balançado na sua rede, o narrador ficou paralisado sem poder de mexer. Também ficou com raiva do *Matin* e saiu para o quintal para tentar atirá-lo, porém como ele se apresentou de forma invisível não conseguiu acertar o tiro. E depois desse tiro, os *Matins* do vilarejo nunca mais mexeram com o narrador, pois ele faz suas orações e acredita que elas têm o poder de afastá-los.

Essas três narrativas apresentam algo em comum, os três narradores ficaram paralisados, sem poder se mover e nem falar, ficaram presos pelo encantamento do *Matin*. Também não conseguiram enxergar esse ser, ele se apresentou de forma invisível e entrou na casa dos moradores com muita facilidade, mesmo as portas estando fechadas; outro aspecto comum que podemos encontrar nas duas primeiras narrativas é que os dois narradores foram libertos após rezarem o Creio, oração apresentada pelo catolicismo; o terceiro relata que faz as suas orações todas as noites e todos os dias, por isso acredita que a elas afastam os *Matins*. Então, podemos concluir que nessa comunidade esse ser não resiste aos poderes da oração por algum motivo. A quarta narrativa da *Matinta Perera* é narrada

pelo seu Bené, um dos moradores mais velhos da comunidade:

> Aaah!... Uma vez rapá, eu vinha vindo de uma festa daqui do... do.. daí onde é Sagrada Família agora, né? Eu fui pra lá com o tio Quiquinho assistir jogo, tio Quiquinho chegou lá, um aparelho muito bom né? Ele não quis vim, eu peguei, pelejei com ele, ele não quis vim, eu vim embora só, andando. Rapaaz, quando eu cheguei ali no Benezão eu entrei e o Matim começou a assobiar, Matim começou a assobiar e eu dizia assim:
> - Me acompanha.
> Olha, tinha ocasião que chega esquentava na minha costa, aí eu dizia:
> - Bora, bora que eu tô é só.
> Convidando o Matim, e ele assobiava. Tinha ocasião que ele assobiava na frente, outra atrás e viemos, quando nós cheguemo naquele garapezinho que atravessa o terreno de vocês, num pau assim do outro lado do garapé e lá eu vinha de sandália, e lá.. saiu minha sandália né? Eu comecei a procurar e não achava, escuro pra caramba, escuro menina, aí eu disse assim: eu falei assim, disse assim pro *Matin*:
> - Olha, eu quero minha sandália.Aí ele:
> - fiiit...
> - Eu, eu quero minha sandália.
> Pequena, parece assim, eu acho que foi ele que ajuntou e quando eu dei fé, meteu no meu pé. Aí bora, bora, ele assobiando, quando eu cheguei, morava numa casinha lá, aí tio Codó disse:
> - Vichi Lulu, escuta, Bené conversando com Matim rapá! (risos) Rapá eu ia, quando cheguei em casa ele: fiiti. Eu disse:
> - Olha, agora tu pode ir embora que eu já cheguei na minha casa, tô em casa já.
> Aí ele tornou assobiar e foi embora**.**

Diferentemente das outras narrativas nas quais os moradores sofreram penalidade do *Matim*, nesta última ele serviu de companhia para o narrador após retornar de uma festa, ao ouvir o assovio do *Matin*, convidou-o para acompanhá-lo. O narrador não viu a entidade, o *Matim* estava invisível novamente, mas ele sentia sua presença, quando ouvia seus assovios na frente e atrás dele, também sentiu o calor do *Matin*: “Olha, tinha ocasião que chega esquentava na minha costa”. O narrador reforçava que queria a companhia dele, “bora, bora que eu tô eu só”. Pois, o caminho que ele estava trafegando era escuro.

Nessas narrativas apresentadas, percebemos que essa entidade na comunidade Ramal dos Guedes pode maltratar as pessoas em algumas ocasiões, mas em outras, ela pode ser uma grande companhia. Em todas as narrativas ela apareceu de maneira invisível, “a personagem mítica é multifacetada e segue num crescente que caminha da invisibilidade à materialidade” (FARES, 2015, p. 159).

Todavia, existem algumas maneiras de conhecer a *Matinta Perera*. Em algumas regiões da Amazônia paraense, quando as pessoas querem conhecê-la ou sessar os assobios, eles oferecem a ela uma dádiva, que varia de acordo com cada

região. Em Bragança, “os elementos mágicos capazes de calar o canto das matintas são o tabaco ou o café e os antídotos para abstruir a chegada vão de objetos produzidos pela cultura a vegetais plantados pelo homem” (FARES, 2015, p. 160). E dessa forma, “a primeira pessoa que o pedir, naquela residência na manhã seguinte, certamente será a tal matintaperera da véspera” (JUNIOR, 2014, p. 33).

Na comunidade Ramal dos Guedes, os moradores falam sobre essas questões. Dizem que quando alguém ouve o assobio da *Matinta* e quiser conhecê-la na forma humana, deverá convidá-la para tomar café ao amanhecer. Outro fato interessante relatado pelos moradores da comunidade em análise é que quando chega a hora da *Matinta Perera* morrer (ou da pessoa que carrega o fado de assobiar matin), ela deverá entregá-lo para outra pessoa, pois só conseguirá morrer em paz depois que realizar esse ofício. E como ocorre essa transferência na comunidade? A pessoa que carrega o fado, antes de morrer, pede para segurar a mão de outra pessoa e assim ela entrega o seu fado, mesmo sem a pessoa saber, e morre. Acredita-se que ela profere palavras ou pensamentos fortes durante isso.

As *Matintas* e os *Matins* convivem até os dias atuais na comunidade Ramal dos Guedes, quando chega o inverno amazônico ouvimos os relatos dos moradores “vocês ouviram o assobio do *Matin* essa noite? ”, “Credo, assobiou muito essa noite”. No mês de novembro do ano (2019), durante um período chuvoso, no qual os moradores consideraram o início do inverno amazônico, viu-se muitos moradores falando: “O matin essa noite estava doido”, “vocês ouviram os assobios? Eu conferi onze assobios, ouvi o primeiro, fiit, e depois outro fiiit e assim eu conferi, onze, fiquei com medo e comecei a rezar”.

Algumas noites durante a escrita deste texto, na casa dos meus pais na comunidade Ramal dos Guedes, quando todos os membros da casa já haviam dormido, e somente eu estava acordada, com a televisão desligada, o silêncio noturno do interior tomou conta da casa. O único som que se ouvia era o do teclado do computador, quando de repente... ouvi um fiiit. Parei de escrever por uns instantes e fiquei assustada, pois a magia das narrativas dos encantados ainda vive em mim, e logo pensei é o *Matin*. Depois continuei a escrita mesmo sentindo um calafrio no corpo, quando de repente... outro fiiit... bem baixinho. Nesse momento, lembrei-me dos relatos dos moradores: “quando a gente ouve o assobio bem baixinho é porque o *Matin* está perto”. Foi aí que o medo cresceu, lembrei-me das histórias que já havia colhido sobre os *Matins* da comunidade e não queria ser

penalizada por eles, de imediato desliguei o computador e fui dormir.

Eles ainda vivem no Ramal dos Guedes, ainda protegem a natureza e se fazem ser sentidos, por isso temos respeito por esse ser encantado. De acordo com as narrativas colhidas e analisadas, podemos dizer que na comunidade existem as *Matintas* ou os *Matins,* invisíveis e as visíveis; visíveis são quando se transformam em pássaros, gatos e outros animais; invisíveis são quando apenas se fazem serem sentidos. O espaço que eles circulam é o aéreo e o terrestre. Em cada região, a narrativa da *Matinta Perera* tem as suas especificidades:

> A matinta pode ser essa identidade saída da alma do poeta-caboclo; pode ser o efeito dos resíduos dos espíritos indígenas habitantes do entre-lugar dos vivos e dos mortos, das aves agourentas ou dos pássaros adivinhos portugueses, das bruxas medievais e das entidades vampirescas; pode conter partes da negritude do saci, da gargalhada do curupira [...] Todas essas qualidades fazem dela, uma personalidade múltipla: latino-americano – brasileira- amazônica, com tons de pele e traços físicos diversos, seja em Bragança, no Pará, seja em Sena Madureira, no Acre (FARES, 2015, p. 219)

5.3.1. A Religiosidade e a Alteração dos Discursos

Segundo o autor Thales Azevedo (2002), o Brasil tem sido descrito como a maior nação católica dos nossos tempos, “pelo fato dos seus 52 milões de habitantes constituirem atualmente o mais numeroso grupo nacional católico” (AZEVEDO, 2002, 31). E foi essa religião que foi introduzida na comunidade Ramal dos Guedes, pois ela é uma comunidade inteiramente católica, religião trazida para o Brasil pelos colonizadores, essa religião e seus preceitosforam introduzidos na comunidade, segundo seu Heitor, há 35 ou 40 anos, quando os missionários da cidade de Bragança, chamados de supervisor e coordenador, frequentavam a comunidade para ensinar o povo sobre os preceitos da igreja católica, nessa comunidade é cultuado o santo São João o qual se comemora no mês de junho:

> O catolicismo brasileiro herdou da cultura portuguesa certa brandura, tolerância e maleabilidade que a exaltada, turbulenta e dura religiosidade espanhola conheceu. De um modo geral e sem descer a detalhes e exceções, a vida religiosa dos católicos brasileiros reduz-se ao culto dos santos, padroeiras das cidades ou freguesias, ou protetores das suas lavouras, de suas profissões ou de suas pessoas (THALES, 2002, p. 36).

Com a chegada do catolicismo na comunidade, a cultura e os discursos foram alterados. Depois dessa religião, as pessoas da comunidade tiveram que

mudar alguns comportamentos sociais para seguir o que a igreja pedia, uma mudança radical aconteceu na festa junina da comunidade, o arraial de São João realizado durante dois dias com bebidas e festa dançante acabou, o que prevaleceu foi apenas a missa:

> A missa do padroeiro e depois já virava o Tedeu, festa profana. Uma parte melhorou por causa da religião, eu acho que melhorou porque foi tirado a festa, que não podia, a gente vivia aquilo que a comunidade pregava (Seu Heitor Guedes).

Para o seu Heitor essa mudança que ocorreu foi significativa, pois de acordo com os ensinamentos da igreja, a maneira como eles festejavam era errado e eles deveriam ou devem seguir os ensinamentos cristãos. O que podemos analisar nos discursos dos narradores da comunidade Ramal dos Guedes é uma presença muito forte da fé cristã. Segundo os narradores, as orações realizadas por eles também é um dos fatores que contribuiu para o afastamento e desaparecimento de alguns encantados:

> Eu acho que acabou porque os matos foram, foram se acabando e mesmo começou a existir o negócio de muita oração, aí as coisas foram se afastando, é (Seu Abelardo).

Assim como seu Abelardo destaca que as orações são importantes nos dias atuais para afastar os encantados, outros moradores também se utilizam delas para afastar esses seres. Quando perguntei para o seu Raimundo porque na atualidade não se vê mais tantas *assombrações* igual eles viam no passado, ele respondeu:

> Cê sabe por quê? É porque hoje existe mais orações, né? Naquela época ninguém rezava por morto, só o terço, durante sete dias e hoje tem as comunidades que reza muito pelo morto, eu sou um daqueles que reza muito pelos morto. Foi por causa das orações que esses bichos foram se afastando (Seu Raimundo Guedes).

A fé nas orações do catolicismo prevalece mais forte para afastar os encantados do que, por exemplo, a rodinha de cipó feita para entreter o *Curupira*. Elas são usadas como arma principal para afastar o mau-olhado e os encantados, que aparecem para tirar o sossego dos moradores. As orações do catolicismo que mais aparecem nos discursos são, O Credo (Creio):

> [...] eu só fiz me acomodar assim rapidinho assim e comecei rezar, eu rezava o creio só no meu pensamento e eu acho que foi uma base de um minuto, se deu um minuto, aquilo me soltou e eu pulei (Claudeci).

> [...] aí quando foi eu vi que tava doído mesmo, comecei rezar o Creio em Deus Pai e ele me soltou. (Sinei).

E o Pai Nosso:

> [...] quando nós voltava nós tava no mermo lugar né? Aí nós comecemo rezar né? Pedi porque o que a gente sabia de primeiro não é assim parece agora que tá avançado, aí nós rezava o pai nosso né? Pa livrar nós daquilo que só podia ser curupira (Dona Maria Luiza).

O credo aparece nas narrativas da *Matinta Pereira*, quando os narradores sentiram sua parecença e não conseguiam se mover, rezavam a oração e assim sentiam-se libertos da *Matinta*. O Pai Nosso, aparece nas narrativas do *Curupira*, também realizado para afastá-lo e deste modo encontrarem o caminho de volta para casa.

Os discursos e a fé dos moradores também mudaram em relação aos benzedores que fazem orações nas crianças para espantar o mau-olhado ocasionado pelos encantados do igarapé, para alguns não precisa procurar mais os benzedores, pois com as orações do catolicismo as crianças podem ser libertas em casa. João, depois levar seu filho ao benzedor comentou o fato com um dos moradores da comunidade:

> É um fato interessante assim que é depois que a gente voltou de lá eu comentei com o Curica sobre isso né? Aí o Curica disse, não, eu não acredito nisso, isso é.. a, a gente mesmo pode rezar e tudo mais (João).

João levou seu filho em dois benzedores e percebeu que a criança ainda não estava bem, lembrou-se do discurso do seu primo Curica e falou a sua esposa:

> Rosi, pra gente não passar mais uma noite sem dormir direito, então que tal a gente mesmo fazer umas orações com ele? Aí a gente deu as mãos na cama ao redor dele e começamos a rezar, rezamos o Creio em Deus Pai, colocando as mãos, intercedendo, fazendo intercessão sobre ele, rezamos o Pai nosso, Ave Maria e tá, tá... se pegamos com Deus, e eu tenho certeza absoluta que isso ajudou muito que a partir daí, ele teve uma noite maravilhosa, já acordou sorrindo no outro dia, pronto.

Antes da chegada da religião católica na comunidade, os moradores procuravam com frequência os benzedores, chamados por eles de “curadores”, a fé deles era mais forte nas orações e nos banhos indicados pelos benzedores. Também acreditavam que o *Curupira* poderia deixá-los encontrar o caminho de volta

para casa após se entreter com a rodinha de cipó ou com o cigarro deixado para ela, porém, a religiosidade alterou esses discursos. Nos dias atuais, as orações do catolicismo são usadas para abençoar e proteger as pessoas da comunidade dos encantados e dos males que eles podem ocasionar.

A religião alterou as práticas culturais da comunidade, pois muitos moradores deixaram de consultar os benzedores e também de acreditar nas suas rezas, além disso, outras práticas culturais que praticavam, como o festival junino, as "armas" usadas para entreter o curupira, foram alteradas e as pessoas passaram a acreditar apenas nas orações do catolicismo.

5.4. Dentro da Mata: Cadê o caminho de volta para casa?

> "Olhem aquela brasa vermelha... a cor dela me lembra que a imagem também faz parte das histórias. Olhem sua cor, sintam o calor da cor e imaginem como seria nosso mundo sem imagens".
> (Robson Santos)

A caminho da mata, o narrador-personagem segue à procura de alimentos para contribuir com o sustento de sua família, porque o homem amazônico que reside na zona rural caça, pesca, tira açaí, colhe os alimentos que a natureza amazônica lhe oferece. Nessa caminhada dentro das matas, no meio do rio ou igarapé, ele fica atento aos sinais da *Mãe-natureza*. Como relatou a dona Maria Luiza, "tudo tem mãe". Eles sabem que não devem desobedecer às regras naturais, pois na mata reside um tapuio, um ser que fica atento de olhos bem abertos nos humanos que adentram a floresta, e ai de quem descumprir as regras da mata. Mas quem é esse ser? É o *Curupira*, o encantado da mata, ele:

> É sempre uma personagem da terra firme, mora nas matas e tem a função de protege-las. Em algumas ocasiões, relaciona-se com a água, mas a de um córrego da floresta, de um igarapé ou de algum braço de rio que a margeie. Como protetor das matas, persegue os caçadores que usam a caça de forma predatória e prega-lhes peças, faz com que se percam, e/ou assusta-os com uma risada, que soa em vários contos ao mesmo tempo (FARES, 2015, p. 93).

Alguns moradores da comunidade Ramal dos Guedes, ao trafegarem pela mata, caçando, pescando ou tirando açaí, perderam o caminho de volta para casa, logo perceberam que estavam sendo castigados pelo *Curupira* e precisariam encontrar uma saída para retornar o mais breve possível para suas casas:

> Nós fomo pro capal apanhar açaí, nesse tempo a gente ia com o panero na costa se atolava, aí nós se perdemo, aí o, o, o papai sempre dizia assim:
> - Minha filha quando a gente ver que a gente ta perdido no mato, a gente senta e faz aquela rodinha de cipó né?
> Que a curupira disque não tem, o pé dela é virado pra trás, se ela vai pra cá, mas a, o... carcanha dela é diferente do nosso, aí a gente fazia.
> Nós se perdemo e comecemo a procurar, ia até um bucado voltava e dizia:
> - Mas eu passei aqui!
> Até no garapezinho que tinha praí pro rumo do Rossi, aí a gente vinha, o garapé corria pra cá, nós invés de ir pra cá nos ia varrar no caminho, nós voltava, aí voltava pra cá que quando nós voltava nós tava no mermo lugar né? Aí nós comecemo rezar né? Pedi porque o que a gente sabia de primeiro não é assim parece agora que tá avançado, aí nós rezava o pai nosso né? Pa livrar nós daquilo que só podia ser curupira, aí nós, graças a Deus que nós varamo, se livramo da curupira. Disque era a curupira que Curica diz que não acredita. Mas eu acho que tinha minha filha, porque a gente não ia se perder, nós acostumado de andar nesse capal, como é que nós ia se perder né? (Dona Maria Luiza).

Nessa narrativa, dona Maria Luiza com seus companheiros, para encontrar o caminho de volta para casa fizeram a rodinha de cipó para entreter o *Curupira* e também rezaram o “Pai Nosso”. Nessa narrativa, ela também apresenta uma característica desse personagem nessa comunidade: ele tem os pés virados para trás. O *Curupira* é o protetor da floresta, ele castiga as pessoas, caso elas ultrapassem os limites da floresta, talvez foi por esse motivo que dona Maria Luiza e seus companheiros foram castigados por ele. Segundo Cascudo:

> O Curupira é a mãe do mato, o gênio tutelar da floresta que se torna benéfico ou maléfico para os frequentadores desta, segundo circunstâncias e o comportamento dos próprios frequentadores. Figuram-no como um menino de cabelos vermelhos, muito peludo por todo o corpo e com a particularidade de ter os pés virados para trás e ser privado dê órgãos sexuais. A mata, e quantos nela habitam, está debaixo da sua vigilância. É por via disso que antes das grandes trovoadas se ouve bater nos troncos das árvores e raízes das samaumeiras para certificar-se que podem resistir ao furacão e prevenir os moradores [...] (CASCUDO, 2006, p. 122).

Esse gênio tutelar da floresta age de acordo com os comportamentos dos humanos que adentram a selva, se estes ultrapassarem os limites permitidos serão castigados, mas se obedeceram às regras não serão penalizados por ele. Outra narrativa que apresenta a personagem *Curupira* na comunidade Ramal dos Guedes, aconteceu com seu Heitor, quando era caçador, e seu companheiro Zé Orlando:

> Uma vez uma curupira também fez eu de besta foi muito aí no mato. Nós fomo é... andar no garapé eu e Zé Orlando, mata peixe, o garapé lá nós matemo logo duas trairona lá né? Aí eu disse:
> - Nós vamo logo subi de garapé a cima...
> Aí na certa que nós se perdemo, andemo muito no gapal, se perdemo espingarda já era bastão, zé orlando fez bastão da espingarda, da certa que

> quando nós varemo num lugar eu conheci, mas isso nós já tinha andado muito, eu conheci, aí disse:
> - Aqui eu tô conhecendo, aqui é uma picada que vai pro Santo Inácio.
> Aí nisso que nós tava lá aí disse, que eu fumava né? Enrolei um cigarro né, aí comecei foi peguei a lanterna assim alumiei tinha um inambu, inambu foro, foro né? Eu fui atirar a espingarda não prestou, aí eu troquei o cartuxo atirei e matei [...] (Seu Heitor Guedes).

O *Curupira* estava de olhos atentos nesses caçadores e como disse seu Heitor, fez eles de besta, já que para este ser já estava na hora dos caçadores retornarem para casa, já tinham caça o suficiente para esse dia. Então, ao fazer eles se perderem, deu o sinal que estava na hora de parar a caçada e retornarem para suas casas, pois:

> Sob a sua guarda direta está à caça, e é sempre propício ao caçador, que se limita a matar conforme as próprias necessidades. Ai de quem mata por gosto, fazendo estragos inúteis, de quem persegue e mata as fêmeas, especialmente quando prenhes, quem estraga os pequenos ainda novos! Para todos estes o CURUPIRA é um inimigo terrível (CASCUDO, 2006, p. 122).

O "guarda da floresta" está atento a todos os sinais de maltrato dos humanos aos seres vivos da floresta e ai daquele que mata sem ter necessidade de consumo. Outro morador da comunidade Ramal dos Guedes que foi castigado pelo *Curupira* foi seu Abelardo com sua mãe:

> Eu acredito porque visagem eu cheguei a ver, curupira eu nunca vi, mas já foi traçado pela curupira que me fez de besta com mamãe no mato, quanto mais a gente andava mais a gente se chegava daquele lugar, sei lá, rodova no mato quando dava fé tava lá de novo. Eu acredito porque aconteceu comigo.
> Aí quando foi pra gente vim embora que nós saímos do lugar atravessemo o garapé que ninguém viu, aí que nós fomo prestar atenção tava na bera ... do, do, do no outro lado do gapal, uma sucupeira maior do mundo lá, aí mamãe marcava rumo pra gente vim, aí vinha quando ia, rodava tava lá de novo, aí ela se lembrou de fazer, fez uma rodinha de cipó assim e deixou pendurada assim, foi que nós conseguimo saí. A noite vinha chegando, que nós viemo embora. O cipó é porque disque o pessoal que dizem que ela disque se interte naquilo, a curupira vem e se interte naquilo, aí se esquece da gente.

A rodinha de cipó feita pela mãe de seu Abelardo foi a solução encontrada para entreter o *Curupira* e assim puderam encontrar o caminho de volta para casa. O *Curupira* é um personagem conhecido do folclore brasileiro, sua história é narrada em várias regiões do nosso país. Assim como as narrativas da *Matinta Perera,* a do *Curupira* se diferencia em diferentes aspectos nas diversas comunidades da

Amazônia paraense, em cada lugar ele é descrito de um jeito. No Ramal dos Guedes, o *Curupira* é uma mulher pequena, que tem os pés voltados para trás, seus cabelos são arrepiados:

> Papai via aí, cansou de ver duas mocinhas assim desse tamanho, saia de lá de cima da prancha, disque vinham, pegavam a estrada... um dia ele foi me amostrar o rasto, via, era meio dia. Ele disse: um bora ali pra ti ver uma coisa, tu diz que é mentira, aí nos fomo e tinha o rasto, só que eles vinha pra cá e ficava o pé como quem tinha ido pra lá, pé parece de criança. Ali aonde era a cacimba, era cabeceira lá (Seu Raimundo Guedes).

Sobre as características desse personagem nas regiões do Brasil, Cascudo escreve: “Em Nogueira e Tefé o Curupira tem cabelos bonitos, umas sobrancelhas no meio da testa e mamas nas axilas [...] Tapuio de quatro palmos em Santarém; calvo ou de cabeça pelada, corpo peludo no Rio Negro; mussiço e sem ânus no Pará” (CASCUDO, 2006, p. 119). Terminaremos este tópico com a “voz e os risos” de Dona Maria Luiza, ela vai narrar para nós a história do *Curupira* que tinha um sonho de um dia ter um ânus:

> Curupira ela não tem bunda, quando vejam assim que estão meio perdidos, eles sujam (fazem cocô) ou então fazem uma rodinha de cipó que ela não sabe, ela pega disque aquela rodinha, fica intertida, intertida, até que a gente acerta por onde vai.
> Sim... aí contavam um caso da curupira que... aí um homem uma vez foi castigado por ela, e ele agarrou, fez um espeto de paxiúba bem polido e disque ele (risos) disque ele afincou na bunda dela. Ela ficou assim como ele afincou (de bunda pra cima). Passou, passou... passou muitos anos, muuuitos anos mesmo, aí disque um dia ele foi e se lembrou, fazia muitos tempos. Porque ela tinha vontade de mais de ter bunda (risos) aí disque passou muitos tempos, chegou lá disque ela tava do mesmo jeito que ele tinha deixado, ela tava de cu pra cima, aí disque ele agarrou, puxou o espeto da bunda dela, disque ela disse:
> - Aaai, eu disse que um dia aparecia o meu cu (RISOS).E aí ele... furou o cu dela.

5.5. No Meio do Caminho, na Estrada e nos Igarapés: Outros encantados

> “O fogo começa a baixar, a chama bruxuleia e as achas de lenha estão ao fim. O sereno da madrugada começa a umedecer as brasas e aqueles que se encontram sentados ao redor do fogo. A luz alta no céu parece dizer a todos que está na hora de cada um se recolher para o calor de suas casas, levando o calor do fogo em seu âmago para poderem, em outros dias, aquecerem suas vidas e a de outros que ouvirem suas histórias. Mas tenham calma, ainda há brasa viva e enquanto houver brasa, ela pode ser soprada e virar novamente fogo”.
> (Robson Santos)

A floresta Amazônia tem os seus mistérios que são vistos e observados

pelos moradores, em especial os que vivem em meio a ela e dela tiram o seu sustento. Na comunidade Ramal dos Guedes, os moradores mais velhos como seu Raimundo, se deparavam com alguns seres que viviam no meio da floresta. “Eu vi várias coisas nesse caminho, porque o passado era muito bom, a natureza tava basicamente inteira quando eu fui jovem aqui” (Seu Raimundo Guedes).

No Ramal dos Guedes existem muitas histórias de *assombrações*, elas apareciam de várias formas: humana, animal como bode, como fogo, como forno, e outras formas. Em uma dessas aparições antigas, dois jovens ficaram com dor de cabeça ao ver uma assombração. Apresentaremos neste tópico apenas algumas, as demais ficarão em anexo. As *assombrações* vagavam pelos caminhos e depois pelas estradas da comunidade, causavam medo e pavor para alguns moradores:

> Um dia nós saindo da cada do papai, toda a boca da noite eu ia conversar pra lá com ele pra lá, papai, mamãe, a Quita morava comigo numa casa acolá, aí já era tarde; um bora, bora, bora, eu saí na frente, tinha uma mangueira na saída da casa do papai e vinha na casa do Ziloca, de lá varava lá de baixo da mangueira, e eu vinha baixando, a Quita ainda ficou lá conversando, eu disse eu já vou e saí pelo escuro, quando eu cheguei antes de varar, lá vem um homem, que quando.. era noite escura, passou num claro eu enxerguei bem quando chegou assim de baixo da mangueira ele vinha perto de varar comigo, eu enxerguei mesmo, dei um grito muito grande, papai disse: ó, ta apanhando de matim pra li, quando acaba era isso. Aí eu voltei correndo pra cá, Quita perguntou o que era, aí eu disse vá no escuro vá. Esse caminho aqui era passageiro, de visagem (Seu Raimundo Guedes)

Os encontros com os encantados eram assustadores para os moradores, percebemos na leitura o momento de tensão do narrador ao ver que o “homem” vinha ao seu encontro: o susto, o grito, o pavor mostra-nos o medo que esse narrador sentiu ao se encontrar com esse ser. O que podemos observar é que essas histórias são contadas com muito entusiasmo pelos narradores, a voz acelerada no momento de tensão, é como se eles revivessem aquele momento, é a memória do narrador reconstruindo o passado no presente. Sabemos que eles reconstroem em suas memórias o passado vivido e com muito saudosismo o conta e encanta seus ouvintes:

> O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Caro-chinha (BOSI, 1994, p. 90).

O entusiasmo toma conta do narrador no memento que ele está narrando a história. Suas mãos, sua voz e suas expressões compõem a cena e são como as notas musicais, dão mais vidas às narrativas. Seu Bené também nos encanta narrando para nós sua experiência com a *assombração*:

> Uma vez eu vi uma visagem aí, aí no caminho que vai pro Cunduru. Eu ia pra casa do papai, eu tinha um costume que toda tarde eu ia lá, eu tinha um cavalo baixeiro pra cassete, aí eu vinha da casa do papai, quando eu cheguei bem passando a casa do Deodoro, era mato grosso assim né? Passando a casa do Deodoro eu enxerguei aquela claridade assim, que eu prestei atenção o caboco tava lá atravessado no meio do caminho, deitado, alumiado todinho aquilo ali, entendeu? Assim parece vela e era visagem, que quando o cavalo deu com aquilo ali, ele voltou pra trás, aí eu vim esperar bem nesse grupo aí.
> Pessoal do Ramal vinham da Santana, aí cheguei, aí disse assim, aí eu vinha, mano Antônio, Ambrósio, Pedro Ferreira, aí disseram:
> - O que é?Eu disse:
> - Rapá eu tô com medo de ir embora daqui.Disseram:
> - O que é?
> - Tem uma visagem ali.
> - Aonde?
> - Ali.
> Eles disseram:
> - Bora lá, bora lá.
> Aí o cavalo, mas menina o cavalo não teve quem fizesse ele ir, porque ele viu né? Aí cheguemo lá não tava mais. Mas olha, eu vou te falar uma coisa, desde esse dia eu podia soltar ele.. aah! Não vinha, ele ficou com medo, com medo da visagem. Isso aí eu vi, eu.

Constatamos que os caminhos abertos em meio a mata eram os lugares ideais para o encontro dos moradores com as *assombrações*. É como se as *assombrações* estivessem passando por ali também, assim como os moradores. E era real, já que seu Bené diz: “Isso aí eu vi, eu”, afirmando que esse fato aconteceu com ele, ninguém lhe contou, foi uma experiência pessoal. Em um desses encontros com as *assombrações*, dois jovens ficaram assombrados, tendo fortes dores de cabeça:

> Nós tava lá esperando o pessoal saí da reza né? Que nesse tempo eles rezavam lá no barracão, aí nós tava na palhaçada lá, os moleque saíram ficou só eu com Leandro lá... conversando lá, aí quando nós olhemo pra cá pro lado da estrada assim a gente enxergamos um... tipo uma luz assim entendeu? Tipo dois, dois olhos assim grandão, aí eu disse:
> - Rapa, Leandro o que é isso rapa?Aí Leandro disse:
> - Rapa, não sei o que é não, mas bora chegar mais perto.
> Aí nós fomo chegamo mais perto assim aí parece que aquilo cresceu entendeu? Aí ficou vermelho, vermelho, vermelho, tipo dois olhos mesmo aí nós saímos doido correndo né? Com medo, aí nossa cabeça começou doer, oh. Começou doer, aí nós fomo falamo pro moleque, os moleque fomo lá, mas não tinha mais nada, já tinha ido embora.
> A gente ficamo com dor de cabeça, muita dor de cabeça oh, foi passar só

> no outro dia. Foi um bicho que nós assombrou, só pode que era de mais feio assim, tipo uma brasa uma no lado da outra (Ivan Gomes).

No momento da narrativa, “a memória arquiva a voz poética e a gestualidade: o verbal e o visual se fundem num movimento de inteireza e completude” (FARES, 2015, p. 48). Os dois jovens ao se deparem com essa luz, descrita pelo narrador como dois olhos, viveram momentos de tensão, pois não sabiam o que estavam vendo, chamaram seus amigos para ver, porém ao voltarem, a *assombração* não se encontrava mais no lugar. Ao voltar para as suas casas os jovens que viram a “luz” passaram a noite com dor de cabeça. Entre essas narrativas da comunidade existe uma muito contada pelos moradores é a narrativa do *Bode da Ladeira*. Esse bode foi visto por vários narradores, não somente na ladeira, mas em outros lugares:

> Uma vez eu vinha da Sagrada, à noite, de bicicleta, aí quando chegou ali naquela ladeira ali perto da ladeira do Cobó eu vinha pedalando em pé na bicicleta assim, aí eu vi chega vinha estralando piçarra assim do outro lado, eu vinha dum lado e ele catcha, tcha, tcha, tcha tchã... aí eu olhei ele ia passando assim, invés de eu pedalar eu pulei da bicicleta e fiquei olhando pra ele e quando chegou lá na estrada, lá na frente assim ele dobrou ficou me olhando de lá, saí empurrando a bicicleta devagarinho (risos), quando eu parei de enxergar ele aí eu foi pedalar. Ele ficou na estrada lá me olhando, atravessou e ficou me olhando eu vim empurrando a bicicleta devagarinho com medo dele... huum, parece que eu não estava pisando no chão (risos). Não era um bode de verdade, era uma visagem, um bodezinho bem encardido assim (Wilson Azevedo, outubro de 2019)

O *Bode* não assombrava os moradores, mas causava medo. Eles sabiam que não era um animal e sim uma *assombração*. Além dessas histórias de *assombrações*, existem na comunidade outros encantados: os encantados do igarapé, estes causam mau-olhado nas crianças que não são batizadas, como já relatamos em outros capítulos, na comunidade existe os que são invisíveis, estes ainda se manifestam nos dias atuais e o outro encantado chamado pelos narradores de *Pretinho do Miritizeiro*, este habitava em um dos igarapés da comunidade, mas como a árvore que ele habitava caiu, ele foi embora procurar outro lugar para morar, segundo os moradores:

> Isso é história do... como diz o coisa, dos pajé né? Que lá no miritizeiro tinha um, um pretinho que quando ele tava de frente.. pa, pa, pa berada né? Num se criava criança nenhuma, quando ele virava de frente pro centro também não se criava criança nenhuma e também a gente quando ia nesse garapé lá batiam muito em cima da prancha, eu acho que era eles sim que batiam lá... tinha vez que a gente tava no retiro lá e ouvia, puá, puá, puá, foi,

> aí o miriteizo caiu, caiu ele foi embora. Isso é história do pajé que quando vinham rezar em criança eles diziam falavo sobre é, é, e esse, esse pretinho que morava lá né? (Seu Heitor Guedes)

Os pretinhos assombravam as crianças que iam ao igarapé, o pajé (benzedor) que rezava nelas era quem descrevia sobre eles para os moradores. Outro encantado do igarapé, que não tem um nome específico, mas os moradores o chamam como “bicho do igarapé”. Ele é descrito por Maués como os encantados do fundo e causam mau-olhado ou flechada de bicho e são considerados perigosos.

No Ramal dos Guedes, os moradores têm muito cuidado ao levar as crianças ao igarapé, por isso, raramente as crianças da comunidade são atingidas por esses encantados, pois como já mencionamos em outros capítulos, as crianças só vão ao igarapé depois de batizadas ou quando batizadas, as mães passam ou colocam alho na roupa da criança para espantar o mau-olhado. Porém, ocorreu um fato na comunidade com uma criança cujo pai nasceu na comunidade, mas mora na capital paraense e não acreditava na existência desses encantados:

> Bom, o o o João Guilherme tinha por volta de 2 pra 3 meses, aí nós resolvemos ir pra São Miguel (comunidade Ramal dos Guedes) e resolvemos levar ele pra tomar o primeiro banho de igarapé, a gente levou ele, tomou banho, tudo normal, aí retornamos pra casa (casa dos pais que estavam passando o fim de semana) quando foi no início da noite ele não quis mamar, ele começou a chorar, não quis dormir e percebemos que a temperatura dele já começou aumentar, a Rosi colocou o termômetro nele e verificou que ele já estava febril e nisso ele passou a noite todo, o máximo que fazia era dá um pequeno cochilo, tipo ele tentava, dormia assim, quando dávamos paracetamol pra ele , a temperatura subia um pouco né? Depois caía e ficava normal, passava a febre, ia dormir, parecia que ele via alguma coisa, se espantava, se assustava, abria o olhão e começava a gritar, chorava, chorava, chorava e voltava a febre novamente e aí nessa situação a gente passou a noite toda sem ele dormir, ele cochilando de tanto sono que ele tinha já pela madrugada que ele ia cochilando se espantava e começa a gritar, aí isso nós passamos a noite toda nessa situação. Já quando amanheceu o dia a gente também ressacado de sono, resolvemos levar ele lá no Celedino. quando chegou lá ele veio, conversou comigo e quando ele se aproximou do Guilherme, ele já foi falando:
>
> - Nooossaa porque que, vocês fizeram isso com ele levar o menino, bicho maltratou dele, nooossaa ele ta muito debilitado essa criança, ta sofrendo muito, mas eu vou ver o que eu posso fazer aqui....
>
> Aí ele escolhambou com a gente né, não façam isso com a criança que ainda não foi batizada, levar em qualquer garapé, tudo mais. E aí ele...
> É...a gente quando tem um filho, a gente prefere tá doente do que a criança né? A gente sofrendo com a criança, com o Guilherme. E aí ele. no caso a gente tava procurando qualquer coisa, apesar que eu não acreditava muito nisso, ainda fui também pra lá, mas assim, meio incrédulo, né?...
>
> Mas, assim, quando a gente tem um filho que ele tá sofrendo por alguma

> coisa você é capaz de fazer qualquer coisa, então eu levei ele, mas assim, com um pé atrás, né? E o menino ainda chorando, com febre, meio inquieto e ele começou a rezar nele, quando ele começou rezar, ele começou a ficar mole, já querer dormir, foi fechando o olho e dormiu no colo da Rosi e aí ele terminou, passou um banho lá pra fazer pra ele e tal e agente voltou.
> Quando a gente voltou ele já veio dormindo, que ele tinha passado a noite toda sem dormir, ele veio dormindo no carro, ainda se espantava um pouquinho, mas já veio dormindo. Chegou em casa (casa dos pais) dormiu a manhã toda, mamou normal, e aí nós viemos embora pra Belém, sendo que, melhor, nós não viemos pra Belém, viemos pra Terra Alta pra casa da mãe dela e aí a noite ele ainda se espantou um pouquinho, ainda ficou assim meio, não ficou 100%, mas a febre passou e aí nós levamos numa outra benzedeira lá em Terra Alta, ela falou a mesma coisa [...]
>
> E uma coisa assim, eu gosto muito de provas de ter certezas das coisas entendeu? Então o que aconteceu? Logo em seguida eu acho que no mês seguinte a gente já promoveu o batizado, e aí um mês depois a gente viajou pra São Miguel e eu fiz questão de levar ele no mesmo igarapé, aí Rosi: Olhe não leve esse...
> Eu vou, eu vou. com fé em Deus eu vou. Tomamos banho, nos divertimos e nada aconteceu mais, graças a Deus.

Esse fato aconteceu em julho do ano de 2018, recente. Os encantados do fundo ainda se manifestam na comunidade e se alguém duvidar sofrerá as punições, eles ainda são os habitantes mais antigos da comunidade. E é assim que os seres encantados se manifestam no Ramal, através das estradas, dos caminhos de mata, na beira dos igarapés. Eles aparecem para afirmar que ainda estão ali, que precisam ser lembrados, já que são os protetores da floresta. E assim, a floresta amazônica se manifesta aos seus habitantes e aos que desfrutam de seus encantos naturais, mas todos precisam entender e respeitar os seus sinais. “A selva é uma espécie de *basso continuo* nos imaginários da Amazônia, uma presença inquietante que sempre está latente no discurso oral e no texto escrito, como espaço, como figura, como ruído ou como silêncio” (PIZARRO, 2012, p. 176).

Foi na selva, nas casas, deitados na rede ou na cama, no meio do caminho e das estradas que os moradores da comunidade Ramal dos Guedes se depararam e se deparam com os encantados, seres que fazem dessa parte da região Amazônica um lugar rico, que se expande pelo imaginário popular. As histórias que são contadas fazem parte da vida dos narradores, da comunidade e mostram que nossa realidade nesse lugar é cercada por seres visíveis e invisíveis, moradores das águas, doa ares, dos fundos, que se manifestam para os que creem e para os desafiadores duvidosos.

Essas narrativas orais continuarão fazendo parte do desenvolvimento cultural da comunidade Ramal dos Guedes, mesmo com o processo de

modernização que se faz presente. E, mesmo sabendo que as achas de lenham estão chegando ao fim e que está na hora de se recolher, todos que lerem essas histórias descritas aqui e ouvirem os narradores da comunidade levarão consigo o fogo em seu âmago, o fogo do encantamento e magia das narrativas orais e poderão um dia aquecer as vidas de outras pessoas que não ouvirem as histórias escritas neste texto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

> “A última brasa se apaga. O fogo se extinguiu por esta noite. O fogo que aqui estava no chão, pois o fogo que se encontram em seu ser nunca se apagará se você não quiser. E para mantê-lo sempre aceso, vivo e quente, basta alimenta-lo não com chamas de lenhas, mas com histórias, vozes de outros tempos e seres que permanecem vivos no ofício do contador de histórias”.
> (Robson Santos)

As fogueiras já não se acendem mais em muitas comunidades rurais da Amazônia, as rodas de conversa para a contação de histórias se extinguiram de algumas delas, porém as chamas das narrativas orais continuam vivas na memória de cada contador e das pessoas que ouvem suas histórias, basta que alguém sussurre as primeiras palavras: “certo dia...” “uma vez...” “Isso é uma história que sempre as crianças gostavam muito de eu contar...” Ao ouvir essas palavras iniciais, as chamas começam a crescer e suas brasas queimam de curiosidade todos os que estão a ouvir. E para que esse fogo não se apague basta que cada um de nós alimente-o, narrando histórias populares para outras pessoas.

Na comunidade Ramal dos Guedes “tem muitas histórias antigas né?” Sim, existem muitas histórias antigas na comunidade, seu Raimundo Guedes. E essas histórias estão gravadas na memória dos moradores, em especial dos mais velhos. As mudanças naturais, como a devastação da natureza, fizeram muitos desses encantados sumirem da comunidade, como relatou seu Raimundo: “Agora é muito difícil ver, os mais novo já não vejam nada”. Porque “aí são coisas que o tempo justamente que era tudo mato, tinha muito bicho, bicho é da natureza, do mato” (Seu Raimundo Guedes).

Alguns desses encantados sumiram da comunidade dos Guedes, porém não sumiram da sua história e da sua cultura, as narrativas dos encantados da comunidade Ramal dos Guedes continuam encantado as pessoas que se dispõem a ouvir os narradores. O barulho, o corre-corre diário e os meios tecnológicos não silenciaram as suas vozes poéticas e nem apagaram as histórias de suas memórias, essas histórias continuarão encantando muitas pessoas, pois além de serem transmitidas oralmente, também serão transmitidas através da escrita para a posteridade, as narrativas continuarão encantando, mesmo que em outros formatos.

E, por mais que a turma nova, como enfatizou seu Raimundo, não queira mais ouvir os mais velhos, eles ainda se encantam com as histórias da comunidade,

pois durante o período da pesquisa, ouvi muitos jovens e algumas crianças narrando algumas dessas histórias descritas nesta pesquisa, dizendo que ouviram de outras pessoas mais velhas.

Ouvir as histórias da comunidade Ramal dos Guedes nos faz observar a pluralidade de vozes dos homens e mulheres amazônicos, pessoas simples que foram letradas pelo mundo e pela floresta, já que para compreender os segredos da mata não precisaram ir para a escola, apenas observam e leem os seus sinais. Os mais velhos da comunidade repassam esses ensinamentos para os mais jovens, muitos deles por não acreditarem sofreram as punições dos encantados, porém aprenderam a lição e hoje contam as suas experiências também. Foi uma forma de acreditarem, já que desconfiavam dos relatos que só ouviam.

Nas narrativas de alguns moradores percebermos o saudosismo que tem o passado, em especial nas narrativas de seu Raimundo Guedes, com suas lembranças da floresta alta, que hoje está sendo destruída pelos atuais moradores. Essas recordações vêm à mente desse narrador em quase todas as suas narrativas. Nas histórias do *Curupira*, do *Bode*, da *Matinta* e das *assombrações* estão as imagens das matas e dos igarapés, tudo é descrito para construir e transmitir a história da comunidade Ramal dos Guedes. Pintam-se as experiências vividas por esses narradores, e tecem-se as vozes poéticas.

O *Bode*, o *Pretinho do Miritizeiro* e algumas *assombrações*, não aparecem mais na comunidade, parece que foram embora, foram morar longe da civilização e dos incômodos que ela causa. Mas ainda devem habitar as matas, seja ali perto ou mais longe. Mas a *Matinta Perera* continua causando espanto, sustos e medo para algumas pessoas com seu fit, fiit, fiuit. Nos últimos tempos, ela não paralisou e nem beliscou ninguém na comunidade, mas os seus assovios ainda são ouvidos na redondeza. Os encantados do igarapé também continuam na invisibilidade, furiosos com as mulheres menstruadas que vão ao igarapé sujar suas águas, e se alguma criança aparecer por lá desprotegida, eles descontarão suas fúrias nelas, por serem mais frágeis. E o *Curupira*? Este também ainda continua a espionar os caçadores e pescadores; as *assombrações*? Algumas delas ainda aparecem, mas é raro, há muita claridade e barulho no Ramal atualmente.

Assim, essas narrativas orais seguem o seu percurso, os contadores da comunidade também continuam sua lida diária no roçado, na fabricação de farinha de mandioca, mas não esquecem as histórias dos seres, e quando alguém se

dispõe a ouvi-los, eles estão prontos para narrar com todo o entusiasmo as suas experiências com os encantados do Ramal dos Guedes.

Que a arte de contar histórias continue embebendo e encantado muitas pessoas em nossa comunidade, especialmente as crianças, que deverão crescer amando a natureza e os seus seres. Além disso, as histórias que ouvimos dos narradores do Ramal dos Guedes despertam em nós a vontade de ouvi-las novamente. Dona Maria Luiza, seu Bené, seu Raimundo Guedes e os demais narradores colocaram mais lenha na nossa fogueira e cada um que ler essas histórias descritas neste texto, ou ouvir esses narradores, sentirá o desejo de compartilhá-la com outrem ou algo despertará em cada um, no seu íntimo solitário que anseia por narrativas de vida. Esse fogo que se encontra acesso no nosso ser, às vezes com a chama baixa, mas pela nossa memória não podemos deixar apagá-lo. Que os jovens e crianças da comunidade mantenham sempre acesso o fogo da contação, alimentando-o com mais histórias, ouvindo, narrando e encantando outras pessoas.

A Comunidade Ramal dos Guedes se desenvolverá cada vez mais, assim como a cidade de São Miguel do Guamá, o processo de modernização se intensificará a cada novo tempo na comunidade, pois ele é importante para o desenvolvendo da comunidade e para a melhoria de vida dos moradores; a cultura da comunidade Ramal dos Guedes também continuará no seu processo de intensificação, porque como já relatamos, ela não é estável, e o entrelaçamento cultural entre o urbano e o rural também continuará.

Mas devemos sempre ter em mente que os relatos e as histórias narradas não são apenas histórias contadas com intuito de encantar os ouvintes, são narrativas que fazem parte da história de vida dos narradores e da própria comunidade. Quando os ouvimos ou lemos, conhecemos parte da cultura do narrador, um pouco do seu contexto histórico, de suas crenças e de seus medos. Além disso, eles deixam lições de vida para a posteridade. Os narradores não esquecem as histórias que viveram com os encantados e nem as que ouviram dos seus pais ou avós; a memória dos narradores reúne aquilo que vivem, viveram e ouviram, como uma espécie de baú de encantamentos.

À vista disso, a literatura oral amazônica é muito importante para o desenvolvimento cultural das comunidades, pois através dela podemos conhecer a história e cultura de um povo, e apesar desse gênero literário não ser valorizado, ele

tem e vem resistindo, assim como outros gêneros mais marginalizados. As narrativas orais também são fontes primárias de conhecimento, elas ensinam, educam e despertam o deleite em seu ouvinte ou leitor. Mesmo com o processo de modernização, ela não desapareceu da comunidade Ramal dos Guedes, as práticas de narração são menos frequentes, mas a magia e o encantamento pelas narrativas orais ainda existem na comunidade. As histórias das *assombrações*, da *Matinta Perera*, do *Bode*, dos encantados dos igarapés e do *Curupira* se expandiram em outras memórias e, certamente, encantarão outros lares.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Os conceitos de literatura e literalidade**: Sistema Semiótico literário. Teoria da Literatura. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1992.

ANTUNES, Carolina do Socorro. **O Espaço da Literatura Oral na Historiografia Literária Brasileira**. Boletim do CESP. v. 18, n. 22 p. 189-199, jan./jun. 1998. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6383.pdf. Acesso em 09 de mar. de 2020.

AZEVEDO, Thales de. **O Catolicismo no Brasil**: um campo para a pesquisa social. Thales de Azevedo. Salvador: Edufba, 2002.

BARBOSA, Joaquim Onésimo F., **Narrativas orais:** performance e memória. Manaus: UFAM, 2011.143 p.

BAUMAN, Zygmunt, **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEDRAN, Bia, **A arte de cantar e contar histórias:** narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. **O narrador:** considerações sobre a obra de Nikoli Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves – 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** Lembranças dos velhos. São Paulo: companhia das letras, 1994.

BUSSATO, Cléo. **Contar e encantar:** pequenos segredos da narrativa. 8 ed. - Petrópolis, RJ: 2012.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas -** estratégias para entrar e sair da modernidade . Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 8 ed. - São Paulo: Queiroz/Publifolha, 2000.

_____. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, v. 24, n. 9, 1972, p. 80-809.

_____. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/Tempo Brasileiro, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara, **Literatura oral no Brasil**. 2 ed. – São Paulo: Global, 2006.

CHAVES, Celma. **Belém e os sentidos da modernidade na Amazônia**. Palmas: Revista moderna, v.1, n. 1 p26-43, abril –set. 2017.

CONDURÚ, Marise; RUFFEIL, Maria. **Produção científica na universidade:** normas para apresentação. 2 ed. Belém: EDUEPA, 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral e narrativa:** tempo, memória e identidades. Revista História Oral. Brasil: n. 2, jun. 2003. Seção Dossiê. Disponível em:. Acesso em: 15 fev. 2021.

DISTANTE, Carmelo. **História oral e narrativa:** Tempo, memória e identidade. Tempo Brasileiro (95). Santa Catarina, 1998.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco – 2. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FARES, Josebel Akel**. Um memorial das Matintas Amazônicas**. Belém: Fundação Cultural do Estado do Pará, 2015.

FOUCAULT, Michel: **A Arqueologia do Saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, - 5ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GORELIK, Adrián. **O moderno em debate:** cidade, modernidade e modernização. In.: MIRANDA, Wander Melo (org.). Narrativas da Modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **Tempo Passado:** Cultura da Memória e Guinasa Subjetiva. Revista de Estudos Universitários. Sorocaba - SP, v. 33, n. 2, p. 165-168, dez. 2007.

HALL, Stuart, **Da diáspora:** identidade e mediações culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine la Guardia Resende...[et al.]. – 2 ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HAVELOCK, Eric. **A musa aprende a escrever.** Lisboa: Gradiva, 1996.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.

JÚNIOR, Fernando Alves da Silva. **Representação Feminina no Mito da Matinta em Taperaçu Campo, Bragança** (PA) – Bragança: UFPA, 2014.

KINDLER, Anna M. **Recortes transculturais**. Eurídice Figueiredo e Eloína dos Santos (org.). – Niterói: EDUFF: ABECAN, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 14 ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LE GOFF, Jaques, **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al]. 7 ed. revista – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MARQUES, Reinado. **Entre o Local e Global:** cultura popular do Vale do Jequitinhoca e reciclagens culturais. Revista Brasileira de Literatura Comparada,

nº5, 2000, p.126-140. Disponível em: https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/76. Acesso em 14 de set. 2020.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. **Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico**: a religião. *In*: Estudos avançados v.19 (n. 53), 2005, p. 259-274. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid. Acesso em 09 de out. 2019.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História, a problemática dos lugares**. São Paulo: Projeto História,1993.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de**. A literatura para crianças jovens no Brasil de ontem e de hoje**: caminhos de ensino. São Paulo: Paulinas, 2008.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita:** A tecnologização da palvra. São Paulo: Papirus, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli**. Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 10 ed. Campinas, S.P Pontes Editores, 2012.

_____. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PENALVA, Gilson. **Identidade e hibridismo cultural na Amazônia brasileira**: um estudo comparativo de Dois Irmãos e Cinzas do Norte, de Milton Hatoum, e A Selva, de Ferreira de Castro, João Pessoa-PB: UFPB, 2012.

PENALVA, Gilson**. Literatura Oral do Sudeste Paraense**: Memória de velhos camponeses. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2002.

PIZARRO, Ana. **Amazônia:** as vozes do rio, o imaginário e modernização. Tradução Romulo Monte Alto – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RAMOS, Ana Claudia. **Contação de histórias:** um caminho para formação de leitores? 2011. 133f. Tese (Dissertação mestrado). Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação, comunicação e artes. Programa de Pós-graduação em Educação. Londrina: UEL, 2011.

RAMOS, Luiz Felipe. **A Contação de História sob uma Perspectiva Ético-Antropológica**. *In*: A Arte de contar histórias: abordagens poéticas, literária e performática. Giuliano Tierno (org.) – 1 ed. São Paulo: Ícone, 2010.

ROMANO, Patrícia A. B. **Sobre contar e tecer:** onde estão os contadores de histórias? Laterna: Revista do Núcleo de Estudos da Linguagem Araguaia – Tocantins, v.3, n. 3 p. 143-152, Marabá: FAEL/UFPA, 2009.

SANTIAGO, Silviano. **O narrador pós-moderno**. In: Nas malhas das letras – ensaios. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 44-60.

SANTOS, Robson. **Ao Pé do Fogo**: Conversas sobre oralidade. *In*: A Arte de contar histórias: abordagens poéticas, literária e performática. Giuliano Tierno (org.) – 1 ed. São Paulo: Ícone, 2010.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SEMAD, Secretaria Municipal de Planejamento. **Relatório diagnóstico da realidade do Município de São Miguel do Guamá/PA**- 2016.

SILVA, Elizeu Ferreira. **O conto, o narrador e a narrativa moderna e pós-moderna em Silviano Santiago e Walter Benjamim**. Feira de Santana: Anais Uefs, 2012, p.166-175. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjg3aDPgabtAhUYH7kGHa5lBecQFjAAegQIAhAC&url=http%3A%2F%2Fwww2.pdf. Acesso em: 28 de set. 2020.

SOUZA, Roberto Américo do Carmo. **Narrativas orais como fontes para uma compreensão histórica da experiência**. Revista Maracanan, Rio de Janeiro, n.17, p.118-129, jul./dez.2017. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/28212. pdf. Acesso em: 06 ago. 2019.

SOUZA, Lynn Mario Menezes de. **Hibridismo e Tradução Cultural em Bhabha**. *In*: Margens da Cultura. São Paulo: Editora: Boitempo, 2004.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia.** Manaus: Valer, 2009.

SOUZA, Mariana Jantsch. **A Memória como matéria prima para uma identidade**: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. Revista Graphos, vol. 16, n° 1, 2014 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório:** performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis – Belo Horizonte: Editora UFMG , 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TOGNOLI, Sônia Érica Kátia do Amaral; Maurice HALBWACHS: **a memória coletiva**. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiF-O-ps4jvAhU_HbkGHXrzDXgQFjALegQIExAD&u. Acesso em: 22 de jan. 2021.

TUPIASSÚ, Amarílis. **Amazônia, das Travessias Lusitanas de até agora.** Estudos Avançados, 2005, p. 299-320. Disponível em: www.revistas.usp.br/eav/article/view/10061/11633. Acesso em: 20 de set. 2020.

VELOSO, Moema Pinheiro, **Um outro olhar para a Amazônia** / Moema Pinheiro Veloso. – Brasília, DF: Trampolim, 2018.
ZUMTTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**.Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu, 2018.

ANEXOS

NARRATIVAS SOBRE A MATINTA PERERA

Narradora – Maria Luiza (Tia Lulu)

Olha... o Matin eu também, porque é uma coisa que eu tenho muito medo, MUIITO e uma vez nós tava em casa com Cunduru, aí ele começou a assobiar e aí Cunduru sempre gostava, aí eu sempre condo começa assobiá eu disque que ele vê a gente pela unha e eu... isso eu sou meia..., não sei, eu escondia minha unha, aí que condo nós demo, ele empurrou a porta de paxiúba, né? Que a gente morava né? Nessa casa tudo cercada de, de, de acha, aí ringiu aquilo e começava a sacudir a rede do Cunduru, aí Caunduru alevantou, aí quando ele aleventou que coisou, ele assobiou bem mermo lá pertinho, aí Cunduru ainda deu um tiro, mas de ver assim eu nunca vi, mas eu tinha medo, mas com certeza quem tem, tem ainda. O Matin é uma gente, uma pessoa que se transforma.

Narrador – Heitor Guedes (Tio Heitor)

Um dia eu tava numa espera... aí vi a zuada era dum tatu... a zuada era dum tatu, só que depois que passou por mim, aí meu corpo se arrepiou tudo eu percebi que não era um bicho de se cumê né? Não era tatu, aí até que eu desci... desci pra vim embora, quando eu cheguei num... na picada, deram três baque no tronco dum najazeiro. Aí outro dia foi numa comidia também um matin começou... subia e descia num, num najazeiro, subia e descia, assobiava, aí subia e descia, mas só que esse não me meteu medo porque eu sabia que era o *Matin*, num me meteu medo, aí eu assobiei pro meu companheiro que era meu irmão né? Bora embora que esse bicho não vai deixar nós, sai caça nenhuma aqui, aí nós só viemo embora.

Narrador – Abelardo Guedes (Tio Codó)

Quando eu morava pra co lá, lá onde Deodoro tem uma roça agora, eu morava lá, e ele entrou de noite me mexeu na rede, puxou minha rede assim, três vezes assim, aí eu fiquei sem poder falar depois.. depois eu recordei assim, veio o normal, levantei ainda dei um tiro no meio do caminho, aí ele apitou de novo abusando. Já me mexeu uma vez. Também foi a única vez. Porque, porque agora graças a Deus eu, eu tenho minhas orações que faço à boca da noite, faço de manhã, faço à boca da noite só durmo depois que faço oração pra mim dormir. Aí graças a Deus não me mexeu mais.
Tem *Matim* que é gente mesmo que vira bicho.

Narrador – Claudeci (Curica)

Eu não acreditava que existia *Matim* de verdade né? Pra mim não existia *Matim*, eu não acreditava, aí de repente a gente tava nesse, nessa contenda, alguém dizia:

- Não, existe.
Eles dizia:
- Existe.
Nós tava na casa de farinha, a gente tava trabalhando, aí eu dizia que não existia *Matim*, que não mexia comigo e todos eles diziam que existe e quando foi à noite eu tava naquela madorma e eu percebi que algo vinha chegando assim perto de mim assim, que eu tentei me mover assim, fazer alguma coisa, mexer as pernas, braços, eu não conseguia fazer mais nada eu fiquei paralisado, aí eu só fiz me acomodar assim rapidinho assim e comecei rezar, eu rezava o Creio só no meu pensamento e eu acho que foi uma base de um minuto, se deu um minuto, aquilo me soltou e eu pulei pra fora, que eu fiquei muito irritado, chamava uns palavrões.
E o *Matim* assobiava e a Wilma se espantou e perguntou o que era, o que era, e eu dizia que era o *Matim* que tava me mexendo, o *Matim* assobiava e eu no terreiro rodando assim e chamando nome (palavrões). Vem, vem, homem pra homem, eu dizia assim (risos), covarde. Chamava de covarde, vem, homem pra homem, e aí aquilo parou eu fui pra casa não quis mais dormir sozinho nem (risos).

Narrador – Sinei

Eu tava em casa, eu tava dormindo, eu não sei se eu tava dormindo ou se eu tava... eu sei que quando eu percebi assim, me prendeu assim na minha rede e eu fazia força parece que queria bater assim o indivíduo, mas, mas via o vulto, mas não conseguia me mover, aí me dele um beliscão assim na minha barriga, mas sabe que passou muitos dias, não foi, não parou de doer de noite não, aí quando foi eu vi que tava doído mesmo, comecei rezar o Creio em Deus Pai e ele me soltou, quando ele me soltou, assobiou fora.

Narrador – Bené Guedes (Tio Bené)

Aaah!... Uma vez rapá, eu vinha vindo de uma festa daqui do... do.. daí onde é Sagrada Família agora né? Eu fui pra lá com o tio Quiquinho assistir jogo. Tio Quiqui- nho chegou lá, um aparelho muito bom né? Ele não quis vim, eu peguei pelejei com ele, ele não quis vim, eu vim embora só, andando. Rapaz, quando eu cheguei ali no, no Benezão eu entrei e o *Matim* começou a assobiar, *Matim* começou a assobiar e eu dizia assim:
- Me acompanha.
Olha, tinha ocasião que chega esquentava na minha costa, aí eu dizia:
- Bora, bora que eu tô é só.
Convidando o *Matim*, e ele assobiava. Tinha ocasião que ele assobiava na frente, outra atrás e viemos. Quando nós cheguemo naquele garapezinho que atravessa o terreno de vocês, num pau assim do outro lado do garapé e lá eu vinha de sandália, e lá.. saiu minha sandália né? Eu comecei a procurar e não achava, escuro pra caramba, escuro, menina. Aí eu disse assim: eu falei assim, disse assim:
- Olha, eu quero minha sandália.
Pro *Matim*, aí ele fiiit... eu, eu quero minha sandália. Pequena... parece assim, eu acho que foi ele que ajuntou e quando eu dei fé, meteu no meu pé. Aí bora, bora, ele assobiando, quando eu cheguei, morava numa casinha lá, aí tio Codó disse:
- Vichi Lulu, escuta, Bené conversando com *Matim*, rapá! (risos)Rapá eu ia, quando

cheguei em casa, ele fiiti, eu disse:
- Olha, agora tu pode ir embora que eu já cheguei na minha casa, tô em casa já. Aí ele tornou assobiar e foi embora.

Narrador – Raimundo Guedes (Tio Zitinho)

Olha, o *Matin* (risos), o *Matim* existe também, eu já vi *Matim* aqui, quando eu morava aqui, eu vi. Eu tinha, tinha uma casa, fizemos assim um retiro do outro lado do caminho, meio perto, perto da beira do garapé, ali. Quando foi uma noite, eu tinha um cachorro que tava apanhando muito lá pro retiro né? Eu tinha uma espingarda que meu sogro me deu, grande assim, tinha uma janela assim por cima da cama, tinha uma cama ,aí abri a janela assim um poquito, assim e meti a lanterna. Tava de camisa branca, abaixado, chutando o cachorro de baixo do forno, um homem, aí eu peguei a espingarda, meti devagar pelo buraco que tinha abrido da janela, botei a lanterna lá, enxerguei benzinho, mas ele não prestou atenção em mim, que quando dei fé a lanterna apagou e Maroca já tava segura no cano da espingarda pra eu não atirar, aí ele parou de dalhe e sumiu. Não demorou e papai chegou, papai era muito corajoso, ei Zitinho, ei Zitinho, eu disse: senhor! Tu não tá vendo esse *Matim* dando nesse cachorro aí? Eu disse: eu tô papai, tava aqui espiando, mas ele sumiu. Aí papai voltou pelo escuro, com a espingarda na mão, o sítio era grande, ele andando por dentro dos sítio, papai acompanhando com a espingarda armada, só que o sítio era comprido, ele foi saí lá no fim. Papai viu o galho da limeira solta na beira do ca- minho, mas não enxergou ele, já tava invisível , o bicho é invisível, que quando ele deu fé o cachorro latiu lá pra casa do meu padrinho Ziloca, umas cem braças e pa- pai não viu ele varar numa noite clara.

NARRATIVAS SOBRE O CURUPIRA

Narradora – Maria Luiza (Tia Lulu)

Nós fomo pro capal apanhar açaí, nesse tempo a gente ia com o panero na costa se atolava, aí nós se perdemo, aí o, o, o papai sempre dizia assim:
- Minha filha, quando a gente ver que a gente tá perdido no mato, a gente senta e faz aquela rodinha de cipó né?
Que a *Curupira* disque não tem o pé dela, se ela vai pra cá, mas a, o... carcanhá dela é diferente do nosso, aí a gente fazia.
Nós se perdemo e comecemo a procurar, ia até um bucado voltava e dizia:
- Mas eu passei aqui...
Até no garapezinho que tinha praí pro rumo do Rossi, aí a gente vinha, o garapé corria pra cá, nós invés de ir pra cá nos ia varar no caminho, nós voltava, aí voltava pra cá, que quando nós voltava, nós tava no mermo lugar né? Aí nós comecemo rezar né? Pedi porque o que a gente sabia de primeiro não é assim parece agora que tá avançado, aí nós rezava o Pai Nosso né? Pa livrar nós daquilo que só podia ser cu- rupira, aí nós, graças a Deus que nós varamo, se livramo da *Curupira*. Disque era a *Curupira* que Curica diz que não acredita. Mas eu acho que tinha, minha filha, por- que a gente não ia se perder, nós acostumado de andar nesse capal como é que nós ia se perder né? E foi através da oração que nós rezando, aí conseguimo varar.

Curupira ela não tem bunda, quando vejam assim que estão meio perdidos, eles sujam (fazem coco) ou então fazem uma rodinha de cipó que ela não sabe, ela pega disque aquela rodinha, fica intertida, intertida, até que a gente acerta por onde vai.
Sim... aí contavam um caso da *Curupira* que... aí um homem uma vez foi castigado por ela, e ele agarrou, fez um espeto de paxiúba bem polido e disque ele (risos) disque ele afincou na bunda dela, ela ficou assim como ele afincou (de bunda pra cima). Passou, passou... passou muitos anos, muuuitos anos mesmo, aí disque um dia ele foi e se alembrou, fazia muitos tempos. Porque ela tinha vontade de mais de ter bunda (risos) aí disque passou muitos tempos, chegou lá disque ela tava do mesmo jeito que ele tinha deixado, ela tava de cu pra cima, aí disque ele agarrou puxou o espeto da bunda dela, disque ela disse:
- Aaii, eu disse que um dia aparecia o meu cu (risos).E aí ele... furou o cu dela.

Narrador – Heitor Guedes

Uma vez uma *Curupira* também fez eu de besta foi muito aí no mato. Nós fomo é... andar no garapé eu e Zé Orlando, matá peixe, o garapé lá nós matemo logo duas trairona lá né? Aí eu disse:
- Nós vamo logo subi de garapé a cima...
Aí na certa que nós se perdemo, andemo muito no gapal, se perdemo, espingarda já era bastão. Zé Orlando fez bastão da espingarda, da certa que quando nós varemo num lugar eu conheci, mas isso nós já tinha andado muito, eu conheci, aí disse:
- Aqui eu tô conhecendo, aqui é uma picada que vai pro Santo Inácio.
Aí nisso que nós tava lá aí disse, que eu fumava né? Enrolei um cigarro né, aí comecei foi peguei a lanterna assim alumiei tinha um inambu, inambu foro, foro né? Eufui atirar a espingarda não prestou, aí eu troquei o cartuxo atirei e matei.
Na certa que essa perdida é, é... essa perdida nossa que a *Curupira* nós mundio, no final deu bom pra nós porque nós matemo três inambu foro, foro. Então foi as três vez que já vi essas....
Na mata quando eu ia caçar, *Curupira* batia muito assim pra gente, batia no tronco da árvore, assobiava né, a gente... quando ela seguia a gente, a gente fazia um cigarro e deixava em cima, acendia e deixava em cima do, da raiz pela se interter, ela vinha enquanto ela ficava intrertida ali a gente caçava nosso rumo.. é.
E aí quando ela tá, tá perturbando a gente, a gente faz uma roda de cipó, roda de cipó, esconde faz aquele enrolamento e esconde as pontinhas enquanto ela fica intertida vendo como é que foi feito aquilo pa ver achar a ponta a gente já tá também bastante longe é. Ela esquece a gente também.

Narrador – Abelardo Guedes

Eu acredito porque visagem eu cheguei a ver, *Curupira* eu nunca vi, mas já foi traçado pela *Curupira* que me fez de besta com mamãe no mato, quanto mais a gente andava mais a gente se chegava daquele lugar, sei lá, rodova no mato quando dava fé tava lá de novo. Eu acredito porque aconteceu comigo.
Aí quando foi pra gente vim embora que nós saímos do lugar atravessemo o garapé que ninguém viu, aí que nós fomo prestar atenção tava na bera do, do, do no outro lado do gapal, uma sucupeira maior do mundo lá, aí mamãe marcava rumo pra

gente vim, aí vinha quando ia, rodava tava lá de novo, aí ela se lembrou de fazer, fez uma rodinha de cipó assim e deixou pendurada assim, foi que nós conseguimo saí. A noite vinha chegando, que nós viemo embora. O cipó é porque disque o pessoal que dizem que ela disque se interte naquilo, a *Curupira* vem e se interte naquilo, aí se esquece da gente.

Narrador – Raimundo Guedes

Porque aí quando tinha aquele garapé ali, quando papai, era tudo vivo, tinha um garapé nós ia muita gente tomar banho pra lá, eu tinha um empregado que era João o nome dele, morava comigo lá. Uma noite nós viemo todo mundo tomar banho prai, aí nós ia um cobado na frente bem uns três na frente, papai, eu atrás do papai e João que era meu empregado atrás de mim, tinha um pau grande lá, aí tinha uma raiz bem no meio do caminho assim, aí João vinha atrás de mim e deu uma topada lá na raiz, tum, aí disseram pro tronco do pau: um, uuummm... Aí ele disse um, um não, uma topada que eu dei o que é que tem? Ele era meio maluco.
Papai via aí, cansou de ver duas mocinhas assim desse tamanho saia de lá de cima da prancha, disque vinham pegavam a estrada.. Um dia ele foi me amostrar o rasto, via, era meio dia, ele disse: um bora ali pra ti ver uma coisa, tu diz que é mentira, aí nos fomo tinha o rasto, só que eles vinha pra cá e ficava o pé como quem tinha ido pra lá, pé parece de criança. Ali aonde era a cacimba, era cabeceira lá.
Os mais novo já não vejam nada.

NARRATIVAS DO BODE

Narrador – Wilson

Uma vez eu vinha da Sagrada, à noite, de bicicleta, aí quando chegou ali naquela ladeira ali perto da ladeira do Cobo eu vinha pedalando em pé na bicicleta assim, aí eu vi chega vinha estralando piçarra assim do outro lado eu vinha dum lado e ele catcha, tcha, tcha, tcha tcha, aí eu olhei ele ia passando assim, invés de eu pedalar eu pulei da bicicleta e fiquei olhando pra ele e quando chegou lá na estrada, lá na frente assim ele dobrou ficou me olhando de lá, saí empurrando a bicicleta devagarinho (risos), quando eu parei de enxergar ele aí eu foi pedalar. Ele ficou na estradalá me olhando, atravessou e ficou me olhando eu vim empurrando a bicicleta deva- garinho com medo dele... huum, parece que eu não estava pisando no chão (risos). Não era um bode de verdade, era uma visagem, um bodezinho bem encardido as- sim.

Narrador – Raimundo Guedes

Eu vi aqui, um dia passou ali em casa aonde nós morava, Maroca era viva e eu vi um, num caminho que vai para o Aracuí, Santa Terezinha, nesse tempo era tudo capoeira também. Mas eu já namorava com a mulher que foi minha, saí daqui era quase seis horas, eu ia pra casa dela, eu ia pra dormir, aí eu foi quando chegou alí aonde tinha aquele pimental tinha um caminho que ia pro marupa, e começou a feder aquilo na minha frente, aquele fedor, fedor, fedor, eu tava agoniado já. Quando

chegou no caminho que entrava pra casa do Marupá, aí eu segui o caminho que ia pra casa do seu Agostinho pra onde eu ia, eu fui olhar ele tava lá, de costa pra mim, mas olhando assim por cima de.. um bode muito grande, era visagem, que não tinha aquilo por acolá, eu fiquei assim fora do sentido e corri, cheguei lá dava mais ou menos como daqui na casa do Norato pra eu chegar, aí eu corri, corri, corri, cheguei já de noite, cansado lá, me sentei lá num pedaço de pau lá no terrero. Maroca veio que foi minha mulher, perguntou o que era, aí eu disse. Eu vi várias coisas nesse caminho, porque o passado era muito bom, a natureza tava basicamente inteira quando eu fui jovem aqui. Como eu te falei, tá sendo destruída agora por esse pessoal novo, que essa turma nova que saber que eles têm muito.

NARRATIVAS DE ASSOMBRAÇÕES

Narradora - Maria Luiza

Era uma fantasma disque que, que ela sobe e e e nós tava aí na calçada desse grupo, nos ía até indo aí pro rumo do Ramal, por aí, aí enxerguemo, ela subia, aí baixa- va, subia e baixava e lá na varada daqui do, do Come gente que chamo, que cha- mavo Come Gente né? Na varada daí era muito respeitado, eles vinham vindo, nós vinha vindo da que tinha... que diziam que aparecia. Essa igreja que nós temo agora, essa igreja ela já, já fez muito visagem po, pos pessoa. Saíam, disque quando viam saam de lá cantando, disque aquilo rezando, e, e saíam, não viam nada, aí vinham chegavam lá, disque uma vez vinha aquela fantasma, disque ela vai crescendo, vai crescendo, se, se a gente não saí pa ela, disque ela se arria em cima da gente, se arriava em cima da gente, lá nesse Come Gente. Eu não vi, mas as gente con-tava e era verdade, tinham medo, e muita gente viu que contava, e nós tinha medo.

Narrador – Abelardo Guedes

Um dia que nós tava.. primeiro eu vinha com mamãe, era cinco e meia da manhã. Vinha um homem que vinha na nossa frente, entrou num caminho velho que tinha pra co lá, pra dentro do mato e aí sumiu pra lá.
Aí depois a última vez que, que apareceu foi um negócio dum fogo que caía ali... nesse meio do... ali nesse meio da entrada da casa da Goreth agora... caía assim aquelas lascas de faísca pro chão, aquilo muito... muito importante aquilo não sei nem o que era.

Narrador – Bené Guedes

Papai uma vez, quando era esse caminho, papai fazia compra pra Serraria. Pra ti ver como era, aí nós esperando papai, assim a boca da noite, né? Aí papai vinha sozinho daí, aí quando ele chegou aí no chamado Cocho, nera Heitor? Bem aí passando o Nilton né? Ele enxergou aquela pessoa e ele era muito amigo do finado Paulo, branco, uma camiseta branca, aí ele vinha com uma saca de compra na costa. Pra ti ver, aí chegou lá, enxergou ele e disse assim:
- Ei, me dá uma dose aí?

Disque tava, pra ele enxergar ele tava bebendo, me dá uma dose aí, aí ele veio, aí disse:
- Rapaz me dá uma dose porque se não eu vou te dar uma porrada, viu? Te dar uma porrada.
Ele contava, aí nada, nada, aí ele veio quando chegou lá perto assim, ele disse:
- Mas sim, tu não vai me dar uma dose?
E aquilo ali não era cristão, né? Era visão, aí papai foi, bateu. Rapá, aquilo deu um choque nele que papai caiu com compra, tu acredita? Olha, ficou tudo bandalhado lá, as compras tudinho, tu sabe o que foi aproveitado só dessas compras que papai fez? No outro dia. Chegou correndo em casa gritando: me acudam, me acudam, aí que tinha brigado, disque.
Mas, rapá, quando foi no outro dia que a gente fomo lá, tava tudo espalhada, era feijão, era arroz, era açúcar, café, só ficou sabão. Ele brigou com a visagem, disque, mas ele apanhou (risos) apanhou de mais dessa visagem, foi com certeza. Ele comparou com finado Paulo, quando acaba era visagem. Tinha de mais aí.
Não tem mais porque conforme vai ficando o desmatamento, né rapaz? Assim vai o desmatando aquilo vai se afugentando né?

Uma vez eu vi uma visagem aí, aí no caminho que vai pro Cunduru. Eu ia pra casa do papai, eu tinha um custume que toda tarde eu ia lá, eu tinha um cavalo baixeiro pra cassete, aí eu vinha da casa do papai, quando eu cheguei bem passando a casa do Deodoro era mato grosso assim, né? Passando a casa do Deodoro eu enxerguei aquela claridade assim, que eu prestei atenção o caboco tava lá atravessado no meio do caminho, deitado, alumiado todinho aquilo ali, entendeu? Assim parece vela e era visagem, que quando o cavalo deu com aquilo ali, ele voltou pra trás, aí eu vim esperar bem nesse grupo aí.

Pessoal do Ramal vinham da Santana, aí cheguei aí disse assim, aí eu vinha, mano Antônio, Ambrósio, Pedro Ferreira, aí disseram:
- O que é?
- Eu disse:
- Rapá, eu tô com medo de ir embora daqui.Disseram:
- O que é?
- Tem uma visagem ali.
- Aonde?
- Ali.
Eles disseram:
- Bora lá, bora lá.
Aí o cavalo, mas menina, o cavalo não teve quem fizesse ele ir, porque ele viu né? Aí cheguemo lá, não tava mais. Mas olha, eu vou te falar uma coisa, desde esse dia eu podia soltar ele.. aah! Não vinha, ele ficou com medo, com medo da visagem. Isso aí eu vi, eu.

Narradora – Socorro Gomes (Tia Socorro)

Foi eu com Ilete, nós saímos daqui acho que era umas três e meia pras quatro horas da madrugada, aqui por dentro por esse caminho que tinha aqui. Quando a gente chegamo lá no Benezão, quando a gente varamo na estrada eu senti aquilo que..., algo diferente, aquela coisa assim, um medo assim, parece que subir do... não ía

pisando no chão e a menina também, Ilete era pequena, ela segurou assim na minha roupa, aí eu disse: “Minha filha não tem medo que aqui é só nós e Deus, Deus por nós”.
Quando descemos na estrada, assim que mudemos um pouquinho os passos assim, eu avistei um negócio desse tamaninho assim, beem branquinho, branquinho, branquinho, branquinho. Aí ela também enxergou, né? Ela ficou com medo, com medo, ela queria chorar, aí eu falei:
- Não, não chora que ninguém vai mexer com nós, tá bom?
Fomos, fomos, conforme a gente ía andando, aquilo ía crescendo, crescendo, crescendo. Sei que quando a gente chegamo pra passar lá onde ele tava, ele tava quase da altura desse padrão assim, uma assim, não, muito alto, aquilo branco, branco, branco, não, ele, não tava dessa altura, eu acho que não, mas ele tava uma boa al- tura mesmo, bem alto, e aí a gente passamo lá, quando a gente passamo lá, nós passamo uma distância assim, nós passamo uma distância assim que nem esse paulonge dele.
Aí Kátia, de... quando a gente passamo dele parece que a gente não ía pisando no chão e ela querendo chorar, eu dizia “não chora”, mas eu ia morrendo de medo também, né? E aí aquilo quando, quando eu olhei, aí eu não me... eu foi, foi, foi, eu não... eu olhei pra trás tava alto, alto, alto, aquilo branco, branco, branco.
Aí quando a gente passamo ali no tio Pereira, ele já tava fora, fazendo fogo, foi que normalizou que... parece que eu, eu comecei a pisar no chão, mas que eu tava com muito medo. Nós tivemo que encarar o bicho, foi o jeito, voltar não adiantava porque nesse tempo o ônibus não vinha aqui, a gente tinha que passar e nós passamo, encaramos ele e passamo, só que também não fez nadinha pra nós, só cresceu. Olha, eu vi era um bichinho bem pichichitito quando eu avistei, mas quando a gente che- gamo, assim tava muito alto. Depois ficou um bicho grande, grande mesmo aí a gen-te tivemo que encarar e passar mesmo.

Outra vez foi aqui, eu vim, nós morava lá dentro, né? Eu vinha vindo daqui, ia daqui lá pra casa, quando eu cheguei numa pontinha onde bem, aqui onde tinha uma barajubeira grandona, aí eu olhei, ía de cabeça baixa assim, né? Quando arribei a cabeça, era umas seis e meia pras sete horas da noite, aquele, aquele negócio de novo ía assim, parece que ía crescendo pra cima de mim, mas aquilo era escuro, não era branco não, era preto, aquilo ía assim parece que ía se virando pra cima de mim, eu voltei e gritei, gritei, gritei, tio Codó com Bené parece que vieram, aí chegaram aí não viram nadinha. Só eu que vi, foi as vezes que eu vi isso. É muito ruim, credo.!

Narrador - Ivan Gomes

Nós tava lá esperando o pessoal saí da reza, né? Que nesse tempo eles rezavam lá no barracão, aí nós tava na palhaçada lá, os moleque saíram, ficou só eu com Leandro lá... conversando lá, aí quando nós olhemo pra cá pro lado da estrada assim,a gente enxergamos um... tipo uma luz assim entendeu? Tipo dois, dois olhos assim grandão, aí eu disse:
- Rapá, Leandro o que é isso rapa?Aí Leandro disse:
- Rapá, não sei o que é não, mas bora chegar mais perto.
Aí nós fomo chegamo mais perto assim, aí parece que aquilo cresceu, entendeu? Aí ficou vermelho, vermelho, vermelho, tipo dois olhos mesmo, aí nós saímos doido

correndo, né? Com medo, aí nossa cabeça começou doer, oh. Começou doer, aí nós fomo, falamo pro moleque, os moleque fomo lá, mas não tinha mais nada, já tinha ido embora.
A gente ficamo com dor de cabeça, muita dor de cabeça, oh, foi passar só no outro dia. Foi um bicho que nós assombrou, só pode, que era de mais feio assim, tipo uma brasa uma no lado da outra.

Narrador – Raimundo Guedes

Esse Deodoro, ele tem alguns casos também, ele contou um caso quando morava aqui com tio Codó, que ele saiu pra urinar de noite, pra fora, ele abriu a porta e viu nessa casa que ele tinha ali, ele viu um homem em pé sem cabeça no terreiro, aí noite clara, ele nem urinou, delhe um soco na porta que acordou gente, ele conta isso, sem cabeça, era visagem. Agora é muito difícil ver.

Um dia nós saindo da cada do papai, toda a boca da noite eu ía conversar pra lá com ele pra lá, papai, mamãe. A Quita morava comigo numa casa acolá, aí já era tarde, um bora, bora,... bora, eu saí na frente, tinha uma mangueira na saída da casa do papai e vinha na casa do Ziloca de lá, varava lá de baixo da mangueira, e eu vinha baixando, a Quita ainda ficou lá conversando, eu disse eu já vou e saí pelo escuro. Quando eu cheguei antes de varar, lá vem um homem, que quando... era noite escura, passou num claro, eu enxerguei bem quando chegou assim de baixo da mangueira, ele vinha perto de varar comigo, eu enxerguei mesmo, dei um grito muito grande, papai disse: ó, tá apanhando de *Matim* pralí, quando acaba era isso. Aí eu voltei correndo pra cá, Quita perguntou o que era, aí eu disse: vá no escuro, vá! Esse caminho aqui era passageiro, de visagem.

OUTRAS NARRATIVAS

O LOBISOME

Narrador – Raimundo Guedes

Outra Vez quando nós morava lá, papai viu um bicho roendo caroço: cró, cró, cró, na lua cheia papai via. Quando foi um dia ele disse:
- Olha, hoje eu vou dar um tiro no lobisomem.
Eu disse: quê?... é hoje, é hoje, dia de lua cheia hoje. Aí ele carregou bem a espingarda, aí à boca da noite ele foi lá em casa, eu morava pertinho assim, daqui no reti-ro longe da casa do papai, Maroca ainda disse:
- Olhe seu, não vai errar.
Ele veio. Rapaz, quando foi meia noite começou roer e tinha uma cozinha que não era aterrada, que não era assoalho, era aterro lá em baixo, assoalho era alto, ele espiava por cima duma parede e enxergava lá dentro do sítio, aí ele olhou pra lá e enxergou aquelas duas bagaleta de olho, tava mascando assim, né?
Aí papai desceu, aí ele sumiu, como quem vem por trás da cozinha assim, papai desceu por aqui, abriu uma cozinha assim, abriu uma porta assim, ficou lá na porta, ele veio passar como daqui, nisto aqui. Eu me acordei com tiro pra lá, atirou, ele

disse que atirou bem no meio, aí eu me espantei lá, peguei a lanterna, chamei Maroca. Maroca se espantou também, “bora lá, bora lá, bora lá”. Chegamo lá, ele tava lá, papai. O que foi papai?
- Rapaz, atirei um bicho aqui do tamanho de um pordinho. Eu disse:
- Onde cê atirou?
Ele disse:
- Eu atirei aqui, mas ele tá bem atirado, atirei no meio, rente aqui.Eu disse:
- Pra onde foi?

Ele disse:
- Olha, saiu se arrastando pra cá.
De manhã nós fomo pra espiar. Rapaz, ele áa arrancando vara, mas não ficou, ninguém viu mais, não soubemos e não veio mais. Tem muitas histórias antigas, né? Nesse tempo a gente via muita coisa porque aparecia mesmo, agora não, tem muita casa, estrada aberando né?

SONHOS

Lá aonde eu moro agora, eu tenho um enteado que veio uma mulher no sonho três noites a fio pra ele, ensinar aonde tinha uma mina de ouro, disque tá num pode, Antônio Carlos, aí ele veio, ele tava em Castanhal que ele trabalha lá, aí ele veio che- gou lá e me contou, eu disse:
- Aah... não adianta tu me conta que tu não vai achar mais.
E ele, ela foi três vezes de noite no sonho, na conta dos três ele veio chegou lá me contou, ensinou como era aonde era, tinha um fundo assim. Aí Maria mandou bota uma roça lá agora.
Aí eu disse:
- Agora eu vou ver aonde é que tá o negócio, eu vou ver.
Pegou um teçadinho, nós ia tomar um banho no garapé, ele disse: é aqui Zitinho, aí nos fomo pra lá, tem mesmo um fundo, da onde ela ensinou assim, na ilharga do pau tem um fundo assim, ele disse é aqui. Ele pegou o teçado meteu, mas quando que tá. Toda vez que ele vem, ele diz aqui tem uma mina, e é ruim pra passar lá.

Aqui o primo Izo teve um sonho desses também, foi, aí ela veio com ele, lá no Santo Inácio (nome dado a uma área de mata), aí ele me convidou, nós fomos, procuremo, procuremo, procuremo, aí ele, uma hora, ele olhou pra um lado e eu pra outro, mais ou menos na medida que ela disse né? Aí nos fomos, aí ele disse:
- É aqui meu primo, parece que é aqui.
Aí chegou lá ele meteu o teçado assim, batia, tam, tam, tam, tam... Ele cavou, cavou, mas era um litro, um litro vazio, todo cheio de quina, aí ainda cavemo, cavemo pra lá, mas não achamo nada. Aí voltemos, aí quando foi na outra noite, na mesma noite que nós viemos de lá, ela veio com ele em sonho, e disse que não era eu pra ele levar, era compadre Heitor... Aí acabou...
Ele levou o cara errado, perdeu. Isso é pessoas antigas que tinham muito ouro né, que esse lá do Santo Inácio, foi uma mulher dali do pessoal da Tapera Chamado e um senhor já idoso, a mulher dele ensi-nou pra ele e mostrou lá né, que era pra tirarem, eles agarram marcaram o lugar e voltaram, pra ir tirar depois, como eles demoraram, deixaram passar uns oito dias, deu uma febre neles que morreram

todos os dois e não tiraram a riqueza que tinham lá. Mas lá era tudo cheio de buraco de tanto o pessoal procurarem que tinha um prego marcando pra onde era o rumo, um prego grande assim, eu não cheguei a ver, o pessoal que contavam, mas acham que já acharam, que aquilo vai, vai e eles mostram pra outro. Na antiguidade, que a antiguidade, como eu te disse, não tinha destruição de coisas, tinha essas descobertas que aquele pessoal antigo guardavam muito ouro.

ENCANTADO DO IGARAPÉ

Narrador – João Azevedo

Bom, o, o, o João Guilherme tinha por volta de dois pra três meses, aí nós resolvemos ir pra São Miguel (comunidade Ramal dos Guedes) e resolvemos levar ele pra tomar o primeiro banho de igarapé, a gente levou ele, tomou banho, tudo normal, aí retornamos pra casa (casa dos pais que estavam passando o fim de semana) quando foi. no inicio da noite ele não quis mamar, ele começou a chorar, não quis dormir e percebemos que a temperatura dele já começou aumentar, a Rosi colocou o termômetro nele e verificou que ele já estava febril e nisso ele passou a noite todo, o máximo que fazia era dá um pequeno cochilo, tipo ele tentava, dormia assim, quando dávamos paracetamol pra ele, a temperatura subia um pouco né?...
Depois caía e ficava normal, passava a febre, ia dormir, parecia que ele via alguma coisa, se espantava, se assustava, abria o olhão e começava a gritar, chorava, chorava, chorava e voltava à febre novamente e aí nessa situação a gente passou a noite toda sem ele dormir, ele cochilando de tanto sono que ele tinha já pela madrugada que ele ia cochilando se espantava e começa a gritar, aí isso nós passamos a noite toda nessa situação.
Já quando amanheceu o dia a gente também ressacado de sono, resolvemos levar ele lá no Celedino Quando chegou lá ele veio, conversou comigo e quando ele se aproximou do Guilherme, ele já foi falando:
- Nooossaa... porque que vocês fizeram isso com ele levar o menino, bicho maltratou dele, nooossaa ele tá muito debilitado essa criança, tá sofrendo muito, mas eu vou ver o que eu posso fazer aqui....
Aí ele escolhambou com a gente né, não façam isso com a criança que ainda não foi batizada, levar em qualquer garapé, tudo mais. E aí ele... É... a gente quando tem um filho, a gente prefere tá doente do que a criança né? A gente sofrendo com a criança, com o Guilherme. E aí ele... no caso a gente tava procurando qualquer coisa, apesar que eu não acreditava muito nisso, ainda fui também pra lá, mas assim, meio incrédulo né?...
E mas assim, quando a gente tem um filho que ele tá sofrendo por alguma coisa você é capaz de fazer qualquer coisa, então eu levei ele, mas assim, com um pé atrás né? E o menino ainda chorando, com febre, meio inquieto e ele começou a rezar nele, quando ele começou rezar, ele começou a ficar mole, já querer dormir foi fechando o olho e dormiu no colo da Rosi e aí ele terminou passou um banho lá pra fazer pra ele e tal e agente voltou, quando a gente voltou ele já veio dormindo, que ele tinha passado a noite toda sem dormir, ele veio dormindo no carro, ainda se espantava um pouquinho, mas já veio dormindo...
Chegou em casa (casa dos pais) dormiu a manhã toda mamou normal e aí nós viemos embora pra Belém, sendo que, melhor, nós não viemos pra Belém, viemos pra Terra Alta pra casa da mãe dela e aí a noite ele ainda se espantou um pouquinho, ainda ficou assim meio, não ficou 100%, mas a febre passou e aí nós

levamos numa outra benzedeira lá em Terra Alta, ela falou a mesma coisa, só que ela disse que já tinha uma outra coisa que alguém tinha feito mau olhado pra ela, dos bichos do garapé.
Ah sim o Celedino também falou que o que faz essa fúria do, do bicho lá do igarapé fazer isso com as crianças é quando vai mulher menstruada pro igarapé aí eles ficam revoltados e descontam toda raiva deles na criança, isso que ele explicou pra gente, ele disse provavelmente alguma mulher menstruada foi lá no garapé antes de vocês e aí eles ficam furiosos e descontam toda raiva deles em uma criança, principalmente quando ela não é batizada...

Bom resumindo... aí nessa segunda benzedeira ela falou que alguém tinha olhado com mau olho pra ele e também tinha esse problema do garapé e aí ela passou também um banho, aí pronto, o Guilherme ficou bem. Aí a gente as pressas organizamos o batizado dele, depois do batizado eu fiz questão de levar ele lá no mesmo garapé, quando a gente voltou pra São Miguel (comunidade Ramal dos Guedes), levamos ele pro garapé, eu fui lá, tomamos banho tudo mais, graças a Deus que nada de mais aconteceu.
E um fato interessante assim que é depois que a gente voltou de lá eu comentei com o Curica sobre isso né? Aí o Curica disse:

-Não eu não acredito nisso isso é.. a, a, a gente mesmo pode rezar e tudo mais.

E como no segundo dia a gente de lá veio pra Terra Alta e ele não estava bem que a gente levou nessa segunda rezadeira lá, eu disse pra Rosi ele, ele... já tinha melhorado né? Mas não estava 100%, ainda se assustava muito, qualquer coisa ele se assustava e aí ele começa a chorar, aí era umas sete horas da noite, aí eu disse:
- Rosi pra gente não passar mais uma noite sem dormir direito, então que tal a gente mesmo fazer umas orações com ele?
Aí a gente deu as mãos na cama ao redor dele e começamos a rezar, rezamos o Creio em Deus Pai colocando as mãos, intercedendo, fazendo intercessão sobre ele, rezamos o Pai nosso, Ave Maria e tá, tá... se pegamos com Deus, e eu tenho certeza absoluta que isso ajudou muito que a partir daí, ele teve uma noite maravilhosa, já acordou sorrindo no outro dia pronto.
E uma coisa assim, eu gosto muito de provas de ter certezas das coisas entendeu? Então o que aconteceu? Logo em seguida eu acho que no mês seguinte a gente já promoveu o batizado, e aí um mês depois a gente viajou pra São Miguel (Comunidade Ramal dos Guedes) e eu fiz questão de levar ele no mesmo igarapé, aí Rosi:

- Olhe não leve esse... eu vou, eu vou... com fé em Deus eu vou. Tomamos banho, nos divertimos e nada aconteceu mais, graças a Deus.

PRETINHO DO MIRITIZEIRO

Narrador – Heitor Guedes

Isso é história do... como diz o coisa dos pajé né? Que lá no miritizeiro tinha um, um pretinho que quando ele tava de frente.. pa, pa, pa berada né? Num se criava

criança nenhuma, quando ele virava de frente pro centro também não se criava criança nenhuma e também a gente quando ía nesse garapé, lá batiam muito em cima da prancha, eu acho que era eles sim que batiam lá... tinha vez que a gente tava no retiro lá e ouvia, puá, puá, puá. Foi, aí o miriteizo caiu, caiu ele foi embora. Isso é história do pajé que quando vinham rezar em criança, eles diziam, falavo sobre é, é,e esse, esse pretinho que morava lá, né?...

E uma vez no tempo que era mata, os pessoá correram atrás dum pretinho também lá na berrada, correro, correro, se meteu aonde tinha um.. tinha um jatobá grandão, aí disque ele entrou, thum, dentro do buraco, eles taparam lá. E também assoprava muito cavalo praí, nós tratava como cavalo marinho, mas disque cavalo marinho é um bichinho assim que dá na água... né? Assoprava assim, igual cavalo. Era capoeirão, depois disso foi embora tudo que ninguém viu mais não, depois que acabou fi- cou só juquira... foram embora tudinho.

Narrador - José Orlando (zé)

Mamãe contava que deixava roupa lá e sumia as roupas todinho. Só lembro que quando mexiam com ele lá, com o miritizeiro que ele.... que dava dor no dente dor na cabeça, jogava pedrada nele, aí dava dor no dente e dor na cabeça.
Eu lembro que Maria jogou uma pedra nele umas seis horas da tarde ficou quase doida de dor no dente e dor na cabeça se não fosse pra curador, num tinha ficado boa, ninguém podia mexer com ele.
Tio Quiquinho disse que ia derrubar ele e aí a noite todinha não dormiu que ele não deixou ele dormir.
Depois que caiu o miritizeiro eles foram embora se mudaram.

NARRATIVAS POPULARES

Narradora - Maria Luiza

A IRMÃ POBRE E A RICA
Isso é uma história que sempre as crianças gostavam muito de eu contar. Era uma menina, eram duas, era uma pobre, filha de pobre e uma dum rico né? Aí a do pobre tinha uma novilha né? Acho que era uma biserazinha, e, e a rica não tinha, além dela ser rica ela era invejosa, tudo o que a pobre adquiria ela tinha que, a mão dela tinha que com o pai tinha que comprar pra ela né? Aí quando foi um dia, ela ia indo no caminho, eu digo que é caminho né? Aí a vaquinha acompanhou ela, aí disse pra ela né? Deu uma varinha, aí disse assim:
- Essa varinha tudo o que tu pedir, tu alcança né?
Aí quando foi um dia ele, ela ia matar, não, não foi bem assim, a vaquinha disse:
- Tu manda me matar.
- Ela disse:
- Ah não!
- Não, não, mas tu vai ficar bem. Quando me matarem tu pega a, pede a tripa né? Aí tu vai pro garapé, chega lá e aí quando tu chegar lá pra onde tu alimpa, pra onde aquela tripa ir tu vai atrás, tu vai, se ela ir contra a água mas tu vai atrás.
E assim ela fez. Aí ela pediu a tripa e aí a que era rica disse assim:

- Um é só o que tu quer mesmo.
Ela pegou e foi pro garapé. Foi pá e aí o pedaço de tripa ia, pra onde o pedaço de tripa ia ela ia atrás. Quando chegou no porto do garapé ela saiu né? Então aquela.. era a casa das fadistas ne? E quando chegou lá na casa ela entrou na casa das fadistas. A tripa foi até na casa das fadistas no garapé das fadistas. Aí chegou lá tava tudo sujo, ela agarrou varreu, alimpou tudinho e então a varinha disse né? E falou disse assim:
- Quando as fadistas chegarem tu escuta o que elas vão dizer. A primeira entrou e disse assim:
- Fademos mana, fademos quem bem nos fez quando ela falar vai bota ouro pela boca.
Ela saiu e ficou, quando falava saia ouro. E a outra entrou:
- Fademos mana, fademos quem bem nos fez vai criar uma estrela de ouro na testa.
Assim foi, ela saiu, quando ela voltou que chegou na casa dela a dita rica viu, ela não podia falar. Aí ela disse:
- Ah mamãe bora!
Aí ela tinha uma que ela já tinha né? Quando a pobre falava era só ouro saia ouro e a estrela ela colocava a mão na testa. A rica tinha também uma vaca aí disse:

- Mamãe, mate a minha mamãe.Aí perguntou, ela disse assim:
- Olha tu não viste eu pedi, eu pedi né? Quando chegou no garapé das fadista eu saí, saí quando chegou lá tava tudo limpo eu agarrei sujei tudinho né sujei.
Ela fez cocô né, fez aquilo feio né? Aí as fadistas chegaram, a primeira disse assim:
- Fademos mana, fademos quem mau nós fez quando falar vai botar cocô pela boca.
Aí ela não podia falar que saia né? Aí a outra entrou:
- Fademos mana, fademos quem mau nós fez deverá nascer um chifre na testa. Aí ela ficou. Chegou, aí a mãe dela disse assim:
- Tá aí minha filha.

Aí ela pobre tinha uma redinha aí disse que ia numa festa, aí ela tava com a varinha, a vaquinha deu a varinha pra ela que tudo o que ela pedisse vinha.
Aí ela tava lá sozinha na redinha aí disse assim:
- Minha varinha que Deus me deu eu quero que tu me bote num, faça uma casa que fosse mobilhada de tudo, tudo, tudo.
Que nem bem ela fechou a boca ficou todinho né. Aí quando foi um dia ela disse que ia numa festa, chegou lá na festa, chegou no caminho ela disse botou a farinha pra cima e disse:
- Minha varinha de condão eu quero que tu me dê a roupa mais linda do mundo e um calçado pra mim chegar na festa...

Quando ela chegou na festa, no palácio, era a coisa mais linda e ela arrumou um namorado mais lindo, de mais bonito, bonito, bonito, pra todo canto que ela virava ele tava em cima, pra todo canto ele tava. E tava chegando a hora, que tinha a hora dela ir embora, que tinha a hora dela ir embora pa pra ela ficar na pobreza dela né? Pra ninguém não cismar. Aí o namorado em cima, aí ela saiu e ele saiu em cima e caiu, sai o sapato dela né, a dita que botava bosta tava também, mas não podia falar, a mãe dela no lado dizia:
- Minha filha não fala que, que vai sujar todinho o pessoal de cocô.
E pra onde ela ia a, a pobre bem vestida tava em cima, ai ela escapoliu e saiu e na

ida dela ela perde o sapato, caiu o sapato e ele ficou com esse sapato, achou o namorado dela né? O príncipe, aí ela quando a rica chegou com a mãe e ela tava dormindo:
- Taí mamãe eu não lhe disse que não era fulana que ela ta aqui do mesmo jeito mamãe com a roupa, não era ela mamãe.
Aí quando foi de manhã chegou o príncipe. Quem tinha perdido um sapato? Ele tinha achado um sapato e era da dita namorada que ele tava namorando e ele queria encontrar, aí disque ela foi, veio e disse assim:
- Minha filha não fala.
Se não era dela né? Mas quando então. Aí foi disse:
- Ah! Tem uma ali sentada no canto, mas com certeza não é dela não esse sapato.
Mas o príncipe disse:
- Mas chame ela.
Ela não podia falar né que botava ouro pela boca e a estrela na testa. O príncipe disse:
- Chame ela.
- Mas quando mamãe ela não pode vim que ela, aquela roupa dela ta feia mamãe.
- Não, mas chame, eu quero ver ela, chame ela.
Aí ela chamou. Quando ela chamou que ela chegou na inlharga dela foi que ela pegou a dita varinha e disse né? Foi na hora que ela colocou o rosto pra cima e disse, foi aquilo mais lindo que ele foi e casaram. Eu acho que até hoje ainda estão juntos. E a que botava bosta ficou só olhando.
E é por isso que tem o negócio que a gente não pode ter inveja dos outros, das coisas.
Essa história era a minha mãe que contava.

TIA ONÇA E O COELHO

Narrador – Zé Orlando

Tia onça convidou o coelho pra reparar o filho dela, aí quando tia onça chegou disse pro coelho:
- Traz meu filho pra mama.
Aí o coelho trazia, era três filhos, o coelho trazia, aí:
- Trz o outro.
Trazia, aí ele já mamava só um pouquinho.
- Traz o outro.
O coelho já trazia e não mamava mais.
Aí o coelho fazia uma boia de mais boa lá e tia onça comia e dizia:
- Ah... mais ta muito bom essa boia!
Tia onça o.. comendo os filhos dela e quando chegou no ultimo, quando foi um dia tia onça mandou chamar de novo, aí o ultimo filho pra mama, quando tia onça desconfiou, não tava, só tava um. Aí começou a confusão, aí tia onça sempre marcava pro coelho.
Quando foi um dia o ... a tia onça pegou e encontrou o coelho tirando cipó:
- Pra que é isso coelho?
- É pra se amarrar que vai da uma tempestade muito grande e vai levar todo mundo.
- Ah! Então me amarra logo!
E coelho chiiii... amarrou ela todinho, aí todo mundo que passava lá, me desamarra

daqui aí:
- Não tá muito com fome, quantos dias se tá aí?
- Tantos dias.
- Não a senhora tá muito com fome não vou desmanchar não.
Só quem desmanchou ela foi o cupim, comeram tudo o cipó. Aí ela ficou com raiva do coelho sempre.
Quando foi um dia de novo ela cavou, cavou a, um buraco aí o coelho chegou:
- O que é que tem aí tia onça?
Aí correu atrás do coelho, aí o coelho correu na frente entrou num buraco aí, aí urubu passou ai ela disse:
- Ei urubu repara pra mim aqui que eu vou pegar mais uma, uma enxada lá em casa.
Aí o coelho ficou lá dentro, aí disse pro urubu:
- Urubu, quando a gente tá reparando embiara dos outros a gente arregala bem o olho.
Urubu arregalou bem, ele pegou uma mão cheia de areia, pá, jogou na, na, no olho do urubu, urubu ficou esfregando o olho, o coelho passou ele nem viu. Tia onça chegou:
- Cadê?
- Tá ai.
- Mas olha lá urubu, tu reparou bem?
- Eu olhei tia onça, tá aí, pode olhar tá aí.
Aí... aí cavou, cavou chegou no final do buraco nada.
- Agora vou te comer.
O urubu disse assim:
- Tia onça, quando a gente vai comer embiara que está reparando, embiara dos outros, bicho que tá reparando os outros a gente joga três vezes pra cima.
Aí tia onça jogou o urubu a primeira vez, laphou , jogou a segunda laphou, caiu no chão de novo, jogou a terceira, urubu chiiiii... subiu... tia onça ficou lambendo a mão. Aí foi se embora. Aí tia onça ficou sempre com raiva do coelho. Teve uma festa num, num lugar aí o coelho não podia ir, aí o coelho pegou, tia onça queria comer ele, se melou de barro todinho, a primeira dama do coelho foi tia onça, aí sanfoneiro tocava de manhã, já tava amanhecendo e o sanfoneiro cantava: meu compadre Supriano o dia vai chegando, o barro vai partindo, o pelo ta aparecendo... o pelo ta aparecendo, o pelo ta aparecendo (risos)...

Aí tava pra amanhecer o coelho abriu, foi embora quando foi outro dia, tia onça foi esperar ele no bebedor, o coelho ficou, ficou, ficou, ficou com sede, quase morto de cede e num, num... e tia onça lá esperando. Aí o coelho pegou se melou de... se melou todinho de leite e se enrolou na folha, aí se enrolou na folha todinho. Aí o coelho foi bebeu água, bebeu água e olhava pra tia onça. Aí tia onça ficou olhando e dizia:
- Mas que bicho folhara que tanta água beberá.
Bebeu, bebeu foi embora e ainda gritou pra tia onça, tia onça partiu em cima dele... que pegar nada.
Até hoje o coelho virou embiara da tia onça e do gato.

2

COMUNIDADE E NARRADORES

Foto 1- comunidade Ramal dos Guedes

(Foto do arquivo pessoal de Kátia Guedes)

Foto 2- comunidade Ramal dos Guedes

(Foto do arquivo pessoal de Kátia Guedes)

Foto 3 – casa de farinha (retiro), creche e escola desativadas

(Foto do arquivo pessoal de Kátia Guedes)

Foto 4 – Igarapé açu local onde morava o Pretinho do Miritizeiro

(Foto do arquivo pessoal de Kátia Guedes)

Foto 5 – Igarapé que João levou o seu filho, João Guilherme

(Foto do arquivo pessoal de Kátia Guedes)

Foto 6 – Seu Heitor Guedes

(Foto do arquivo pessoal de Kátia Guedes)

Foto 7- Dona Maria Luiza

(Foto do arquivo pessoal de Kátia Guedes)

Foto 8- Seu Abelardo Guedes

(Foto do Arquivo pessoal de Kátia Guedes)

Foto 9 - Narradora Maria do Socorro

(Foto do arquivo pessoal d e Kátia Guedes)